



o Banco Nacional Ultramarino é uma referência para todos aqueles que, ao longo de mais de um século de actividade, nos privilegiaram com a sua preferência.

Orgulhamo-nos da nossa história e do apoio que sempre demos e recebemos da comunidade local.

Hoje, como ontem, acreditamos no futuro e o apoio da Caixa Geral de Depósitos, um dos maiores grupos financeiros europeus, com uma vasta e abrangente rede de balcões em 20 Países da Europa, Ásia, África e Américas, permite ao BNU optimizar o seu conhecimento local com uma profunda experiência internacional e colocar ao seu dispor um conjunto de soluções criativas, dinâmicas e integradas.

Porque estamos determinados a ser bem sucedidos, acreditamos que o BNU é o seu Parceiro de Negócio em Macau.





DIRECTOR

Victor Chan Chi Ping

DIRECTOR EXECUTIVO

Alberto Au Kam Va

EDITOR EXECUTIVO

Fernando Sales Lopes

PROPRIEDADE

Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau **ENDERECO**

Avenida da Praia Grande, nº 762 a 804 Edif. China Plaza, 15° andar, Macau Tel: +(853) 2833 2886 Fax: +(853) 2835 5426 e-mail: info@gcs.gov.mo

PRODUCÃO. GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO

Delta Edicões, Lda.

Tel: + (853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601

EDITOR

Luís Ortet

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Vanessa Amaro

COORDENAÇÃO DE FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro

DIRECCÃO GRÁFICA

Rita Ferreira

KauTim - Productive Creations, Ltd

COLABORAM NESTA EDIÇÃO:

Texto: Alexandra Lages, António Larguesa (Portugal), Diana do Mar, Filipa Queiroz, Hélder Beja, José Morais Simões, Luciana Leitão, Lurdes Escalera, Nuno G. Pereira e Paulo Barbosa Fotografia: Gonçalo Lobo Pinheiro e Paulo Cordeiro (Portugal) TRADUÇÃO: Cherry Lee

FOTOGRAFIA DA CAPA: Gonçalo Lobo Pinheiro

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E PUBLICIDADE

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues, 600 E Edif. Centro Comercial "First International" 14° andar, Sala 1404

Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601 e-mail: contacto@revistamacau.com

www.revistamacau.com

IMPRESSÃO: Tipografia Welfare, Macau

TIRAGEM: 3 000 exemplares

ISSN: 0871-004X

PREÇOS POR ASSINATURA ANUAL

ANGOLA: AOA 2,620.00 | BRASIL: BRL 56.00

CABO VERDE: CVE 2,459.00 I GUINÉ-BISSAU: XOF 14,634.00 MACAU: MOP 100.00 I MOCAMBIQUE: MZM 771.00

PORTUGAL: EUR 22.00 | S.TOMÉ E PRINCÍPE: STD 546,445.00 TIMOR-LESTE: USD 28.00 | RESTO DO MUNDO: USD 35.00

Macau



Aos seus leitores residentes da RAEM. a revista MACAU procura oferecer uma informação complementar da notícia diária, aiudando-os a conhecer e compreender a realidade local de uma maneira mais aprofundada. Aos leitores dos diversos países

de língua portuguesa, apresenta os diversos aspectos da realidade de Macau, quer como plataforma para a cooperação económica e cultural entre a China e o mundo lusófono quer como território chinês com uma riqueza histórica e humana particular.

È nessa linha que publicamos nesta edição um trabalho sobre os bairros antigos de Macau. Pelo que ainda hoje preservam do passado multicultural do território, eles constituem uma das marcas da identidade local. Há que ter em conta que em 2005 o Centro Histórico de Macau passou a fazer parte da lista de património mundial da UNESCO. São vários séculos de história que podem ser visitados ao passear por essas zonas da cidade.

Aliás, como mostramos num outro artigo, há que ter em conta que, entre os milhões de visitantes que anualmente demandam Macau, há quem se sinta atraído exactamente pela sua faceta cultural e única.

Quanto à componente económica da cooperação entre a China e os países de língua portuguesa, referimos nesta edição o exemplo da exportação de rochas ornamentais portuguesas para a China, que tem vindo a crescer, passando, no espaço de apenas dois anos, de 7,6 a 12,4 por cento do total das exportações desse sector.

Entre muitos outros temas abordados nesta edição gostaríamos de destacar ainda a publicação de um texto da académica Lurdes Escaleira, docente do Instituto Politécnico de Macau, em que passa em revista as obras de autores macaenses do século XX.

LUÍS ORTET

ÍNDICE

PRIORIDADE MÁXIMA: POPULAÇÃO

As Linhas de Acção Governativa para 2013, **10**

POLÍTICAS PARA A EDUCAÇÃO LUSÓFONA

Fórum reúne especialistas em Macau, 12 Nuno G. Pereira

ENCONTRO DE CULTURAS DO PORTUGUÊS

Festival da Lusofonia, 16 Goncalo Lobo Pinheiro

NOS TEMPOS EM QUE MACAU ERA BAIRRISTA

Histórias dos bairros da cidade, 28

Paulo Barbosa

PARA ALÉM DO JOGO

Os outros turistas, **44** Luciana Leitão

A NOVA RAEM

Uma década da liberalização do jogo, **52** Diana do Mar

PEDRAS PORTUGUESAS ROLAM PARA CHINA

Exportações em alta, 60

António Larguesa

À MESA COM PASCOAL CASANOVA

Francofonia com sabores portugueses, **70** Hélder Beja

LETRAS MACAENSES

Breve antologia dos escritores de Macau, **74** Lurdes Escalera

A FORMA MILENAR DE FAZER CONTAS

Ícones chineses - O ábaco, 92

RELÍQUIAS DE ZHAOQING

Importância a presença portuguesa em Macau, 96 José Morais Simões

ARQUITECTURA. LIVROS E UNESCO

Sala de leitura da Escola Portuguesa premiada, **106** Hélder Beia

MEMÓRIAS DE LONGAS BATALHAS

Perfil do jornalista veterano Chan Tai Pak, 112 Alexandra Lages

ROMANCE BRASILEIRO EM CHINÊS

Cristóvão Tezza e o seu Filho Eterno, 118

SECÇÕES

Aconteceu, 4 Cartaz, 122 Memórias, 128

BAIRROS DE MACAU

Dividida em tempos em cidade cristã e cidade chinesa, a estrutura antiga dos bairros da cidade demarcava posições de poder, onde havia pouca interacção além muralhas entre os habitantes.

p. 28

LIBERALIZAÇÃO DO JOGO

Aas feições da cidade e está a pôr Macau na rota internacional do turismo de alta qualidade.

p. 52

PEDRAS ORNAMENTAIS PORTUGUESAS

om a Europa em crise, os empresários portugueses do sector das rochas ornamentais viram-se para as grandes economias emergentes. As pedras portuguesas ganham adeptos por todo o mundo, com a China a liderar a demanda.

p. 60

MEMÓRIAS NA PRIMEIRA PESSOA

China Tai Pak é um jornalista veterano de Macau que combateu a invasão japonesa à China de caneta na mão. Ao longo de mais de 70 anos de carreira, este homem escreveu a história de Macau e não só.

p. 112

^{*} Os artigos assinados expressam as opiniões dos seus autores e não necessariamente as da Revista Macau.



COLECCIONE SELOS DE MACAU Collect Macao's Stamps





















澳門議事亭前地 Largo do Senado, Macas





ACONTECEU



22%

foi quanto cresceu o número de turistas que visitaram a RAEM em Setembro

Enfrentar desafios e aproveitar oportunidades

O Chefe do Executivo da RAEM, Chui Sai On, sublinhou que Macau deve aproveitar as oportunidades e enfrentar activamente os desafios trazidos pela inconstante economia mundial. Ao discursar na cerimónia do 63.º aniversário da implantação da República Popular da China, Chui Sai On disse que Macau tem de trabalhar para "acelerar o processo de construção do Centro Mundial de Turismo e Lazer e afirmar o seu papel enquanto plataforma de serviços comerciais entre a China e os países de língua portuguesa, promovendo o desenvolvimento da diversificação adequada da economia".

Fórum debate futuro da juventude

Cerca de 200 especialistas de Macau, interior da China, Taiwan e Hong Kong juntaram-se no final de Setembro para debater três grandes temas: "Políticas e Desenvolvimento Integral da Juventude nas Quatro Regiões dos Dois Lados do Estreito", "A Participação Social dos Jovens e o Desenvolvimento do Trabalho de Voluntariado" e "A Educação Civil dos Jovens e o Plano para a Vida".

China vence concurso de fogo de artifício

A empresa chinesa Panda Fireworks Group Co. foi a grande vencedora da 24.ª edição do Concurso Internacional de Fogo de Artificio de Macau, no dia do 63.º aniversário da implantação da República Popular da China, a 1 de Outubro. O segundo lugar do concurso foi conquistado pela francesa Lacroix - Ruggieri e o terceiro pelos australianos da Infinity Pirotechnic.

Município de Foshan aberto à lusofonia

O município de Foshan, na Província de Guangdong, está disponível para aprofundar a cooperação com Macau e com os países de língua portuguesa. A ideia foi deixada por Ma Liangzhao, dirigente do Partido Comunista da cidade chinesa, no "Encontro para a Cooperação e Intercâmbio entre as Câmaras de Comércio de Foshan, Macau e os Países de Língua Portuguesa", em Setembro. Segundo o dirigente, o município tem os seus serviços e funcionários públicos já aptos para coordenar e dar apoio ao desenvolvimento da plataforma de ligação.



6

patacas é quanto o Governo vai atribuir a instituições que organizem actividades para a educação cívica de jovens

RECEITAS DA INDÚSTRIA **HOTELEIRA EM 2011**

+ 240%

formação bruta de capital fixo alcançou 16,59 mil milhões de

+79%

dos trabalhadores empregados em hotéis de cinco estrelas

63 hotéis

+35%

despesa global de 15,48 mil milhões de patacas

+32%

total de receitas de 18,83 milhões de patacas

pensões

+24% 33.052 trabalhadores

* Dados referentes ao 1.º trimestre de 2012

Fonte: Direcção dos Serviços de Estatística e Censos

Fórum Macau volta-se para as PME

O Centro de Formação do Fórum de Macau lançou, no início de Setembro, uma sessão para analisar a capacitação das pequenas e médias empresas dos países de língua portuguesa. Ao todo, 27 representantes de Angola, Brasil, Cabo Verde, Moçambique e Portugal reuniram-se na RAEM, para participarem durante 15 dias de palestras temáticas, intercâmbios e visitas, com vista a analisar a estratégia de desenvolvimento de cooperação entre as empresas chinesas e as dos países de língua portuguesa.

MIF supera expectativas

A Feira Internacional de Macau (MIF) encerrou a edição deste ano com 88 protocolos assinados, numa subida que fica acima dos 8,64 por cento face ao ano anterior. Destes, dez protocolos foram selados por países lusófonos, incluindo Portugal. Dados da organização referem que se contam 42 acordos, 24 contratos, dez cartas de intenção e 12 memorandos. Além disso, é sublinhado que a maioria dos protocolos envolve pequenas e médias empresas de Macau. Estão abrangidas áreas como o turismo, a cultura, o ambiente, e as exposições e convenções.

World Press Photo de visita a Macau

Macau voltou a receber entre Outubro e Novembro a exposição World Press Photo, no recém-inaugurado Sands Cotai Central. A mostra itinerante, que chegou à RAEM pela mão da Casa de Portugal em Macau, é apresentada em cerca de 100 espaços em todo o mundo e inclui mais de 160 fotografias. Na edição de 2012, o World Press Photo atraiu 5247 fotógrafos de 124 países, tendo sido apresentadas a concurso 101.254 imagens.

Governo autoriza construção de novos casinos

As operadoras de jogo MGM China e a SJM obtiveram a autorização do Governo de Macau para a construção de novos casinos, que deverão abrir portas depois de 2015. O Executivo vai conceder terrenos às duas empresas na zona do Cotai, onde já marcam presença as concorrentes Sands China, Melco Crown e Galaxy.

milhões de patacas foi quanto o Governo investiu na remodelação do centro de actividades Juvenis do Porto Exterior, inaugurado em Outubro no Fórum de Macau



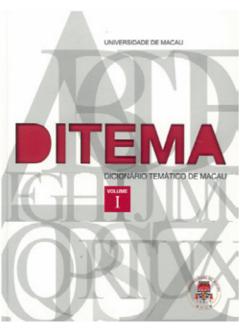
Gulbenkian e Instituto Cultural divulgam cultura portuguesa

A Fundação Calouste Gulbenkian de Portugal e o Instituto Cultural de Macau assinaram em Outubro, em Lisboa, um protocolo de cooperação para a divulgação da cultura portuguesa no território asiático. No protocolo, assinado pelo presidente da fundação com sede em Lisboa, Artur Santos Silva, e pelo presidente do instituto da RAEM, Ung Vai Meng, as duas partes comprometem-se a colaborar nas áreas das artes visuais e das artes performativas contemporâneas.

106
crianças foram inscritas no
Jardim de Infância D. José
da Costa Nunes este ano, um
aumento de 50% em relação
ao ano anterior

Macau ganha Dicionário Temático

Foi apresentado em Outubro o Dicionário Temático de Macau, uma obra que contou com a colaboração de 120 investigadores e levou 13 anos a estar concluída. A ideia original partiu do professor António Baptista e foi coordenado pela académica Maria Antónia Espadinha, da Universidade de Macau. O dicionário inclui temas que vão das personalidades importantes até à economia, passando pela arte ou a geografia.



Casamento de turistas ganha novo impulso

Desde o início do mês de Novembro, a Direcção dos Serviços de Turismo pôs em marcha o Plano de Incentivo ao Turismo de

Casamentos, com o objectivo de atrair mais empresas da indústria dos casamentos a trazerem noivos para Macau. O plano prevê incentivos para os turistas que se decidam casar em Macau, trazendo ao território pelo menos 50 convidados não locais que pernoitem duas noites consecutivas em hotéis locais.

Mudanças na direcção dos Serviços de Turismo

João Manuel Costa Antunes, à frente dos Serviços de Turismo de Macau desde 1988, deixará o cargo a 20 de Dezembro. Helena Senna Fernandes, actual subdirectora dos serviços, vai substituir Costa Antunes, que continua, no entanto, a liderar a comissão organizadora do Grande Prémio de Macau.

876.000
pessoas utilizaram o Aeroporto
Internacional de Macau entre

Internacional de Macau entre Julho e Agosto, um acréscimo de 13% comparativamente aos mesmos meses do ano passado



Escritores brasileiros traduzidos para chinês

Obras de três escritores brasileiros vão ser traduzidas ao longo do próximo ano para chinês, numa iniciativa que contará com a colaboração de estudantes da Universidade de Macau sob a coordenação da académica Márcia Schmaltz. O Homem que Sabia Javanês de Lima Barreto, Macário de Álvares de Azevedo e Laranja da China de Alcântara Machado são as obras que ganham agora uma versão chinesa.

revista MACAU · Dezembro 2012

TRANSPORTES E COMUNICACÕES

Janeiro a Setembro de 2012

213.992

veículos em circulação (+5%)

114.170

motociclos (53% do total)

85.420

automóveis ligeiros

13.128

novas matrículas (-1%)

10.981

acidentes de viação (+6%)

3956 vítimas, 12 delas mortais

3.293.805

viaturas cruzaram as fronteiras (+8%)

28.246

voos comerciais no Aeroporto Internacional (+7%)

84.929

viagens de barco entre Hong Kong e Macau (-7%)

20.023

viagens de barco entre Macau e a China (+8%)

1.532.619 utentes de telemóvel (+19%)

163.449 utentes de linhas telefónicas fixas (-2%)

224.663

assinantes do serviço de Internet fixa (+10%)

493 milhões

de horas na Internet (+29%)

*Dados referentes ao primeiro semestre de 2012

Fonte: Direcção dos Serviços de Estatística e Censos

Consulado de Portugal com novo cônsul

O Consulado-Geral de Macau vai ser liderado por Vítor Sereno que deixa as funções de chefe de gabinete do ministro adjunto e dos Assuntos Parlamentares, Miguel Relvas. Diplomata desde 1997, com missões em vários países, a mudança de Vítor Sereno, 40 anos, nascido em Coimbra, insere-se na segunda grande movimentação diplomática levada a cabo por Paulo Portas envolvendo 23 postos de embaixador e chefe de missão. Manuel Cansado de Carvalho, cônsul na RAEM nos últimos dois anos, deixa o cargo no final deste mês.



Cerca de 2000 artistas vão desfilar pelas ruas de Macau a partir das Ruínas de São Paulo no dia 20 de Dezembro, no âmbito de uma 'megaparada' multicultural para assinalar o 13.º aniversário da transferência do exercício de soberania de Portugal para a China. No "Desfile por Macau, Cidade Latina" vão participar artistas e grupos oriundos de mais 20 países. O programa inclui actuações da Association Colombie Côte d'Azur, dos franceses Les Chimères, do



9

Ballet Folclórico del Estado de México, dos peruanos Qhapaq Negrole Chanta A La, dos Sbandieratori Principi D'Acaja de Itália, Diabolo Dance Theatre de Taipé, contando também com a participação de 40 associações e grupos locais.



Macau conquista quinto título asiático no hóquei

A selecção masculina de hóquei em patins da RAEM conquistou no final de Outubro o título de campeã asiática pela quinta vez seguida, ao derrotar no último jogo a formação da Índia por 6-3. Com esta vitória, Macau passa a ter nove títulos asiáticos em 16 campeonatos disputados. A equipa disputa até ao início de Dezembro o Mundial B no Uruguai, tendo como objectivo ganhar experiência em competições internacionais e ascender para o mais alto escalão do hóquei.

www.revistamacau.com



Português Félix da Costa no lugar mais alto do pódio O português António Félix da Costa (Dallara Volkswagen)

O português António Félix da Costa (Dallara Volkswagen) venceu a 18 de Novembro a Taça Intercontinental da FIA em fórmula 3, fazendo com que a bandeira de Portugal fosse hasteada pela primeira vez nesta categoria disputada em Macau. Já o britânico Michael Rutter (Honda 1000) reforçou o seu próprio recorde de vitórias no Grande Prémio de Motociclismo ao vencer a prova pela oitava vez.

Fotos Gonçalo Lobo Pinheiro

CLASSIFICAÇÕES

Fórmula 3

- 1.º António Félix da Costa (Portugal)
- 2.º Felix Rosenqvist (Suécia)
- 3.° Alex Lynn (Reino Unido)

Carros de Turismo – Primeira corrida

- 1.° Yvan Muller (França)
- 2.º Alain Menu (Suíça)
- 3.º Tiago Monteiro (Portugal)

Carros de Turismo – Segunda corrida

- 1.º Alain Menu (Suíça)
- 2.º Robert Huff (Reino Unido)
- 3.° Yvan Muller (França)

Motociclismo

- 1.º Michael Rutter (Reino Unido)
- 2.º Martin Jessopp (Reino Unido)
- 3.° Simon Andrews (Reino Unido)









2013 MIECF

Macao International Environmental Co-operation Forum & Exhibition 澳門國際環保合作發展論壇及展覽



中華人民共和國澳門特別行政區政府 Government of the Macao Special Administrative Region of the People's Republic of China



SUSTAINABLE CITIES — THE WAY TOWARDS A GREEN FUTURE

關注環保·親近自然·分享樂活 Thinking Green・Going Clean・Living Cool

> 2013年3月21 - 23日·澳門 21 - 23 March 2013 · MACAO

www.macaomiecf.com





GOVERNAR COM BOM AMBIENTE

O Chefe do Executivo, Chui Sai On, anunciou as Linhas de Acção Governativa para 2013, mantendo como objectivo principal a melhoria generalizada das condições de vida de todas as franjas da população. Com o território a viver grande saúde financeira, o seu crescimento vai naturalmente manter-se. Agora, porém, numa nova fase, de maior preocupação ambiental e combate às assimetrias, definida como "desenvolvimento sustentável"

Texto Nuno G. Pereira

Melhorar o bem-estar da população e planear o desenvolvimento a longo prazo." É este o resumo das Linhas de Acção Governativa (LAG) para 2013, apresentadas na Assembleia Legislativa de Macau pelo Chefe do Executivo, Chui Sai On, a 13 de Novembro. Um conjunto de objectivos que mantêm as políticas já iniciadas por este Governo, em particular no que diz respeito ao apoio das classes mais desfavorecidas, incluindo inúmeras vantagens para os idosos e melhorias para todos na saúde, e ao desenvolvimento continuado da economia. Neste último ponto, o Executivo afirmou que o território entra numa nova fase, mais preocupada com o ambiente e os equilíbrios, assumida como "desenvolvimento sustentável".

O Chefe do Executivo começou por pormenorizar os enormes ganhos financeiros de Macau, com PIB real de 12,6% no primeiro semestre do ano e desemprego quase residual, fazendo depois uma análise geral bastante positiva dos resultados da governação em 2012.

A primeira parte do discurso falou de medidas

concretas de apoio directo à população, centradas principalmente em subsídios e isenções. Chui Sai On adiantou que serão injectados 37 mil milhões de patacas, de 2013 a 2016, no Fundo de Segurança Social, estando ainda em consideração um aumento da percentagem da dotação de receitas brutas do jogo para este fundo. A pensão para idosos é incrementada para 3000 patacas e o índice mínimo de subsistência sobe para 3360. Mantém-se também o Plano de Comparticipação Pecuniária, que será aumentado: 8000 patacas para residentes permanentes e 4800 para residentes não permanentes. O Subsídio para Idosos é também maior, ficando em 6600 patacas.

Na saúde, além da vasta gama de isenções e um generalizado serviço gratuito, há um investimento de milhares de milhões de patacas em infraestruturas, rumo ao objectivo de um sistema de saúde altamente eficaz até 2020. Para o próximo ano, fica garantida a conclusão da ampliação do Edificio de Urgência do Complexo Hospitalar Conde de São Januário e a construção do novo centro de saúde da Taipa.

Na Educação, continua o crescimento acentuado dos investimentos. Para o ensino não superior, o orçamento em 2012 foi de 4160 milhões de patacas. Em 2013 será de 5250 milhões, o que representa um aumento de mais de 26%. Para o ensino superior, surgem mais bolsas, em número e montante, assim como um alargamento dos limites de rendimento médio mensal per capita dos membros do agregado familiar dos candidatos. Mantêm-se subsídios (como o que ajuda a aquisição de material escolar, por exemplo) e várias isenções. A nível estrutural, o novo campus da Universidade de Macau na Ilha da Montanha promete abrir uma nova página no desenvolvimento do ensino superior do território.

HABITAÇÃO CONTROLADA

O Governo irá continuar a intervir positivamente na habitação, com acções de regulamentação, sem desrespeitar o mercado, mas, acima de tudo, criando condições para que quem mais precisa possa adquirir habitação. Relativamente à habitação social, o limite será aumentado em função do ajustamento do valor do risco social. Apesar da escassez de espaço em Macau, o Governo garantiu nas LAG que, além das milhares de unidades de habitação pública em finalização, já antes anunciadas, continuará a proporcionar reservas de terrenos para a construção deste tipo de habitação.

Com a aplicação das subvenções e das comparticipações, o Executivo prevê despesas na ordem dos 9773 milhões de patacas. Mas não é tudo - com a manutenção de medidas de redução e isenção fiscal (além de melhorias e novas medidas), o Governo deixará de receber receitas num valor aproximado de 1612 milhões de patacas. Nesta área, destaca-se por exemplo o ajustamento da percentagem de redução no imposto profissional da população activa (de 25 para 30 por cento), com limite da isenção em 144 mil patacas; a isenção da contribuição predial urbana até 3500 patacas; e o valor de 200 mil patacas de matéria colectável a beneficiar de isenção do imposto complementar sobre rendimentos (era de 32 mil patacas).

CENTRO DE TURISMO E LAZER

A segunda parte da intervenção do Chefe do Executivo teve como conteúdo o futuro de Macau enquanto centro mundial de turismo e lazer. Rigor na gestão e aplicação orçamentais, monitorização permanente do ritmo do desenvolvimento do sector do jogo e impulsionamento das outras indústrias continuarão a ser linhas-mestras da acção governativa.

No próximo ano, entra em funcionamento o Fundo das Indústrias Culturais e Criativas, assim como haverá apoio continuado genérico à formação profissional e aos empreendedores. Além disso, a integração económica regional com os territórios adjacentes e o fomento dos negócios com o interior da China e os países de língua portuguesa são acções de contínuo investimento, com vantagens previstas para negócios locais que queiram partilhar esta aposta, incluindo pequenas e médias empresas (PME). Nos transportes, anuncia-se que o metro ligeiro terá um papel crucial e que serão concluídas as obras do Novo Terminal Marítimo de Passageiros da Taipa, para concretizar a sua abertura ao público no início de 2014

ACÇÕES COM SINAL MAIS

São inúmeras as medidas incluídas nas LAG anunciadas em detalhe por Chui Sai On, tendo em comum o quadro financeiro altamente positivo que as suporta e a intenção assumida de serem todas pensadas em prol do bem-estar da população. Eis algumas das mais relevantes.

ADMINISTRAÇÃO E JUSTICA

- Manutenção do conceito de Governação Científica nos processos decisórios
- Duplicação de estruturas e sobreposição de serviços, amplamente estudadas, irão sofrer ajustamentos
- Revisão da Lei de Bases da Organização Judiciária
- Comissariado contra a Corrupção e Comissariado da Auditoria com acções reforcadas
- Estudo sobre a criação de um regime de gestão de desempenho do Governo

ECONOMIA E FINANÇAS

- Ajustamento da percentagem de redução no imposto profissional da população activa, de 25% para 30%
- Isenção da contribuição predial urbana até 3500 patacas
- 200 mil patacas de matéria colectável a beneficiarem de isenção do imposto complementar sobre rendimentos (era de 32 mil patacas)
- Apoio às pequenas e médias empresas
- Intensificação da formação profissional e dos estímulos a empreendedores

SEGURANÇA

- Incrementar o recurso às novas tecnologias para melhorar eficácia policial
- Promover a segurança rodoviária, prevenindo e reprimindo a condução perigosa
- Mais policiamento comunitário e de proximidade
- Introdução de novas modalidades que facilitem os serviços alfandegários sem papel
- Mais prospecção de talentos e acções de formação profissional

ASSUNTOS SOCIAIS E CULTURA

- Injecção de 37 mil milhões de patacas, de 2013 a 2016, no Fundo de Segurança Social
- Pensão para Idosos sobe a 3000 patacas, Subsídio para Idosos aumenta para 6600 patacas
- Plano de Comparticipação Pecuniária aumentado: 8000 patacas para residentes permanentes e 4800 para não permanentes
- Aumento em número e montante das bolsas para ensino superior
- Entrada em funcionamento do Fundo das Indústrias Culturais e Criativas

TRANSPORTES E OBRAS PÚBLICAS

- Cerca de 80% da população abrangida pelos critérios de acesso à habitação económica e social
- Ampliação do Edifício de Urgência do Complexo Hospitalar Conde de São Januário e construção do novo centro de saúde da Taipa
- Concluídas as obras do Novo terminal Marítimo de Passageiros da Taipa
- Plano de financiamento, com orçamento previsível de 400 milhões de patacas, para substituição dos veículos poluentes
- Introdução na Taipa do primeiro percurso de autocarro eléctrico

ENSINO SUPERIOR LUSÓFONO GANHA FORÇA

O Instituto Politécnico de Macau foi o palco da conferência que juntou figuras de topo do ensino superior dos países e regiões onde se fala português. Sob chancela da associação FORGES, debateram-se estratégias e marcaram-se objectivos ambiciosos

Texto Nuno G. Pereira



azer do ensino superior lusófono uma força também superior é o principal objectivo do Fórum da Gestão do Ensino Superior nos Países e Regiões de Língua Portuguesa (FORGES). Constituído por figuras prestigiadas de inúmeras instituições de ensino, esta associação deu um passo decisivo para o seu crescimento com a realização da 2.ª Conferência. A reunião decorreu nos dias 6, 7 e 8 de Novembro, em Macau.

A escolha do local teve um simbolismo particular, como explica Luísa Cerdeira, docente da Universidade de Lisboa e dirigente do FORGES. "Há outras estruturas que dizem 'países de língua portuguesa', mas nós fizemos questão de pôr 'países e regiões de língua portuguesa' na nossa sigla. Macau é um ponto em que nos reconhecemos, na tradição e na cultura, e tem duas pujantes instituições de ensino superior: a Universidade de Macau (UMAC) e o Instituto Politécnico de Macau (IPM). O próprio IPM, na figura do professor Lei Heong Iok, ficou na direcção do FORGES e por isso vai acompanhar os trabalhos desta rede. Tem um papel activo, porque no fundo as questões da gestão do ensino superior em Macau são também questões que vão enriquecer este nosso espaço de debate."

Depois da 1.ª Conferência, onde o projecto ganhou dinâmica, realizada nas universidades de Lisboa e Coimbra, o novo encontro elegeu os corpos sociais do FORGES para o próximo triénio e marcou novos objectivos. Acima de tudo, mantém-se a ideia inicial de desenvolver uma rede activa e eficaz. "Vamos continuar a fazer a consolidação do FORGES, a ganhar mais sócios individuais (professores e pessoal não docente), assim como a adesão de mais instituições de ensino. Queremos discutir as políticas e as questões que se colocam aos estabelecimentos que gerem o ensino superior. Para isso vamos dar continuidade à organização anual de uma conferência, promover a publicação e a elaboração de artigos científicos, organizar a primeira visita de estudo entre instituições (deverá ser em Lisboa) e outras actividades de formação. O trabalho será estruturar e alargar esta rede no espaço dos países que falam a língua portuguesa."

Fizemos questão de pôr 'países e regiões de língua portuguesa' na nossa sigla. Macau é um ponto em que nos reconhecemos, na tradição e na cultura, e tem duas pujantes instituições de ensino superior: a Universidade de Macau (UMAC) e o Instituto Politécnico de Macau (IPM)"

LUÍSA CERDEIRA

TRÊS IDEIAS FORTES

A 2.ª Conferência do FORGES teve como título "Por um Ensino Superior de Qualidade nos Países e Regiões de Língua Portuguesa", centrandose em três aspectos: políticas públicas de desenvolvimento e de reforma do ensino superior; financiamento e internacionalização do ensino superior no contexto da globalização, e avaliação e garantia da qualidade do ensino superior.

No balanço do encontro, Luísa Cerdeira salienta que as linhas gerais em discussão foram muito enriquecedoras. "Há uma grande preocupação com a garantia da qualidade, em perceber como é que se pode crescer respeitando este compromisso. Muitos países precisam de aumentar o seu nível de escolarização e dar acesso a camadas mais alargadas da população, fazendo-o ao mesmo tempo que promovem a qualidade. Para tal, faz sentido associar educação, formação e investigação científica." relação financiamento ao internacionalização, afirma que muitos países procuram encontrar modelos de afectação de recursos mais objectivos. "Moçambique, por exemplo, apresentou um modelo de financiamento que pode dar clareza à forma como são aplicados os recursos públicos. A discussão centrou-se muito neste ponto: como e em que quantidade deve a riqueza de um país ser aplicada na área da educação."

www.revistamacau.com 15



* Luísa Cerdeira do FORGES

revista MACAU · Dezembro 2012

Aspolíticas públicas de apoio ao desenvolvimento, "uma matéria muito presente e necessária em todos os países", constituíram o terceira tema debatido. Apesar das dificuldades económicas que alguns países enfrentam, uma nota obteve unanimidade: "é preciso continuar a apostar no desenvolvimento e na educação".

A 3ª Conferência do FORGES, em 2013, ficou marcada para Pernambuco, no Brasil.

ASSIM NASCEM PARCERIAS

È um objectivo do FORGES apontar para a uniformização do ensino superior dos países de língua portuguesa? Luísa Cerdeira rejeita a terminologia, embora adiante que a mobilidade entre licenciados de diferentes países lusófonos é importante. "A língua obviamente é um denominador comum, mas não gosto da palavra uniformizar. Não tem que ser tudo igual. O que podemos ter, e foi um repto aqui lançado como tema para a próxima conferência, é a forma de reconhecimento dos graus e de acreditação dos cursos. Alguém que é licenciado em História em Macau, por exemplo, deve ter o seu grau reconhecido noutro país. Alguns dos oradores colocaram o problema. Contudo, a solução está na esfera do decisor político e ultrapassa o âmbito do FORGES." De qualquer maneira, não é um problema sem solução. "Já há formas de ultrapassar a questão, através de programas e cursos de dupla titulação, em que os alunos ficam com o grau nas duas instituições que estão em parceria. Teremos que trabalhar no sentido de obter outras soluções, para haver confiança nos diversos sistemas de ensino e ver como é que a acreditação pode ser conseguida. É um dos temas na ordem dos trabalhos para o futuro."

Entre os diversos países e regiões da lusofonia há diferenças, como é óbvio, nomeadamente no que diz respeito ao estado do seu ensino superior e à capacidade económica. O FORGES pode ser um dinamizador de apoios e parcerias, ao estabelecer uma rede em constante desenvolvimento.

"O pôr em contacto é sempre a primeira ajuda, quando nós conhecemos o outro. Há projectos de investigação que podem ser feitos a partir daí, quando se fecham portas de financiamento de um lado podem abrir-se de outro. Tivemos

aqui, por exemplo, membros dos governos de Angola e Moçambique, quem sabe não surge um intercâmbio, associando investigadores e parceria de financiamentos."

Falar em troca de *know how* por financiamento é uma abordagem demasiado simplista, mas uma parceria só pode resultar com vantagens para todas as partes envolvidas. "Portugal e Macau possuem uma taxa de escolarização de ensino superior bastante alta. Por isso, têm formação de pessoal docente e de investigação de alto nível, que pode ser um instrumento para outros países. Mas são esses países que sabem o que lhes interessa. O nosso objectivo é pôlos em contacto, incentivar a colaboração, ser um facilitador nessa matéria. Não somos uma agência de financiamentos nem de colocação de projectos, mas é natural que surjam parcerias, as redes formam-se assim. Por exemplo, se conheço um colega moçambicano que está a estudar algo da mesma área científica que eu, posso convidá-lo para concorrermos juntos a um apoio da União Europeia. O contacto facilita isso."

REDE DE QUALIDADE

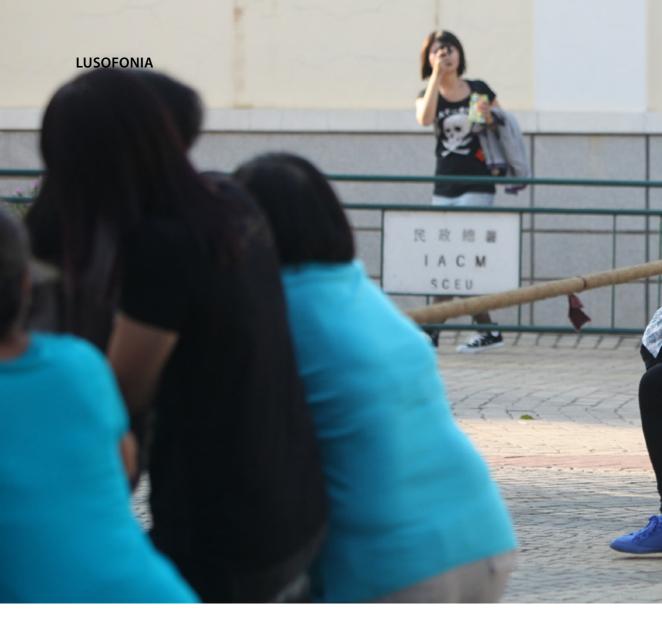
O FORGES foi criado, segundo o seu documento de apresentação, como resposta ao crescimento do ensino superior nos países e regiões onde se fala o português. "Perante este crescimento, um desafio central que se apresenta para os próximos anos é o de desenvolver e implementar políticas de qualidade na gestão das instituições de ensino superior, de modo a melhorar as condições de produção de ensino e ciência e o incremento da empregabilidade dos estudantes."

Aassociação pretende ser um pólo dinamizador de relações entre protagonistas do ensino superior, estabelecendo-se como um fórum privilegiado de contactos. "Pretende-se consolidar uma rede, que articule e faça comunicar os membros dos órgãos de gestão das instituições de ensino superior, técnicos e responsáveis da administração ligada às instituições de sector, bem como os investigadores cujo objecto de estudo sejam as políticas do ensino superior, principalmente no espaço dos países e regiões de língua portuguesa, que contribuam para a realização qualificada de transformações reformistas e inovadoras."

www.revistamacau.com 17







ue tal uma galinha chacuti de Goa, Damão e Diu para o almoço e uma matapa com castanha e camarão de Moçambique para o jantar? Durante uma semana não faltaram opções no restaurante Lvsitanvs, ao lado das Ruínas de São Paulo, que no âmbito da 4.ª Semana Cultural da China e dos Países de Língua Portuguesa recebeu chefs de cozinha que confeccionaram o melhor da gastronomia dos países lusófonos.

Além de uma tradicional feira de artesanato de Xinjiang e dos diversos países em pleno coração da cidade, a festa arrancou com uma série de concertos e espectáculos de dança no Largo do Senado entre os dias 12 e 18 de Outubro.

A celebração rumou a seguir para as Casas-Museu da Taipa, onde se deu asas ao 15.º Festival da Lusofonia, com os jogos tradicionais portugueses para os mais novos, torneios de matraquilhos e de futebol e mais música, dança e pratos tradicionais.

Organizado pelo Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais, pelo Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa e pela Direcção dos Serviços de Turismo, o festival pretende dar a conhecer as culturas dos países e regiões de língua portuguesa e da China e homenagear as comunidades de expressão portuguesa local que ajudaram a construir Macau.

20 revista MACAU · Dezembro 2012





LUSOFONIA

O Festival da Lusofonia, realizado anualmente no mês de Outubro, é considerado uma festa tradicional que atrai a participação de muitos residentes de Macau, dos países de língua portuguesa, de visitantes da China Continental, de Hong Kong e ainda de outros países que visitam Macau nessa altura do ano.



















LUSOFONIA

A festa que passa por Macau durante uma semana é uma ocasião onde a música e a dança, a gastronomia, o artesanato, e outras vertentes culturais e recreativas reúnem participantes da cultura chinesa e lusófona. O acontecimento é uma oportunidade para turistas e cidadãos conhecerem a multiculturalidade e a harmonia entre os povos da RAEM.













Macau

ASSINATURA ANUAL DA REVISTA MACAU



ONDE PODE ENCONTRAR A REVISTA MACAU

PORTUGAL

Lisboa

Centro de Promoção e Informação Turística de Macau em Portugal

Direcção dos Serviços de Turismo da RAEM Av. 5 de Outubro, n.o 115, r/c 1069-204 Lisboa

Tel: +(351) 217 936 542

Delegação Económica e Comercial de Macau

Av. 5 de Outubro, 115 – 4° 1069-204 Lisboa

BÉLGICA

Macao Economic and Trade Office to the E.U. Avenue Louise, 480

1050 Bruxelles - Belgium

MACAU

Livraria Portuguesa Rua São DSomingos, 18-22 Tel: +(853) 28 556 442 Livraria S.Paulo

Travessa do Bispo - 11 R/C "C" Tel: +(853) 28 323 957

Plaza Cultural

Av. Conselheiro Ferreira de Almeida, 32

Café Caravela

Pátio do Comandante Mata e Oliveira, 29

Pizza & Companhia

Av. Ouvidor Arriaga, 79/79A

Jade Garden Magazines Stall

Av. da Praia Grande S/N

PRECOS POR ASSINATURA ANUAL

ANGOLA: A0A 2.620.00 | BRASIL: BRL 56.00

CABO VERDE: CVE 2,459.00 | GUINÉ-BISSAU: XOF 14,634.00 MACAU: MOP 100.00 | MOCAMBIQUE: MZM 771.00

PORTUGAL: EUR 22.00 | S.TOMÉ E PRINCÍPE: STD 546,445.00 TIMOR-LESTE: USD 28.00 | RESTO DO MUNDO: USD 35.00

www.revistamacau.com

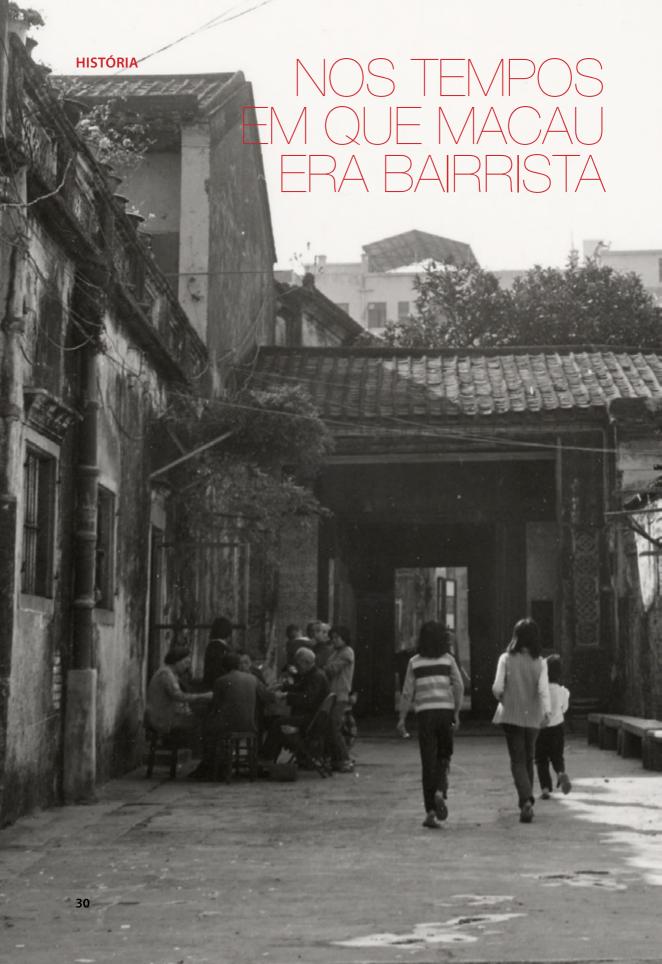
Se deseja ser assinante da revista MACAU (assinatura anual) fotocopie, preencha o cupão e envie-o por correio, fax ou e-mail.

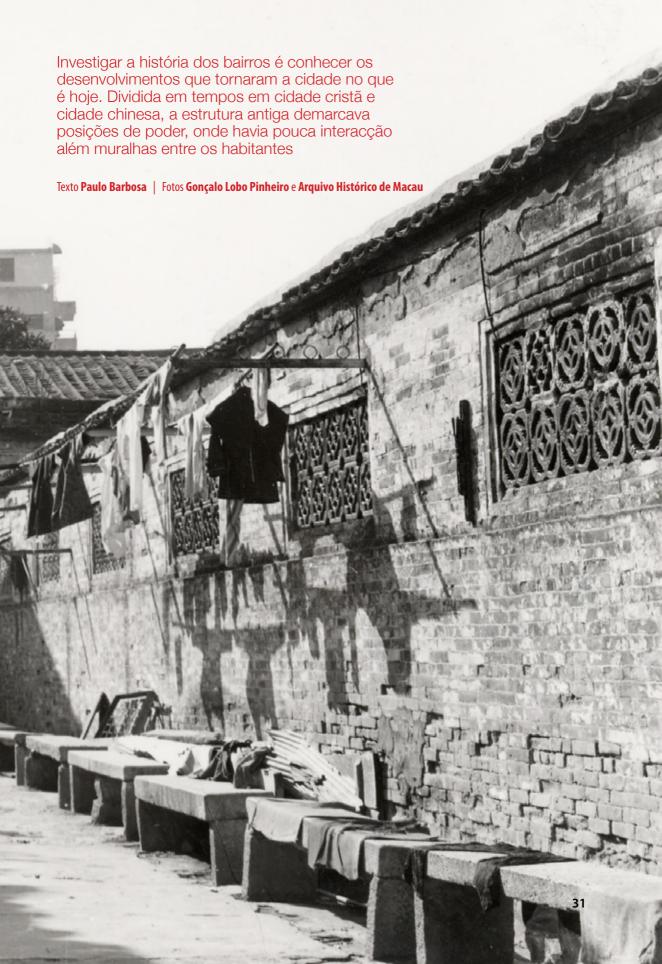
Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E,

Edf. Centro Comercial First International, 14° andar, Sala 1404 - Macau

Email: contacto@revistamacau.com Tel: +853 2832 3660 Fax: +853 2832 3601

Não inclui portes de correio.





HISTÓRIA

bairro da infância é um espaço povoado com lembranças mágicas, um ponto de partida. Sempre ligado ao seu bairro inicial, no qual hoje dirige o Albergue SCM, o arquitecto Carlos Marreiros recorda a vivência da zona de Santo António, à medida que os seus olhos vão percorrendo as fotografias a preto e branco de meados do século passado. "Nesta rua morava a família Amante Gomes. Todos eles eram músicos, alguns ainda tocam na Tuna Macaense. Tinham uma garagem onde tocavam música dos Beatles e dos Rolling Stones. Mais à frente havia a família Albertino Rosa. Nesta esquina havia uma casa lindíssima da família Sousa, uma família macaense de grandes tradições portuguesas, que tinha a famosa Farmácia Sousa e Filhos, na Rua das Mariazinhas. O prédio era branco e tinha um jardim. Tinha varandas com pilares em aço muito delicados, tudo pintado de branco e de verde," diz, descrevendo com memória fotográfica casas que já não existem.

Santo António é um bairro que se estende a partir da igreja homónima, passando pelas ruas Belchior Carneiro, Tomás Vieira, Bairro do Monte, Caminho dos Artilheiros e Estrada do Repouso. Era conhecido como "bairro dos mamons", uma alcunha que advirá - de acordo com autores como Henrique de Senna Fernandes e Silveira Machado – da qualidade dos petiscos vendidos nos seus tascos e feiras. Segundo Marreiros, a zona simbolizava a Macau de meados do século passado, "um bairro extremamente democrático, onde gente rica e até agiotas conviviam com funcionários públicos de origem portuguesa e famílias chinesas de origens modestas". Nem faltava, como boa ilustração dos tempos, uma tertúlia que se realizava numa mercearia situada na Rua do Campo. "A ideia que eu tenho é de uma taberna que cheirava a vinho e queijo, onde o meu avô ia. Na tertúlia todos se vestiam de fato branco. Falavam de política, de mulheres, de literatura, de tudo..."



32 revista MACAU · Dezembro 2012



Santo António é um bairro que se estende a partir da igreja homónima, passando pelas ruas Belchior Carneiro, Tomás Vieira, Bairro do Monte, Caminho dos Artilheiros e Estrada do Repouso. Era conhecido como "bairro dos mamons", uma alcunha que advirá da qualidade dos petiscos vendidos nos seus tascos e feiras

Em tempos recuados, o centro da chamada cidade cristã era a zona de São Lourenço, em volta da antiga Rua Direita (actualmente a Rua Central) e da baía da Praia Grande. O "bairro dos mamons" tinha uma localização um pouco periférica, paredes meias com a cidade chinesa. "Por isso, os moradores tinham que ser muito bairristas, muito apegados a esta zona, havia romarias e grandes peregrinações à zona de Santo António, um santo muito respeitado. Havia uma mística em torno do bairro, aquando das peregrinações realizavam-se feiras de todo o tipo. Eram feiras de gado, de produtos agrícolas e de comezainas. Daí a fama do bairro dos 'mamons', onde se comia muito bem", conta o arquitecto de Macau, que refere as gravuras do pintor George Chinnery como testemunho dos vários estratos urbanos de Macau (as cidades cristã e chinesa), bem como da presença de uma certa ruralidade, posteriormente engolida pelo progresso.

"O meu avó tinha uma casa na Estrada do Repouso. Na minha infância gostávamos de ir brincar para o Monte, para a zona das ruínas de São Paulo -onde conhecíamos as pedras todas e até alguns dos túneis – e para perto da Igreja de Santo António e da Casa Garden", recorda Carlos Marreiros, desfiando histórias do bairro, tão boas que podiam ser guião para um filme: "Lembro-me do professor Thompson, que era um inglês refugiado de Xangai e que gostava de animais. Criava cães de raça e era provável que passasse fome para dar de comer aos animais. Vestia sempre de bege ou cinzento claro, com uma gravata grená. Era um homem muitíssimo digno, parecido com a personagem do Peter O'Toole no filme 'O Último Imperador'. O Mr. Thompson descobriu um pequeno urso numa gaiola na Rua da Felicidade. O urso ia ser comido, embora tal fosse proibido em Macau, mas ele teve tanta pena que comprou o ursito e o passeava na Estrada do Repouso como se

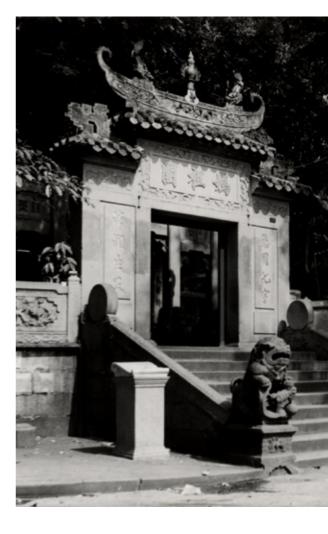
www.revistamacau.com 33

HISTÓRIA

fosse um animal doméstico. Nós brincávamos com o ursinho, que nunca nos feriu. Até que o urso começa a crescer e ficou enorme, já não podia sair de casa. Íamos lá ver o urso, que estava num logradouro. Mas, embora o urso não fizesse mal nenhum, alguém, provavelmente recém-chegado, denunciou o caso. Apareceu um dia um camião e levaram o urso. Todos nós protestámos e o urso foi colocado no Jardim da Flora. Todos os dias o professor Thompson ia lá dar-lhe de comer. Quando o professor morreu, o urso, de tristeza e, se calhar, de subnutrição, também morreu."

CIDADES PARALELAS

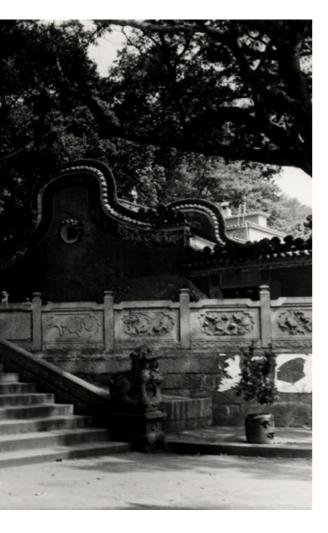
A historiadora Tereza Sena sublinha que a análise do urbanismo local requer o estudo das relações entre a organização espacial e a definição das estruturas de poder. Desde a viagem de Jorge Álvares, considerado o primeiro português a alcançar a costa chinesa, em 1513, Macau foise afirmando como uma cidade portuária. "Às tantas consegue-se formar um núcleo habitado principalmente por ocidentais, que a partir do século XVII está muralhado, é a cidadela. Até aí temos pequenas aldeias chinesas, como o Patane, Mong-Há e A-Má", conta a investigadora do Centro de Estudos das Culturas Sino-Ocidentais do Instituto Politécnico de Macau.





Enquanto ponto de ligação ao comércio regional e às grandes rotas transatlânticas, Macau começa a cativar os mais diversos povos. "São os portugueses e os seus associados comerciais, atraindo cada vez mais população chinesa, dado que Macau se torna numa oportunidade de negócio. Quando estamos a falar da abertura ao comércio internacional, vêm sempre à baila as companhias europeias, mas é extremamente importante, sobretudo numa fase inicial, o comércio e a mediação feita por mercadores asiáticos. Estamos a falar de arménios, de persas, de indianos. Esses deixaram marcas na cidade. Há o cemitério parse, como houve um cemitério arménio", continua.

O arquitecto Francisco Vizeu Pinheiro refere que a génese da cidade se situou nos penedos do Jardim Camões: "Os portugueses vinham de barco e escolhiam uma zona protegida do Porto



Vizeu Pinheiro lembra que "os chineses estavam proibidos de viver na cidade cristã, tanto pelos mandarins como pela autoridades portuguesas". Uma proibição que se manteve até finais do século XVIII e que marcou a forma como a cidade se desenvolveu, e como se "foram formando duas cidades paralelas"

Interior, onde se pudessem refugiar e fazer a aguada, preparando os barcos para expedições. Escolhiam, de preferência, uma zona alta, onde instalavam uma tranqueira para se defenderem. E repetiam esse processo continuamente, retirando os canhões ligeiros dos barcos, por vezes já trazendo castelos de madeira préfabricados para montar acampamento nas zonas altas. A zona de São Paulo era uma espécie de colina fortificada, uma cidadela dentro da própria cidade que se estendeu progressivamente para outras zonas."

Prevaleceu durante muitas décadas (até ao tempo do governador Ferreira do Amaral, já no século XIX), o que Tereza Sena denomina como "uma coexistência de jurisdições sobre as populações, um pouco na linha das cidades portuárias asiáticas". No âmbito dessa espécie de "entente cordial", Vizeu Pinheiro lembra

que "os chineses estavam proibidos de viver na cidade cristã, tanto pelos mandarins como pelas autoridades portuguesas". Uma proibição que se manteve até finais do século XVIII e que marcou a forma como a cidade se desenvolveu, e como se "foram formando duas cidades paralelas". Perito nas questões relacionadas com o património urbanístico de Macau, o consultor do Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais (IACM) descreve que grande parte daquilo que hoje se denomina de "bairros antigos" está contido na cidade cristã, ou seja, no corredor histórico que vai desde o templo de A-Má passando pela antiga Rua Central. Quartel dos Mouros, Largo do Lilau, São Agostinho e Largo do Senado, incluindo também as zonas de São Paulo, o Jardim Camões e o Patane. "Esse é o núcleo mais primitivo em termos de estrutura urbana da cidade. Depois há a cidade chinesa,

www.revistamacau.com 35

HISTÓRIA

que corresponde à Rua dos Mercadores e à zona que nas imediações da Rua da Felicidade. Aí desenvolveu-se uma tipologia típica do sul da China. A casas têm uma estrutura muito simples e eficiente, com duas paredes de tijolo e pavimento de madeira, com um ou dois pisos", exemplifica o arquitecto. A urbe extramuros foi evoluindo nas zonas viradas para a China, "que inicialmente eram zonas de armazéns e de construção de navios, mas que pouco a pouco foram sendo ocupadas por casas e casas-lojas, em que a habitação fica em cima e a loja em baixo".

Uma planta de 1792 indica que Macau então se estendia "entre a Colina da Barra e a Fortaleza do Monte e respectivos planos de muralhas, que se prolongam a nascente e sul até à Baía da Praia Grande e para poente até à Porta de Santo António". No exterior da cidade cristã, as povoações chinesas continuavam a ter uma componente rural em meados do século passado. "Em 1960 as hortas ocupavam ainda uma superficie de perto de 70 hectares, dividida em quatro retalhos principais (Aterro Novo, Areia Preta, Hipódromo e Istmo), estimando-se que aí vivam um a dois milhares de horticultores, quer oriundos das antigas hortas do centro da cidade, quer de estabelecimento directo, sendo importante o número de refugiados da China", argumenta Raquel Soeiro de Brito no livro Um olhar sobre Macau.

Ao traçar o método de urbanização então seguido, a investigadora refere que "à medida que a população vai crescendo, o núcleo urbano vai-se construindo, sempre dentro do mesmo princípio", com a população portuguesa a estender-se em torno das igrejas, sempre erguidas em sítios altos. Também os chineses sublimavam os seus credos religiosos por meio da construção de vários templos que se encontram no centro dos seus bairros, formando pólos de atracção de novos habitantes da cidade.



UM CERTO COSMOPOLITISMO

Mais barcos ocidentais começaram a aportar a Macau quando os manchus conseguiram erradicar as rebeliões no Sul da China e decidiram abrir alguns portos ao comércio estrangeiro. A partir de 1685, esse comércio fica centralizado em Cantão, onde já operavam na zona, um pouco clandestinamente, holandeses e ingleses. Mas fica-o de forma limitada, dado que os mercadores só podiam permanecer durante as feiras comerciais, entre Outubro e Março. As restrições à sua presença na China eram muitas. Não podiam, por exemplo, fazer-se acompanhar por mulheres ocidentais.

Tereza Sena explica as consequências para Macau desta abertura limitada: "Aí Macau tem um outro papel, passa a ser aquilo a que chamei metrópole do equilíbrio e assume uma função subsidiária muito importante. Os navios só podem subir para Cantão depois de verificados



os barcos na Alfândega de Macau." A partir do início do século XVIII, evitarem longas para viagens marítimas e estabelecerem redes comerciais, os mercadores passam a estabelecer-se em Macau no período de interregno. A historiadora conta que fixaram residência em vários pontos dentro das muralhas da cidade cristã, mas com maior concentração na zona de São Lourenço, tanto na parte alta como na Praia Grande, mas também nas imediações do actual Jardim Camões.

Vizeu Pinheiro complementa: "Entre meados do século XVIII e do século XIX, eles estavam aqui um bocado à força, por algum tempo, até que ocupam Hong Kong. No período em que o comércio em Cantão não estava aberto, eles tinham que esperar aqui. Alugavam casas grandes, de estilo europeu, de macaenses e

"Há casas na zona de São Lourenço onde não existe sequer uma placa a indicar que ali esteve um hospital inglês ou morou alguém importante. Ainda há muito a fazer pelo património e por estas diferentes camadas de história", refere Vizeu Pinheiro

chineses abastados. Só que não tinham grandes garantias e, por vezes, tinham que sair de um momento para o outro. Tanto as autoridades chinesas como as portuguesas não viam com grande agrado a competição. Os ingleses tentaram ocupar Macau por duas vezes e não conseguiram." Mas o que será que esta presença temporária de mercadores protestantes trouxe a Macau? Tereza Sena admite que deixou "marcas cosmopolitas",

HISTÓRIA

mas lança algumas interrogações. "Até que ponto é que essa cultura é absorvida pela cidade e usufruída como parte do seu património? Estamos a falar de uma cidade dividida. Eles funcionavam um pouco em círculo fechado." Para Vizeu Pinheiro, é preciso "preservar e acarinhar" os vestígios da presença anglosaxónica em Macau", que "fazem parte da história e tradição" da cidade. "Estou-me a lembrar da casa de George Chinnery, que foi demolida. Há casas na zona de São Lourenço onde não existe sequer uma placa a indicar que ali esteve um hospital inglês ou morou alguém importante. Ainda há muito a fazer pelo património e por estas diferentes camadas de história."

MONG HÁ

Forte de Mong Há, Kun Iam Tong, Pousada de Mong Há

SÃO LÁZARO

Fortaleza da Guia (incluindo a Capela e Farol da Guia), Casa Cultural de Chá, Jardim da Flora, Jardim Lou Lim Ieoc, Igreja de S. Lázaro, Tap Seac

SANTO ANTÓNIO

Jardim Camões. Casa Garden, Igreja de Santo António, Ruínas de S. Paulo, Templo de Na Tcha, Secção das Antigas Muralhas de Defesa, Fortaleza do Monte, Igreja de Santo António, Casa Garden, Cemitério Protestante, Museu de Macau

BAIRROS DO CENTRO HISTÓRICO DE MACAU

(*) Mapa da península de Macau, datado de 1889 Fonte: Sociedade de Geografia de Lisboa

SÉ

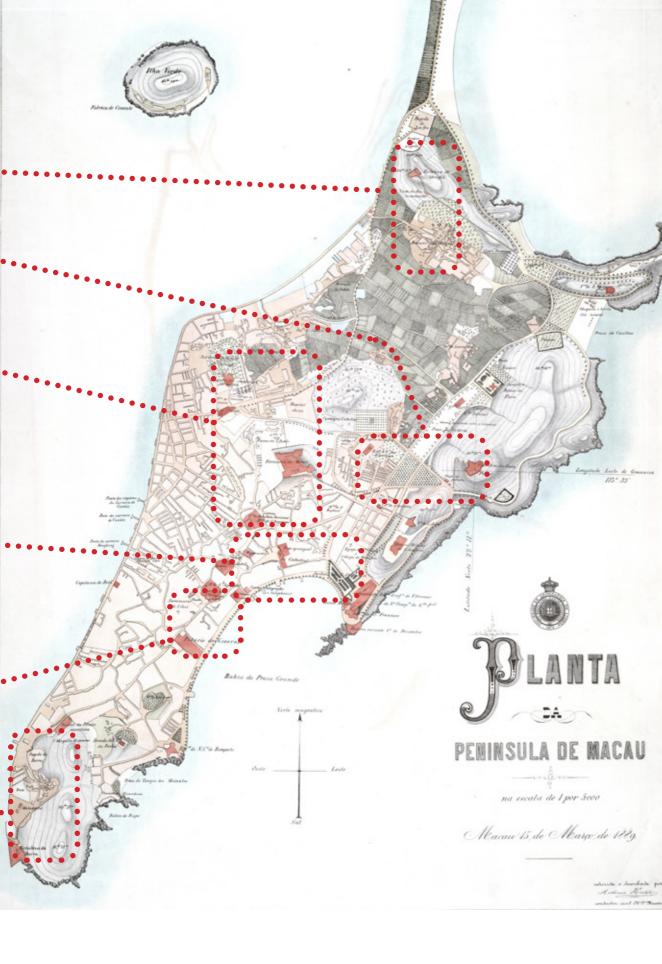
Edifício do Leal Senado, Santa Casa da Misericórdia, Largo do Senado, Igreja de S. Domingos, Igreja da Sé, Casa de Lou Kau, Templo de Sam Kai Vui Kun, Casa de Penhores Tradicional "Tak Seng On", Jardim de S. Francisco, Clube Militar, Quartel de São Francisco

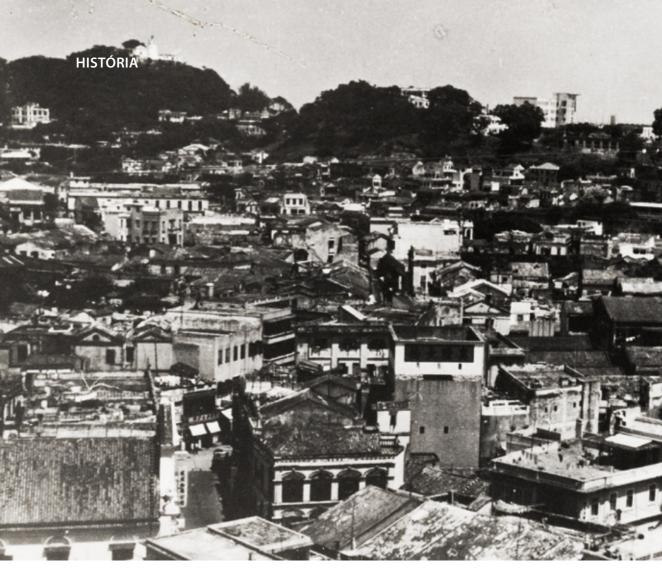
SÃO LOURENÇO

Igreja de S. Lourenço, Igreja e Seminário de S. José, Teatro D. Pedro V, Biblioteca Sir Robert Ho Tung, Igreja de Santo Agostinho, Ermida de N^a Sr^a da Penha, Palácio do Governo, Lagos de Nam Van

BARRA

Largo da Barra, Largo do Lilau, Templo de A-Má, Quartel dos Mouros, Casa do Mandarim, Museu Marítimo, Forte da Barra





BAIRRISMO EM EXTINÇÃO

Com o desmoronar das barreiras físicas que dividiam as cidades cristã e chinesa, em meados do século XIX, "a urbe foi-se alongando progressivamente para norte, abrangendo hortas, ancestrais cemitérios, bem como aldeias como a de Mong-Há. No artigo Historical Background of Macau With Particular Focus on The First Americans in China Tereza Sena nota como a cidade de então "capturou a imaginação dos ocidentais que a visitaram a caminho de tentarem ganhar fortuna na China como um local tranquilo, onde podiam descansar do bulício da vida quotidiana e desfrutar de luxos e prazeres". Uma imagem que "foi perpetuada numa variedade de literatura romântica e reflecte-se também nos incontáveis turistas que visitam a cidade em busca de imagens ou memórias em edifícios antigos".

Um recenseamento de Junho de 1867 indicava que as áreas de maior concentração populacional eram a cidade cristã e o bazar. Nesta, as três maiores paróquias eram a Sé, São Lázaro e São Lourenço. Durante os primórdios do século XX, a cidade sob administração portuguesa voltou a desempenhar, em várias ocasiões, o seu secular papel enquanto ponto de abrigo e de passagem. Henrique de Senna Fernandes conta no livro Cinema em Macau que a vida social era marcada por récitas e concertos em locais como o Teatro D. Pedro V e "recepções nas casas particulares, onde se fazia rigorosamente o serão com música, recriação de poesia, e se jogavam o bafá e o gamão". Duas agremiações -Clube Macau e o Grémio Militar – rivalizavam nas soirées e o cinema era popular desde que os primeiros cinematógrafos foram instalados na cidade, no dealbar do século. No plano religioso,

40 revista MACAU · Dezembro 2012



Um recenseamento de Junho de 1867 indicava que as áreas de maior concentração populacional eram a cidade cristã e o bazar. Nesta, as três maiores paróquias eram a Sé, São Lázaro e São Lourenço

o calendário era marcado por procissões de devoção macaense, como a do senhor dos Passos e a de Nossa Senhora do Rosário e Santo António.

A década de 1930 foi um período marcado por algumas melhorias infra-estruturais. Por exemplo, foi então que a cidade passou a ter fornecimento de água canalizada (1936) e os aterros da Praia Grande foram implementados. Até essa altura, de acordo com Wong Shiu Kwan, portugueses e chineses tinham adaptado "de forma bem sucedida as boas qualidades das suas arquitecturas, combinando-as num estilo harmonioso e funcional". No entanto, o investigador considera que o ano de 1937 pode ser considerado como o "último limite no desenvolvimento da arquitectura de Macau debaixo de uma influência mútua". Por essa altura, segundo analisa no ensaio *Macao*

Architecture – An integrate of Chinese and Portuguese influences, "as influências chinesa e portuguesa tinham desaparecido, sendo a sua anterior predominância substituída pelo estilo moderno e internacional de construção em cimento". Depois da II Guerra Mundial, "a maioria dos edificios construídos era de fraca qualidade, geralmente fora de tom com o carácter arquitectónico de Macau". O pósguerra trouxe também a emergência do turismo e da indústria do jogo.

Com o desenvolvimento vertiginoso da cidade, será que ainda resta algum do tradicional bairrismo em Macau? Para Carlos Marreiros, esse bairrismo é ainda uma realidade entre a comunidade chinesa, "tendo os kai fong (associações de moradores) um preponderante nisso, dado que em cada zona da sua intervenção eles têm uma cantina, têm um jardim, locais de convívio e às vezes até um centro de saúde". É nessas zonas de convívio que os residentes se juntam para ouvir música ou cantar ópera cantonense, por exemplo. "Agora, bairros onde os macaenses e chineses convivem como nós convivíamos antigamente, eu não conheço. Existem ainda clubes, como o Clube Militar, onde as pessoas se encontram", complementa o director do Albergue SCM. "Por um lado, é pena que esse convívio de bairro já não exista, mas é a evolução natural da urbe. Se formos a outras cidades do mundo, vemos que só em zonas muito específicas estas tradições se mantêm "

DESENHANDO ESTRATÉGIAS PARA PRESERVAR O PATRIMÓNIO

Para preservar os bairros antigos de Macau, Vizeu Pinheiro considera fundamental a realização do levantamento dos edificios relevantes e também o estudo das personalidades notáveis que os habitaram, como Sun Yat-sen, o fundador da República chinesa. "Há também ambientes que podem ser recriados. Essa é a tradição japonesa, chinesa e coreana: repetir não exactamente como estava, mas o ambiente de acordo com os rituais da tradição", explica o arquitecto, que exemplifica com vários edifícios do tipo "ponte-cais" existentes no Porto Interior, que poderiam ser transformados em "pontos culturais e bares". O consultor avança com estratégias para "expandir o património", tais como "melhorar as zonas pedonais" e "cobrir algumas ruas, porque em Macau chove muito". E propõe que seja estabelecido "um corredor em que as pessoas possam andar sem problemas de tráfego automóvel ou de poluição, que se alargasse desde a zona de Mong-Há até ao Senado". Considerando que a lei do património cultural, em fase de análise final na Assembleia Legislativa, "pode ajudar, dependendo do que é classificado e do que não o é", Pinheiro chama a atenção para o património de origem chinesa, como a Fábrica de Panchões Iec Long - para onde defende a criação de um parque urbano, "porque a Taipa tem uma densidade populacional enorme e precisa de árvores" e os tradicionais Pátio da Claridade e das Seis Casas. "No caso do Pátio da Claridade, a comunidade residente está viva e era importante mantê-la e aos seus descendentes ali, até porque está numa zona importante, de transição entre o Porto Interior e as partes intermédia (Lilau) e alta (Penha). Recuperar esses pequenos oásis patrimoniais seria muito importante para manter a memória e a imagem do passado, atraindo turistas e mantendo viva a tradição de Macau. Porque património não é só as ruínas, é sobretudo os hábitos e tradições da população. A cultura chinesa considera que a tradição não são as coisas, mas são os rituais", argumenta.



42



SÃO PAULO A JÓIA DA COROA

As igrejas sempre estiveram no centro dos bairros de Macau, multiplicando-se de tal forma que se encontram quase a cada esquina, fazendo lembrar os cenários de Velha Goa e de algumas europeias. César Guillén Nuñez cidades considera que o fenómeno "aconteceu porque Macau se tornou no centro das missões para a China e para o Japão e depois para a Indochina e para a Coreia". Além disso, refere o historiador de arte - especialista no barroco ibérico e nas variantes locais proporcionadas pelo ambiente colonial - a abundância de igrejas estará relacionada "com o carácter das civilizações latinas: se olharmos para países como Portugal, Espanha e Itália, ou até para França, há muitas igrejas por todo o lado".

Uma outra explicação é avançada por Vizeu Pinheiro: "Em Macau, a partir de certa altura, fez-se a divisão por dioceses, como a Sé, São Lázaro e Nossa Senhora de Fátima, esta já no século XX. Mas muitas das igrejas de Macau não são diocesanas, mas são pertencentes às ordens religiosas. Dizemos que são muitas igrejas mas, na prática, não são tantas, porque estes complexos religiosos estavam de alguma maneira isolados da cidade".

De todas as igrejas da cidade, Guíllén Nuñez estudou especialmente a emblemática Igreja de São Paulo, à qual dedicou o livro *Macao's Church of Saint Paul: A Glimmer of the Baroque in China*. O investigador do Instituto Ricci considera que "a igreja de São Paulo e a fachada que hoje se pode ver foram algo de radicalmente

novo, e é isso que as transformam num objecto de estudo estimulante". E diz mesmo que a igreja jesuíta "não pode ser comparável a edificios do passado, apenas se notando em Goa uma inspiração comum". Historicamente, a igreja e o colégio de que fazia parte (considerado por muitos como a primeira universidade na Ásia) desempenharam o papel de "uma espécie de entreposto de missionários", por onde passaram padres famosos como Michele Ruggieri e Matteo Ricci.

O monumento mais emblemático e original de Macau, onde todos os turistas gostam de posar para a fotografía, conheceu dois estágios, tendo a sua primeira construção sido destruída por um incêndio. Foi mais tarde construída uma segunda igreja, da qual permanece a fachada, dado que também foi destruída por um fogo no ano de 1835. O investigador classifica o templo como "pertencente ao estilo barroco inicial", sendo "rico e com uma arquitectura sofisticada" devido à prosperidade então alcançada por



Macau. "Depois da reconstrução no século XVII, existiam meios financeiros que fizeram com que o edificio da igreja se tornasse muito luxuoso e ricamente decorado, devido à comunidade mercantil de Macau. Nessa altura, a cidade e os seus comerciantes estavam a ser muito bem sucedidos, devido principalmente ao comércio com o Japão. A cidade tinha dinheiro, houve doações e os jesuítas também participaram. Quando há dinheiro podem construir-se ricos edificios."

É hoje impossível observar na plenitude a importância artística da igreja e do Colégio de São Paulo, dado que ambos os edificios desapareceram. Restam a fachada de São Paulo e os documentos escritos disponíveis, que Guíllén Nuñez encontrou nos arquivos da Biblioteca Real da Ajuda, em Lisboa, e nos arquivos dos jesuítas, em Roma. O investigador planeia escrever mais dois livros relacionados com Macau, um deles sobre o Seminário de São José e o outro acerca do comércio com a China.

O monumento mais emblemático e original de Macau, onde todos os turistas gostam de posar para a fotografia, conheceu dois estágios, tendo a sua primeira construção sido destruída por um incêndio. Foi mais tarde construída uma segunda igreja, da qual permanece a fachada, dado que também foi destruída por um fogo no ano de 1835



TURISMO

Nem tudo é jogo para os visitantes do território. Há quem venha de perto e de longe, com um intuito diferente: o de ver os monumentos, sentir a presença Europeia na China e comer.

Texto Luciana Leitão | Fotos Gonçalo Lobo Pinheiro



www.revistamacau.com 47

o Largo do Senado.

o objectivo principal está longe de ser esse.



A COMIDA

Liu Fang Ju, 25 anos, está a passear por Macau com a irmã e a mãe pelo Largo do Senado, quando é interpelada pela MACAU. Natural de Taiwan, este é o segundo dia de uma visita de três dias. Ontem, o dia foi passado no hotel a relaxar, que era "deslumbrante".

O passeio apenas está no início, mas já há impressões a passar. "Primeira impressõe?", pergunta, enquanto olha para a família à espera de uma ajuda. Depois de uns segundos hesitante, responde: "É muitíssimo quente." Interessada pelos edificios, a comida não a entusiasmou particularmente. "A de Taiwan é melhor", diz, com um orgulho regionalista. Já o último dia

da visita pretende passá-lo a fazer compras. Também de Taiwan, Johnny Wang e a mulher não vieram para ver casinos. Entusiasmados com o que leram sobre Macau, descobriram edifícios diferentes em plena República Popular da China. E arriscam uma comparação: "É como se fosse Florença, em Itália."

Em Macau por cinco dias, até agora o seu lugar favorito são as Ruínas de São Paulo "pela história por detrás". Ao mesmo tempo, também se entusiasmaram com o Museu de Macau e a vista da Fortaleza. A comida não foi o ponto alto. "Aqui, a comida chinesa não é diferente de outros locais. E não gosto de comida portuguesa", diz Johnny.

48 revista MACAU · Dezembro 2012

Gostos não se discutem e Kiana Kwok, 38 anos, residente de Hong Kong, discorda. Deslocando-se com frequência a Macau para passear, vem sobretudo para comer as várias iguarias que aqui se vendem. "Há muitas coisas para comer, e podemos visitar muitos lugares. Gosto dos museus e a comida é deliciosa", diz, com um sorriso.

De todas as vezes que vem, descobre sítios novos em Macau, o que torna difícil seguir um mapa à letra. Muitas vezes, acaba por se perder, já que as estradas têm vários nomes (em chinês e português) e tudo muda rapidamente por aqui. Por isso, abre o guia, mas não o segue à risca, deixando-se levar, ao sabor das mudanças.

Por seu turno, Andy Chen, 48 anos, natural de Taiwan, veio com a família por dois dias, e está em Macau pela primeira vez. Veio porque vários amigos recomendaram o lugar, elogiando os edifícios "bonitos" e a comida. O passeio, à hora da conversa com a MACAU, ainda está no início, mas, para já, não tem grandes planos. Talvez ainda se desloque a alguns hotéiscasinos.

Provenientes do interior da China, Taiwan, Hong Kong, Estados Unidos, Canadá, Taiwan e países do Sudeste Asiático, há quem a Macau chegue à procura da beleza arquitectónica, da influência ocidental, dos centros comerciais e da comida



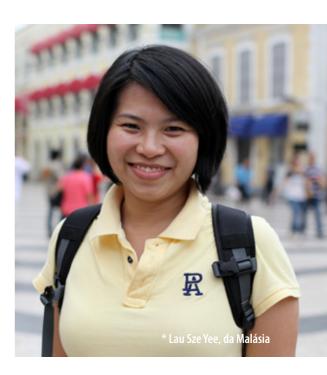
TURISMO

Foi uma reunião de trabalho que trouxe Wayne Chang Changwe, 37 anos, e Feng Fei Song, 34 anos, naturais de Xangai, a Macau. Para Feng Fei Song, a primeira impressão é boa, já que esta é a sua estreia. "As ruas são muito limpas. É muito tradicional, vê-se muita História da China por aqui", diz, acrescentando que "é muito quente".

À procura de algo que não o jogo, os colegas pretendem passear e ver "a mistura da cultura chinesa e ocidental", intercalando os passeios com provas de comida, já que "é famosa por ser muito boa".

Do Sudeste Asiático, a MACAU encontrou Lau Sze Yee, natural da Malásia. De passagem por Macau num périplo que se iniciou em Hong Kong, esta jovem de 30 anos veio numa viagem com os pais à caça da herança portuguesa. "É bastante interessante, sobretudo por causa do património. Os edificios são lindos", afirma.

Do seu roteiro, acaba por destacar uma incursão pelos restaurantes portugueses. "Quero experimentar."





50 revista MACAU · Dezembro 2012

DE LONGE, À DERIVA

Allison Jolley, 23 anos, e Rebecca Jolley, 19 anos, vêm de muito mais longe. No fim de uma viagem de quatro meses pelo Sudeste Asiático, estas irmãs do Canadá, resolveram aqui parar um dia, apenas para conhecer.

Do pouco que ouviram falar, vieram à procura de alguma arquitectura portuguesa. "Tenho de admitir que ouvi falar pouco de Macau, apenas ouvi falar dos casinos", diz Allison. Mas aqui acabou por descobrir algo mais - um território com "igrejas e outros locais interessantes".

A passear pelo Largo do Senado logo pela manhã estavam também Robson da Costa, 54 anos, e Ary. A passar uma semana em Hong Kong, resolveram apanhar o *jetfoil* rumo a Macau, apenas para conhecer.

Robson da Costa já esteve em Macau há 25 anos e notou uma grande diferença. "Estava realmente muito quebrado, velho, havia um contraste muito grande de modernidade entre Hong Kong e Macau. Agora estou vendo tudo muito diferente, diferente e moderno. Desenvolveu-se

muito", diz este brasileiro, muito sorridente. Entusiasmado com este novo Macau, pretende

passar um dia para ver os edificios de influência chinesa e portuguesa. "Acabei de botar o pé aqui, mas a impressão foi maravilhosa", declara, entusiasmado.

Da parte da tarde, já estão inscritos numa excursão que vai levá-los a passear pela cidade, subir à Torre de Macau, ver os monumentos e ainda fazer uma caminhada. "Vim assim mesmo, enfrentando tufão e tudo", afirma Ary, lançando uma sonora gargalhada. Dos casinos não querem nem saber, até porque "valorizam mais o dia do que a noite".

Já Tony Wong, 52 anos, de ascendência chinesa, veio dos Estados Unidos até Macau com a mulher, ansioso por ver a "combinação do Ocidente com o Oriente". E, do que já viu, tal mistura percebe-se nas estruturas dos edificios. Macau insere-se num roteiro que se iniciou em Pequim e seguiu para Hong Kong. "É bonito", diz. Ansioso por também provar todas as iguarias de que já ouviu falar, Tony pretende também fazer





algumas compras e tirar fotos. Aliás, de máquina fotográfica em punho, aponta para as flores de lótus, na fonte do Largo do Senado. "Nos EUA, há apenas dois sítios onde se pode ver esta flor, e um agora está fechado. Um dos meus objectivos em vir aqui é ver essas flores", remata. Quanto a casinos, não é o seu estilo de turismo. "Gasto local, como local e compro local", garante.

UM RETRATO

A coordenadora do programa de Hospitalidade e Gestão de Jogo da Universidade de Macau, Amy So, diz que há muitos turistas a visitar Macau para ver o património, os monumentos, além de fazer compras. Há também os que vêm para provar a comida, mas esses são, normalmente, oriundos da região especial vizinha. Além disso, há um número pequeno, mas crescente, de visitantes que aqui vêm para conferências e exposições.

Aliás, os *resorts* integrados têm contribuído muito para desenvolver "actividades que não são de jogo". Assim, quando os turistas se deslocam a Macau, mesmo que sejam grandes jogadores, acabam por encontrar outros interesses por aqui, como fazer compras, comer e visitar os sítios históricos.



52 revista MACAU · Dezembro 2012

Num estudo realizado no ano passado pela Universidade de Macau, dos 7314 inquiridos, 48,8 por cento veio a Macau pelos casinos, enquanto 10,6 quis conhecer os monumentos históricos e 16,4 por cento deslocou-se ao território para fazer compras. Mais: seis por cento veio pelo cruzamento de culturas e 8,6 por cento pela comida.

Entre as principais conclusões deste estudo, Amy So destaca que aqueles que assistiram aos espectáculos locais demonstraram um "nível de satisfação muito elevado". E, apesar de os turistas não se deslocarem a Macau apenas para ver espectáculos, a professora afirma que aqueles que o fizeram gostaram bastante.

Por isso, declara que se o Governo de Macau continuar neste ritmo de desenvolvimento, a imagem internacional de Macau ainda irá melhorar. Há, então, que "melhorar o nível e qualidade dos serviços", ao mesmo tempo em que se deve continuar a pensar em mais medidas "para preservar o património".

RAZÕES PARA VISITAR MACAU

O QUE OS TURISTAS QUEREM VER







16,4% COMPRAS



10,6%

MONUMENTOS
HISTÓRICOS



8,6% COMIDA



6% CRUZAMENTO DE CULTURAS

^{*}Estudo realizado pela Universidade de Macau





10 ANOS DA LIBERALIZAÇÃO DO JOGO

O entretenimento também foi inevitavelmente engolido pela metamorfose provocada pela entrada em cena de novos actores

No *ranking*, e adoptando a mesma metodologia, segue-se o comércio a retalho. Nada que não tivessem denunciado já os vistosos sacos que pendem nos braços de grande parte dos turistas, parte de uma classe média poderosa, que tem vindo a despontar do lado de lá das Portas do Cerco.

O pódio dos que mais ganharam com a liberalização fica completo com a restauração, segundo Davis Fong. E porque entre dormir e fazer compras há que parar para saborear uma refeição – aliás, um importante momento da jornada à luz da cultura chinesa –, a oferta sucumbiu à procura: no final de 2011, como atestam dados oficiais, existiam mais 300 estabelecimentos de portas abertas do que em 2003, totalizando 1714.





* NAPE - Antes

O sector das convenções e exposições (MICE, na sigla inglesa) — crucial na estratégia governamental de diversificação económica — também deu um pulo. Em 2002, ainda sob a era do monopólio da Sociedade de Turismo e Diversões de Macau (STDM) de Stanley Ho, Macau foi palco de 266 eventos. Já em 2007, viria a acolher mais do quádruplo. Em 2010, foram 1399 e, em 2011, um total de 1045, o equivalente a uma média de três eventos por dia. O recuo anual do número de reuniões/conferências e exposições do ano passado foi, no entanto, compensado pela adesão: mais de 1,2 milhões participaram nos eventos definidos no calendário de 2011, mais 60 por cento do que em 2010.

A mudança que a liberalização veio operar no sector MICE ocorreu sobretudo no plano das infra-estruturas. Pelo menos na perspectiva da presidente da direcção da Associação de Convenções e Exposições de Macau, Eva Lou. Os mais de 20 anos de experiência na área permitem-lhe aferir que a liberalização serviu de plataforma para o desenvolvimento do sector, uma vez que veio alargar a limitada oferta. "Sem as infra-estruturas que [as operadoras de jogo] vieram oferecer — como um espaço com uma área global de cerca de um milhão de pés quadrados —, nunca poderíamos ter esta indústria, tal como a conhecemos hoje."





* NAPE - Depois

"Antes de 2007 não tínhamos nada, só pequenos espaços", avaliou Eva Lou, recordando que, em 2006, foi forçada a distribuir perto de 3000 pessoas por diversos hotéis e a escolher o pavilhão desportivo do Instituto Politécnico como palco, um lugar pouco adequado para a iniciativa em apreço, mas o possível à data.

"Esse tipo de hardware mudou a indústria", re-

alçou, ressalvando. porém que, apesar de a liberalização do jogo ter vindo dar um novo fôlego, Macau já organizava eventos ainda que em menor escala. Para Eva Lou, em termos globais, o desempenho do sec-

tor MICE tem sido "saudável", ainda que haja segmentos mais avançados do que outros. Os eventos corporativos, por exemplo, vão na dianteira no seio da indústria, enquanto os congressos internacionais carecem de um novo impulso para apanhar o ritmo, estando dependentes de uma série de factores. Para a especialista, falta um pouco mais de "agressividade" e uma maior "exposição internacional". Ainda assim, analisou, "estamos no bom caminho".

A NOVA FACE DO ENTRETENIMENTO

O entretenimento também foi inevitavelmente engolido pela metamorfose provocada pela entrada em cena de novos actores. "Mudou toda a perspectiva", defendeu Guy Lesquoy, do alto dos seus 30 anos de experiência na área do entretenimento em Macau, em que se evidencia a criação do Crazy Paris Show, espectáculo

> que foi levado à cena no Teatro D. Pedro V

> "Antes tínhamos uma única empresa que era responsável por tudo relacionado com o entretenimento". pelo que a "beleza" do processo de liberalização do

cidade, com as grandes marcas internacionais a assentarem raízes numa Macau que trilha hoje o caminho para afirmar-se como um centro mundial de turismo e lazer jogo assentou no facto de cada um dos casinos

ter passado a disponibilizar oferta. "O que primeiro era uma obrigação tornou-se depois em algo que atraía as pessoas", analisou, chamando a atenção para a tradição e para o savoir-faire das empresas norte-americanas na arte de entreter. Os espectáculos foram-se desdobrando, lado a lado com as mesas de pano verde, e atingindo novos patamares. "Quando há concorrência também há naturalmente melhoria na qualidade",

www.revistamacau.com 57

A onda de expansão veio arrebatar

a calma, arrastou o luxo para a



* COTAI - Antes

argumentou Guy Lesquoy, sustentando que as operadoras de jogo se viram, de certo modo, obrigadas a alcançar "um determinado nível de elegância e de sofisticação".

Para aquele que é considerado um precursor do entretenimento em Macau, nos dias que correm "tudo tem um nível elevado", com as operadoras a rivalizarem e a tentarem suplantar-se umas às outras, numa "concorrência saudável". Tal acabou também por ter reflexos noutro tipo de iniciativas de foro cultural, como as que chegam pela mão do Governo, defendeu Guy Lesquoy. Mas pode o entretenimento sobreviver sem as operadoras de jogo? Guy Lesquoy é categórico: "Não. Isso é impossível". Porquê? "Todas podem suportar trazer algumas pessoas que custam muito dinheiro sem realmente pensarem duas vezes. Isto porque existe a receita da bilheteira e uma outra, secundária: as pessoas vêm para assistir a um espectáculo e, depois, ficam para comer, beber, dormir, ir ao casino".

As operadoras de jogo "podem dar-se ao luxo de não se preocuparem demasiado com a vertente da receita", ao contrário de um promotor independente para quem vai uma grande diferença entre ganhar ou perder dinheiro numa jogada.

O papel que as operadoras desempenharam no desenvolvimento de sectores como o MICE ou entretenimento também é reconhecido pelo director do Centro de Pesquisa de Turismo Internacional do Instituto de Formação Turística (IFT). "Julgo que compreendem muito bem o objectivo do Governo de diversificar", advogou Leonardo Dioko, ao sublinhar que também têm vindo a ser "encorajadas" a apostar em componentes não jogo.

Aos olhos de quem vê de fora, e volvida uma década sobre o "grande salto", o Grande Prémio de Macau já não é a única grande atracção. A pequena cidade foi capaz de seduzir a grandeza dos Óscares indianos de Bollywood, de atrair

58 revista MACAU · Dezembro 2012



* COTAI - Depois

concertos, espectáculos e concursos variados aclamados na grande China.

Voltou a ser escolhida como pano de fundo à sétima arte produzida nas mais distintas latitudes, de Portugal aos Estados Unidos, e como palco a artistas de renome internacional que incluíram Macau na rota das suas digressões pelo mundo.

Durante os três anos em que foi levado à cena, a magia do ZAIA, do Cirque du Soleil, tocou o território, o qual passaria a acolher, a partir de Setembro de 2010, o mundo aquático do The House of Dancing Water, com a assinatura de Franco Dragone. E antes de se despedir de 2011, Macau ainda teve tempo para dar as boas-vindas ao Cinema 3D.

Pelo meio, Macau foi local de passagem de outros espectáculos de calibre, como o CATS, o musical mais conceituado da história da Broadway, que mostrou as suas garras no Centro Cultural, em 2007.

De mãos dadas com o entretenimento surge o desporto. Nos últimos anos, Macau assistiu ao desfile de estrelas da NBA, clubes de futebol de topo, como o Chelsea ou Manchester United, e a duelos entre tenistas do gabarito de Federer e Sampras. Eventos como o Grande Prémio Mundial de Voleibol Feminino alcançaram o estatuto de "residente" e outros como o Open de Golfe e de Badmington um lugar de destaque.

"Nem todas [as actividades] foram bem sucedidas a longo prazo, mas penso que as operadoras se têm esforçado, lançando muitos eventos, demonstrando o seu compromisso em contribuir para diversificar o produto", observou Leonardo Dioko. Neste sentido, desempenharam "um papel instrumental" em mudar Macau e em tornar as pessoas "culturalmente mais ricas", embora haja "margem para melhorias".

Para o académico, um dos principais desafios que Macau tem pela frente prende-se com a sustentabilidade do actual modelo a longo prazo.

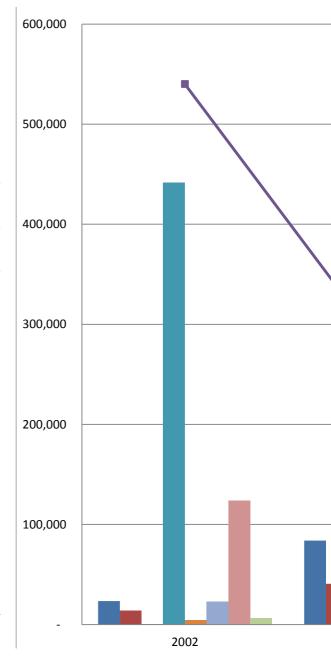
10 ANOS DA LIBERALIZAÇÃO DO JOGO

"O sucesso da actual mistura de visitantes, do interior da China, de Hong Kong e Taiwan, tem dificultado, por outro lado, a possibilidade de nos diversificarmos mais. Se pensarmos em eventos, a primeira pergunta a fazer é: 'Quem vem a Macau?' Se vêm turistas sobretudo do Sudeste Asiático, então produz-se a pensar nesse mercado, que é enorme para se começar, mas pequeno para a futura diversificação", salientou o académico do IFT.

Para o director da Entertaining Asia, Nick Willsher, as perspectivas são animadoras. "Acreditamos que com o desenvolvimento anual de novos hotéis e casinos, haverá mais opções de entretenimento para os visitantes". Além disso, "Macau tem a vantagem de ter óptimas opções ao nível da oferta de espaços, as quais são limitadas em Hong Kong", anotou. liberalização do jogo fez despontar oportunidades de emprego, mas levantou o pano para um problema: a falta de recursos humanos. A importação de mão-de-obra acabaria por se afigurar como uma opção incontornável. Na tentativa de responder às necessidades, as instituições de ensino superior engordaram a sua oferta curricular e diversificaram-na. Os cursos e os programas de formação sobretudo em áreas relacionadas com o Turismo foramse desdobrando, permitindo, deste modo, que uma maior fatia de residentes fosse absorvida pelo sedento mercado laboral. Por outro lado, trouxe "mais profissionalismo", acrescentou Leonardo Dioko.

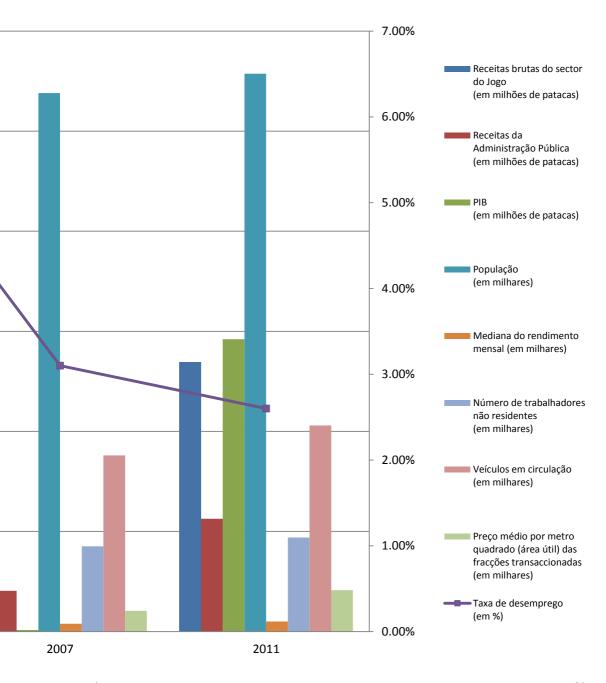
Mas será que valeu a pena? Pesando os prós e contras, à distância de uma década, Davis Fong não tem dúvidas de que a aposta chamada liberalização do jogo vingou como a mais acertada: "A conquista mais significativa de Macau foi o nome que ganhou na cena internacional. A marca 'Macau' mudou de forma significativa".

Com uma nova face, Macau está, contudo, prestes a enfrentar outro desafio: saber se os actuais operadores continuam no mercado ou se novos protagonistas vão entrar em cena. A contagem decrescente já começou.

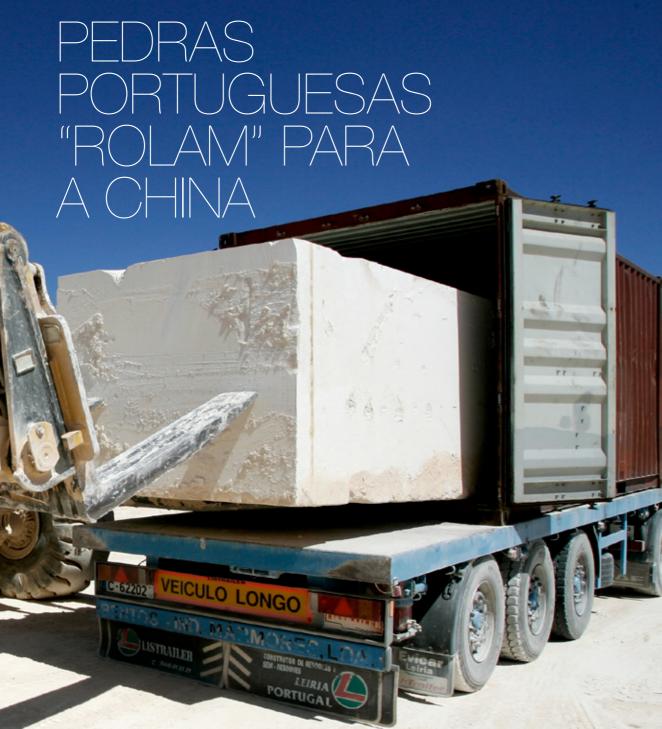


60 revista MACAU · Dezembro 2012

CONTAS DA EVOLUÇÃO 2002-2011







Com a Europa em crise, os empresários portugueses do sector das rochas ornamentais viram-se para as grandes economias emergentes. As pedras portuguesas ganham adeptos um pouco por todo o mundo, com a China a liderar a demanda

Texto **António Larguesa** | Fotos **Paulo Cordeiro**, em Portugal

ECONOMIA

sede da China Petrochemical Corporation (Sinopec), em Pequim, cuja fachada é revestida a mármore português, é um dos melhores cartões de visita para toda a fileira da pedra ornamental portuguesa, que em breve terá no mercado chinês o melhor destino para as exportações – no ano passado as vendas ao exterior ascenderam a 437 milhões de euros.

Com o mercado interno em dificuldades e alguns dos tradicionais parceiros europeus, como Espanha, a absorverem cada vez menos materiais para a construção, a China é encarada pelas empresas portuguesas do sector - são sobretudo firmas familiares de pequena e média dimensão -, como a plataforma de salvação para a venda destes produtos com características únicas à escala global.

Segundo os dados compilados pelo Instituto

Nacional de Estatística de Portugal (INE), este ramo de actividade tem mostrado alguma resiliência nos últimos anos no que toca às vendas ao exterior: o crescimento desde 2006 só foi interrompido em 2009, mas logo retomado no ano seguinte com uma subida de 7,5 por cento, para 438,8 milhões de euros.

E se em 2011 houve uma ligeira quebra de um milhão de euros não se deveu a uma retracção da facturação na China. Antes pelo contrário. Os clientes chineses estão a comprar acima da média e são quem mais tem sustentado a indústria extractiva, em especial de mármores e calcários: compraram 33 milhões de euros em 2009, mais 50 por cento no ano seguinte (49,9 milhões de euros) e em 2011 as compras de pedra portuguesa superaram os 54 milhões de euros, oito por cento acima do período homólogo.



Os 27,4 milhões de euros comprados pelos chineses nos primeiros cinco meses de 2012 mostram que, caso se mantenha constante o ritmo até Dezembro, este ano será batido um novo recorde de vendas ao gigante asiático. Os dados do INE para o comércio internacional mostram ainda que em apenas dois anos, a quota da China nas vendas de pedras ornamentais

portuguesas ascendeu de 7,6 por cento para 12,4 por cento. Os números já disponíveis para os primeiros meses de 2012 evidenciam um ganho de quota contínuo.

Manuela Martins, da Associação Nacional da Indústria Extractiva e Transformadora (ANIET), lembra que no Oriente há "uma classe média nitidamente em ascensão" num mercado emergente e que "aspira a tudo o

A China compra sobretudo matériaprima, ou seja, a pedra em bloco em grandes volumes, que depois é transformada no destino com mão-de-obra mais barata

que seja sinónimo de qualidade e luxo", vindo da Europa. O dinamismo económico, a falta de auto-suficiência nestes materiais e "uma construção impressionante", que faz do país um "um estaleiro a céu aberto", completam o leque das justificações.

A China é actualmente o maior produtor, mas também consumidor de rochas ornamentais, pelo que é um mercado a fidelizar. Nos próximos 15 anos vai construir mais de uma dezena de cidades de pequena dimensão, mas maiores do que Lisboa. Outro reflexo dessa preponderância é o facto da feira chinesa do sector — a *Xiamen Stone Fair* — estar prestes a destronar a italiana *Marmomacc*, em Verona.

A participação das empresas portugueses nesses certames contribui para o ganho de prestígio no exterior, conferindo-lhe uma componente de *marketing* importante. O preço, apesar de ter subido nos últimos anos, ainda está num nível médio-baixo, competitivo face a outros países concorrentes. A qualidade faz o resto. "As nossas pedras são muito boas. Por exemplo, outros mármores precisam de colas e resinas e a nossa aplica-se sem esse elemento. Depois há a questão estética que neste segmento é muito valorizado pelos compradores e nós temos uma palete de cores muito diversificadas", resume a responsável da ANIET.

Há uma minoria que já vendeu pedra calcária para ser utilizada em peças artísticas devido à sua versatilidade e maleabilidade. Porém, a esmagadora maioria das pedras nacionais acaba por ser aplicada nos novos edificios chineses, quer seja no revestimento de chão e paredes, nas cozinhas e casas de banho, para fazer colunas ou embelezar as fachadas. Foi essa a opção dos projectistas da sede da Sinopec, a maior petrolífera chinesa – e sexta empresa com mais receitas a nível mundial –, que exibe o mármore "rosa aurora" extraído da pedreira da Dimpomar, em Vila Viçosa.

ECONOMIA

As vendas à China têm "composto o nível de facturação da empresa" e crescido uma média de 10 a 15 por cento ao ano desde que Luís de Sousa viajou na comitiva do então presidente da República, Jorge Sampaio, numa visita à China e se apercebeu da potencialidade do mercado. O CEO da firma alentejana, que emprega 90 pessoas e exporta 90 por cento da produção para mais de 40 países, afirma que as transacções para a China, que arrancaram no ano 2000, são "fundamentais nesta altura em que o mercado nacional tem pouco trabalho" e que aqueles "importadores muito regulares" fazem parte dos contactos mensais da equipa comercial.

A China compra sobretudo matéria-prima, ou seja, a pedra em bloco em grandes volumes, que depois é transformada no destino com mão-de-obra mais barata. À semelhança das restantes exportadoras portuguesas, só cinco por cento do que a Dimpomar vende à China é produto acabado,

que incorpora valor acrescentado e maior lucro. Um dos maiores desígnios do sector é dotar de mais-valia a matéria-prima, incorporando mais tecnologia. É que o preço por tonelada do material em bruto é quatro a cinco vezes inferior ao que segue já transformado. Os dados do INE mostram que mais de 90 por cento da pedra exportada para o mercado chinês no ano passado seguiu em bruto (ver gráfico).

Apesar disso, sublinha Manuela Martins, "não é um inconveniente maior porque, mesmo em bloco, os preços de venda à China têm subido imenso". O calcário da zona Centro de Portugal, por exemplo, é o mais valorizado do mundo e o preço de venda ao mercado chinês aumentou cerca de 800 por cento nos últimos cinco anos. Ainda assim, a ANIET aconselha a indústria a "acautelar-se" na definição inflacionada dos preços, sob pena dos parceiros chineses "qualquer dia virarem-se para outros mercados".

PERIO DE 90%
DAS PEDRAS
SEGUIRAM "EM
BRUTO"
PARA A CHINA
EM 2011

Pedras para calcetar, lancis e placas (lajes) para pavimentação, de pedra natural (excepto ardósia)

Mármore, travertino e alabastro e suas obras, simplesmente talhadas ou serradas, de superfície plana ou lisa

Pedras calcárias (excepto de mármore, travertino e alabastro), de qualquer forma, polidas, decoradas ou trabalhadas de outro modo

Granito de qualquer forma, polido, decorado ou trabalhado de outro modo

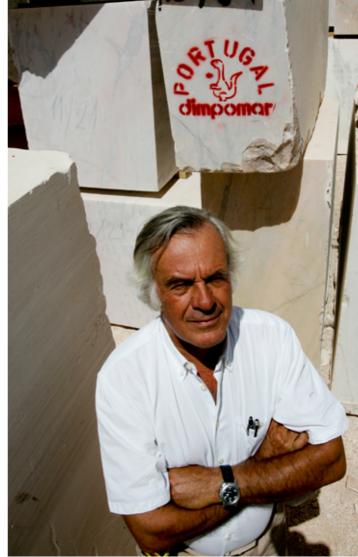
Mármore, travertino e alabastro de qualquer forma, polidos, decorados ou trabalhados de outro modo

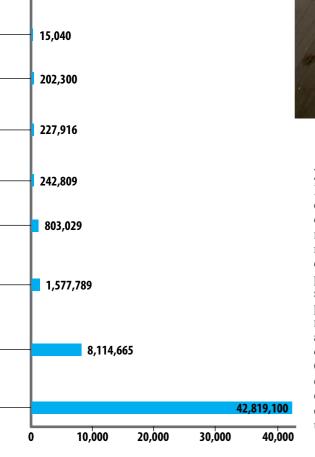
Pedras naturais de cantaria ou construção (excepto de ardósia) trabalhadas e obras destas pedras; cubos, pastilhas e artigos semelhantes para mosaicos, de pedra natural, incluída a ardósia

Granito, pórfiro, basalto, arenito e outras pedras de cantaria ou de construção (desbastadas ou cortadas em blocos ou placas)

Mármores, travertinos, granitos belgas e outras pedras calcárias de cantaria ou de construção (desbastados ou cortados em blocos ou placas)

As vendas à China têm "composto o nível de facturação da empresa" e crescido uma média de 10 a 15 por cento ao ano LUÍS DE SOUSA, PRESIDENTE DA DIMPOMAR





XIAMEN É O DRAGÃO QUE VOA

Brota um pouco mais de admiração pelos clientes chineses a cada tonelada de rocha ornamental produzida em Portugal – e eram 2,9 milhões de toneladas, segundo os dados mais recentes, de 2010, da Direcção Geral de Energia e Geologia. Luís de Sousa, da Dimpomar, não poupa nos elogios: "É assustador porque eles são excelentes profissionais, são pessoas de palavra que cumprem o que dizem, são muito rápidos e definitivos a tomar uma decisão e, apesar da distância, conseguem planear grandes obras com os nossos materiais".

Outros agentes do sector acrescentam na lista de elogios o pagamento "a horas", o pragmatismo e a facilidade no trato. O sentimento é recíproco, como atesta o director comercial da Mocamar, uma empresa familiar de Alcanede que está há



30 anos no mercado e exporta 98 por cento do que produz para 30 mercados. A China é o maior desde 2008 e no ano passado representou mais de 50 por cento da facturação. "A forma de trabalhar dos portugueses é do agrado dos chineses, que gostam que as coisas sejam muitos claras. Não há truques. Somos um país pequeno, famílias a trabalhar e aqui nada fica por dizer. E isso

é muito apreciado pela comunidade chinesa", explica Miguel Antunes.

O grande obstáculo ainda é burocrático, pela demora na obtenção de visto para os inspectores das empresas chinesas, que não prescindem de uma visita à pedreira antes da

compra. O interesse pela matéria-prima portuguesa é tão grande que uma empresa chinesa – a Feilong (que significa "o dragão que voa") – decidiu em meados de 1990 abrir "portas" em Santo Tirso e Pêro Pinheiro. Pequim, Xangai, Qingdao, Guangzhou ou Hong Kong estão entre os destinos da pedra portuguesa.

Mas é Xiamen, onde está concentrada a in-

dústria de transformação, que absorve 80 por cento da mercadoria despachada nos portos de Leixões, Lisboa e Sines. Salvo raras excepções, todas as semanas há navios com destino ao Oriente. Perto de 800 contentores anuais são da Mocamar, que começou a vender para Taiwan em 1998 e três anos depois para o interior da China, que cresce 10 a 15 por cento ao ano. No

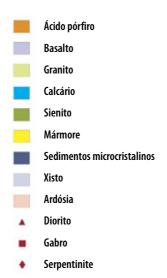
entanto, foi quando os calcários da empresa começaram a entrar em Xiamen (província de Fujian) que se deu "a grande expansão porque é lá que estão as grandes fábricas", lembra Miguel Antunes.

Os números fornecidos pela Agência para o Investimento e Co-

mércio Externo de Portugal (AICEP) respeitantes ao primeiro quadrimestre de 2012 indiciam que a China está muito próxima de se tornar o maior cliente da rocha ornamental portuguesa (ver gráfico). Já ultrapassou Espanha, em perda nos últimos dois anos devido à crise soberana na Europa, e nas vendas até Abril detinha uma quota de mercado próxima da França (18 por

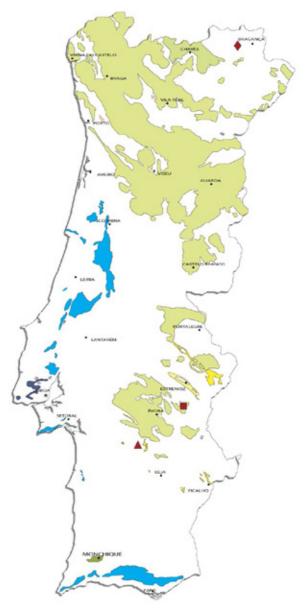
É Xiamen, onde está concentrada a indústria de transformação, que absorve 80 por cento da mercadoria despachada nos portos de Leixões, Lisboa e Sines. Salvo raras excepções, todas as semanas há navios com destino ao Oriente

ÁREAS PRODUTORAS DE PEDRAS ORNAMENTAIS E INDUSTRIAIS



Miguel Antunes, da Mocamar (à esquerda) diz que as vendas para o interior da China crescem entre 10 e 15% ao ano

cento contra 20,2 por cento). As luxuosas lojas francesas Hermès são feitas por uma empresa portuguesa. Sem surpresa, muitas empresas lusas apresentam já uma grande dependência do mercado chinês, sobretudo na actual conjuntura. É o caso da Bentos, uma pequena empresa com sete trabalhadores, que vende neste país asiático 80 por cento dos blocos de calcário moca creme "arrancados" na Mendiga, um vale de planalto entre a Serra de Aire e dos Candeeiros, no concelho de Porto de Mós. Sem capacidade para ir às feiras do sector ou fazer prospecção de mercado na China, o sócio-gerente, Luís Bento, conta que os clientes chineses "começaram a aparecer cá na pedreira". E são uma visita regular, dado que "não levam pedras nenhumas sem as ver, mesmo que seja uma segunda encomenda".



* Fonte: Direcção Geral de Energia e Geologia

ECONOMIA

"PINTAINHO" ORIENTAL DOS OVOS D'OURO

Embora esta indústria trabalhe muito com intermediários e revendedores nível institucional está a ser desenvolvido um trabalho de notoriedade junto dos prescritores e designers, que determinam também os materiais para a construção moderna. Manuela Martins, da Associação Nacional da Indústria Extractiva e Transformadora, fala no surgimento do mercado chinês "assim como um oásis" e diz que "tem sido o principal factor de equilíbrio para esta indústria". E arrisca mesmo que "as empresas portuguesas que estão bem são as que vendem para a China, as que não vendem não estão bem". Uma generalização exagerada, pois não é "a galinha dos ovos de ouro" para todos. A Granitos Irmãos Peixoto, do Marco de Canaveses, facturou 1.5 milhões de euros em 2011 e nem um cêntimo na China. "Oxalá fosse" um bom mercado, refere Rui Peixoto, justificando com o facto de vender sobretudo o granito transformado para o Norte da Europa, com um preco que não consegue ser competitivo face ao praticado pelos concorrentes em Xiamen. As associações do sector extractivo da pedra têm reivindicado a diminuição dos custos de contexto, apontando, por exemplo, a inexistência de um preço especial bonificado para a energia (como em Espanha), que poderia levar a poupanças até 30 por cento. Outra questão na agenda passa pela remoção das taxas na compra de explosivos, que já se aproxima do preço por quilo dos próprios explosivos. Em Portugal, este sector apresenta duas realidades distintas: o subsector das pedras industriais (areias, aglomerados para cimento e agregados de brita), que vive quase exclusivamente do mercado nacional em crise; e o subsector das rochas ornamentais (calcário, o mármore ou granito), que desde 2008 apostou forte no mercado externo e já exporta 75 por cento da produção.

É o que tem feito o Grupo Frazão, que explora 25 mil toneladas anuais de bloco ornamental em Alcanede, Santarém. Apesar de explorar apenas o vulgarmente conhecido "Moca Creme", comercializa também outros calcários da região. No ano passado, 1,2 milhões de um total de 2,3 milhões de euros foram vendidos para a China,





Manuela Martins, da Associação Nacional da Indústria Extractiva e Transformadora, fala no surgimento do mercado chinês "assim como um oásis" e diz que "tem sido o principal factor de equilíbrio para esta indústria"

que compensou um mercado europeu que "caiu bastante" e também "algum decréscimo" nos Estados Unidos.

Em termos concorrenciais, desmistifica o sócio-gerente, António Frazão, pelo facto da matéria-prima explorada "ser única no mundo e estar restrita a uma zona não muito alargada, a procura tem superado a oferta". A tonalidade creme (neutra) da pedra, a uniformidade e a sua textura única no mundo, enumera, são as características que fazem dela uma pedra tão apreciada na China. E continuarão a fazer, a avaliar pelo aumento de 30 por cento nas vendas à China no primeiro semestre desde ano, face ao período homólogo.

O caminho, porém, não é feito sem ameaças. Por um lado há a concorrência da cerâmica (que agora começa também a ter o vidro como concorrente) e já faz boas imitações das pedras naturais. Por outro lado, o tecido empresarial é constituído por micro, pequenas e médias empresas com menos ferramentas de gestão, incluindo no *marketing*.

A Airemarmores, com sede no pólo extractivo da Serra de Aire, coração dos calcários portugueses, foi fundada em 1983 por Arlindo Anastácio Cordeiro e é hoje gerida por Acácio e Licínio Cordeiro. Esta empresa familiar vendeu no ano passado 3,4 milhões de euros de calcários e mármores nacionais. Metade seguiu para a China. Em termos logísticos, resume Licínio, a principal dificuldade é a distância, pois a mercadoria demora 40 a 50 dias a chegar ao destino, por mar. Além disso, nem todas as agências trabalham com blocos de pedra e houve ainda uma subida recente do preço de transporte devido à redução das importações em Portugal. Acaba por retirar competitividade ao produto, mesmo sendo bom para o saldo da balança comercial portuguesa. E o sector das rochas ornamentais, com a exportação, tem feito o seu "trabalho de casa" no esforço colectivo de ajustamento da economia portuguesa.



É com comida portuguesa que o director da Alliance Française em Macau gosta de se sentar para almoçar. O estilo de vida com toque mediterrânico conquistou-o.

Com ele, a instituição ganhou um novo fôlego

Texto **Hélder Beja** | Fotos **Gonçalo Lobo Pinheiro**

ascal Casanova chega ao restaurante Dom Galo para almoçar depois de uma boa caminhada, que o traz desde a colina da Penha, onde fica a Alliance Française de Macau, até aos NAPE. É um dos vários percursos que costuma fazer a pé na cidade, para vir alimentarse a esta casa de comida portuguesa que muito aprecia. O director do centro de língua e cultura francesa escolheu a mesa, nós fizemos-lhe a vontade.

Aos 35 anos, Casanova é um homem viajado. Deixou as terras gaulesas em 1998 para nunca mais voltar permanentemente. Viveu e trabalhou (sempre em missões diplomáticas francesas ou noutros centros da Alliance) na Colômbia, República Dominicana, Honduras, Rússia e China. Fala francês, inglês, espanhol e um pouco de mandarim.

A conversa segue em inglês e às vezes em espanhol. O nosso francês não chega para as necessidades, tal como o português de Pascal Casanova. De Portugal, o que o director da Alliance já conhece relativamente bem é a comida. Pede uma salada mista encimada por rodelas de ovo cozido e, para acompanhar, um queijo de cabra cortado às fatias e servido com *crackers*. Nós vamos para o salmão grelhado a

acompanhar apenas com vegetais e, para dar a provar a Casanova, pedimos também um prato de rissóis de camarão.

Pascal Casanova é um homem dinâmico e saudável. Isso nota-se na forma como gere a Alliance e no dia-a-dia que nos descreve. Antes das 6h00, quando muitos ainda se deitam numa cidade acostumada a dormir tarde, já este francês de Nice se levanta para começar a jorna com uma corrida ou uma caminhada. Às 8h00 está na Alliance Française para mais um dia de trabalho que normalmente acaba tarde. "O nosso objectivo era tornar a instituição mais visível, mais local, mais dinâmica. Esse é o nosso ADN e está a começar a resultar", diz-nos.

O ano de 2012 assinala um quarto de século de existência da Alliance Française. "Tivemos a felicidade de coincidir com esta data e organizámos mais do triplo dos eventos que costumávamos fazer", contabiliza. Os concertos, exposições, workshops e outras actividades concretizadas nos últimos meses conseguiram destacar a instituição no mapa cultural da cidade. A ideia, assegura, é que a qualidade e quantidade da programação cultural se mantenham daqui em diante.

Há mais de 900 Alliance Française no mundo





e na China já são 15. Em Macau, a escola de língua soma 761 alunos, contando com aqueles que ensina na Universidade de Macau, na Universidade de São José e noutras instituições. Os estudantes são na maioria chineses, mas há também alguns portugueses, uma estudante colombiana e pessoas de várias nacionalidades que trabalham em casinos ou noutras empresas internacionais.

"A nossa estudante mais nova tem 19 meses. É a aluna mais jovem de todas as Alliance Française do mundo", ri-se Pascal Casanova. Os pais desta menina chinesa não têm qualquer ligação a França, a não ser o gosto pela cultura e pela língua, e decidiram que a filha haveria de seguirlhes as passadas o mais cedo possível. As aulas privadas para bebés podem estar a ganhar novos interessados – a Alliance de Macau já tem um

segundo pequeno aluno que começará a estudar a língua de Victor Hugo muito em breve.

A diversidade e a "óptima harmonia em que se vive" em Macau são duas das coisas que mais agradam a Pascal Casanova. "Em França o sistema falhou, temos problemas de integração", aponta. Por cá, o director da Alliance vê diferentes comunidades a conviverem pacificamente. "Não sinto qualquer competição entre países ou línguas. As pessoas já perceberam que se ficarmos sozinhos não conseguimos fazer nada, temos de trabalhar em rede."

É por isso que Casanova passa os dias em reuniões com instituições chinesas e portuguesas, que já resultaram em parcerias como a que culminou num ciclo de cinema organizado a meias com o Albergue SCM. Mesmo quando as iniciativas culturais não têm o dedo da Alliance Française, Pascal faz questão de estar lá, de conhecer e perceber o que está a ser feito no território.

O tempo para o lazer é curto, até porque às sextas-feiras ainda dá aulas de conversação a alguns alunos de nível avançado. Mas aos domingos há romagem obrigatória a Coloane com

No meio da crise temos oportunidades e temos de nos adaptar rapidamente. Estamos numa fase em que se muda várias vezes de país, de cidade, de casa, de casamento. Há quem preferisse ter vivido noutra época, eu estou feliz por estar vivo neste momento"

os amigos, novamente para aproveitar a boa comida e, com sorte, um dia de sol junto ao mar. "Ficar velho não é bem uma felicidade, mas ganha-se experiência, pode-se poupar tempo, ser-se mais rápido", diz. Bem disposto e conversador, o director da Alliance Française

elogia a comida que já vai quase no fim, enquanto nos conta como foi sempre possível improvisar e fazer novos projectos nos países da América Latina onde trabalhou e onde a instituição que gere tem um maior papel de intervenção social. "No meio da crise temos oportunidades e temos de nos adaptar rapidamente. Estamos numa fase em que se muda várias vezes de país, de cidade, de casa, de casamento. Há quem preferisse ter vivido noutra época, eu estou feliz por estar vivo neste momento."

BREVE ANTOLOGIA DOS ESCRITORES DE MACAU



MARIA DE LURDES NOGUEIRA ESCALEIRA

Professora-Adjunta da Escola Superior de Administração do Instituto Politécnico de Macau/ Doutorada pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto

acau tem servido de inspiração e de mote a escritores e poetas que aqui nasceram ou que por aqui passaram e se apaixonaram pelo exotismo de um pequeno pedaço de mundo, onde o Oriente e o Ocidente se encontraram e têm coexistido durante mais de quatro séculos. São muitas as páginas que trazem até nós o pulsar de Macau, o viver e o sentir das suas gentes, mais parecendo peças de um puzzle que nos levam de volta à Macau antiga. Estudar todo este legado é, quanto a nós, do maior relevo, contudo, por questões de tempo e, até, de metodologia, iremos centrar-nos nos escritores que nasceram e viveram em Macau e retratam as suas vivências e a história da sua terra na língua de Camões. A vida destes autores e a sua obra encontram-se dispersas por páginas de jornais (Ponto Final, Tribuna de Macau, Hoje Macau), artigos variados e nos prefácios dos livros dos autores, ou mesmo, em sites da Internet, como é o caso do site de António Conceição Júnior sobre a vida e a obra da mãe, Deolinda da Conceição ou, mais recentemente, nas redes sociais.

Assim, iremos, de forma sumária, fazer uma viagem pelos vários autores que nos deixaram a sua visão e descrição de Macau, nos seus mais variados aspectos, permitindo-nos reconstituir a história e descobrir o "sentir" de Macau. É nossa opinião que, apesar da dispersão dos elementos, é necessário desenvolver estudos profundos e sistemáticos sobre os autores de Macau, não devendo, quem por ventura o fizer, negligenciar os autores que apenas publicaram um ou poucos livros, porque a intensidade das palavras, das personagens e dos factos irão, por certo, absorver o espírito atento e aberto a novas visões do mundo e do homem. Para além disso, estes parecem-nos ser o tempo e o lugar certos para falar dos autores de Macau, visto que o recente desaparecimento de Henrique de Senna Fernandes e de Leonel de Barros despertaram consciências para a necessidade de divulgar as obras de autores de Macau e, por outro lado, para sensibilizar académicos e estudiosos de várias partes do mundo que podem contribuir para o estudo e divulgação da

escrita de Macau, em língua portuguesa. Iremos, assim, apresentar cinco ilustres "macaenses" que se atreveram a escrever em Língua Portuguesa, o que é, sem dúvida, um número muito reduzido, no entanto, como o próprio Senna Fernandes afirma:

Os autores macaenses foram sempre muito esporádicos. Em Macau nunca houve condições para desenvolver uma verdadeira literatura macaense. A pequenez do território e, por conseguinte, da comunidade portuguesa, aliada ao facto de Macau ter uma parca importância para Portugal, não proporcionava a existência de uma comunidade literária". (...) Sempre me senti solitário nessa senda da escrita em português, na Ásia. A falta de incentivo e a indiferença do público desencorajavam sobremaneira quem tivesse o sonho de singuar pela escrita. Atrevo-me a dizer que escrever em português no se canto do mundo é puro desporto, que só a paixão o pode justificar. Quem tenha pretensões para voos mais elevados, a escrita em português não lembraria ao diabo!

Senna Fernandes, Henrique em entrevista inédita para O Globo

Após estas breves considerações, passamos, então, a apresentar os seguintes escritores de Macau: Luís Gonzaga Gomes, Deolinda da Conceição, Adé dos Santos Ferreira, Henrique de Senna Fernandes e Leonel de Barros.

LUÍS GONZAGA GOMES

(Macau, 1907-1976)

Personagem plurifacetada e autor de uma obra diversificada, a qual representa um importante contributo para os estudos e a história de Macau. Desde novo se assume como detentor de um bom conhecimento da língua e da cultura chinesas e como tradutor e intérprete, traduzindo tanto do Português para o Chinês como no sentido oposto. Na sua faceta de tradutor dedica-se à tradução de obras chinesas. consideradas importantes para o entendimento da história de Macau, das quais se destaca a tradução, em 1945/6. do livro *Ou Mun* Kei-Leok, de Tcheng U Lám e Jan Kuong Iâm, dois altos funcionários chineses que. no século XVII, visitaram Macau e procederam a um detalhado levantamento sobre a administração, os usos e os costumes dos residentes estrangeiros. É, ainda, a sua vertente de tradutor que o leva a coligir e publicar, em 1941, o Vocabulário Cantonense-Português e, em 1942, o Vocabulário Português-Cantonense. Para a língua chinesa traduziu Os Lusíadas, contados às crianças. É autor de vários artigos nos quais regista memórias e descreve aspectos da vida e da história de Macau e que, posteriormente, foram reunidos em Chinesices, Macau: factos e lendas, Curiosidades de Macau antiga, Lendas

Chinesas de Macau e
Efemérides da História
de Macau. Desenvolveu
um grande número de
estudos etnográficos¹ e
integrou a direcção de
revistas especializadas e de
instituições culturais, tendo
desempenhado um papel
activo na sociedade de Macau
e sendo, ainda, reconhecido
como um musicólogo de
relevo.

Através da sua vasta obra tenta contribuir para o intercâmbio entre portugueses e chineses dando a conhecer, aos portugueses de Macau, os usos e costumes chineses:

Há muita gente que, de vez em quando, sonha em voz alta, facto este que os chineses consideram como uma doença mas de pouca importância, por não afectar sensivelmente nenhum dos cinco principais órgãos da estrutura humana que para eles são: o ouvido, o olho, o nariz, a boca e o tronco.

Porém, se o caso se repete com mais frequência, a medicina chinesa classifica-o com o nome de LEI-UÂN-PÈANG, isto é "doença do afastamento da alma", quando a não atribuam a travessuras de súcubos, e amaldiçoado será aquele que padece de tal doença, pois será tido como portador de impendentes infortúnios e de calamidades iminentes para a sua família.

Gonzaga Gomes, L. Chinesices

Luís Sá Cunha, num artigo intitulado Luís Gonzaga Gomes: filho-rei-da-terra, descreve-o como a "mais misteriosa personagem nascida e vivente em Macau durante o século passado", um homem que amava a sua terra e que teve como lema da sua vida "dedicação e serviço".



Com serena dedicação tenaz, foi sendo tudo, em tudo intervindo, participando, influenciando, repuxando em mãos os fios de manipulação de todas as peças de uma cidade como num teatro de fantoches: ele foi professor, investigador, historiador, etnógrafo, jornalista, tradutor, poliglota, sinólogo, escritor, bibliotecário e arquivista, coleccionador de arte e museólogo. Ele foi tudo e em toda a parte: filho-rei-da-terra.

Sá Cunha, Luís in revista Macau

e na investigação, escreveu mais de cento e cinquenta estudos de temática etnográfica para dar a conhecer à cultura portuguesa e à comunidade portuguesa de Macau as tradições, contos, lendas, memórias, costumes, festividades e mundividência chinesas". Luís Sá Cunha em http://www.revistamacau.info/index.php/cultura/luis-gonzaga-gomes-filho-rei-da-terra. html (07/03/2011).

É ainda Sá Cunha que realça uma importante faceta do Gonzaga Gomes quando nos refere que:

Luís Gomes nasceu em Macau, pequeno ponto amuralhado no mapa do globo terrestre; teatro de encontro de dois grandes universos culturais, ainda tão distantes e desconhecidos. E logo pensou lançar pontes, transcender limites, ir respirar mundo para o trazer intra-muros. Para tanto foi antena de recepção e transmissão de notícias, novidades, de informações, fontes

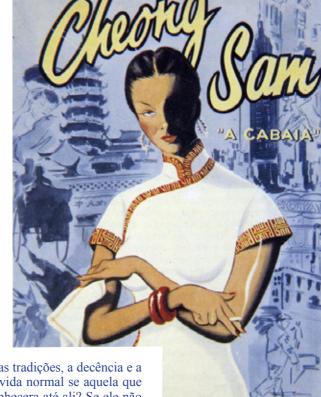
Homem de cultura e sinólogo, participou no Círculo Cultural de Macau, criado em 1950 com a finalidade de "promover a divulgação da cultura artístico-literária, especialmente a portuguesa... e tornar Macau, sob todos os seus múltiplos aspectos, melhor e mais perfeitamente conhecida na Metrópole, nas restantes colónias portuguesas e em todos os pontos do mundo onde se fale a língua-pátria". Para além de um variado leque de actividades (actuações em palco, organização de debates e exposições, promoção de actividades desportivas e emissões radiofónicas etc) o Centro Cultural de Macau publicava, mensal ou trimestralmente, a revista trilingue Mosaico, português, chinês e inglês (último número data de Dezembro de 1957), e na qual participaram vários escritores, entre os quais, Graciete Batalha, Luís Gonzaga Gomes e Henrique de Senna Fernandes.



DEOLINDA DA CONCEIÇÃO

(Macau, 1914-1957)

Primeira escritora e jornalista de Macau, professora e tradutora. A sua vida está marcada pelo sofrimento causado pela Guerra do Pacífico, facto que está bem presente na sua obra, repleta de descrições de quadros de extrema pobreza e de luta pela sobrevivência.



Que lhe importavam os preconceitos, as tradições, a decência e a dignidade e tudo quanto faz parte da vida normal se aquela que viviam fugia a todas as regras que conhecera até ali? Se ele não conseguia trabalho ela saberia prover os meios para ao sustento da família, ainda que para isso tivesse que vender a alma e o próprio corpo.

Conceição, Deolina. (1995). Cheong-Sam, 18

Deolinda da Conceição viveu numa Macau onde o preconceito predominava e a mulher era subjugada ao homem, trazendo para a escrita muita da sua vivência de mulher divorciada, que luta para sustentar dois filhos e que se afirma num mundo de homens. Brookshaw identifica-a como uma mulher do seu tempo e, também, uma mulher à frente do seu tempo, apesar de ter vivido as consequências da guerra e numa cidade pequena e conservadora como era a Macau daquela época. "She was the lone female voice among a group of Macanese intellectuals which emerged after the austere war years and flourished during the 1950s".

A mulher é o tema central e recorrente em toda a sua escrita e, em quase todas as suas crónicas, a mulher assume, directa ou indirectamente, o lugar central, quer na luta contra o preconceito, quer no sofrimento devido à pobreza que grassava na época ou ainda como a alma que sofre por amor.

Estamos perante uma escritora que mergulha até ao limite nesse pulsar plural que é Macau escolhendo para as suas histórias mulheres que, pela sua determinação, pelo sua força, pelo modo como lidam com o sofrimento, saem do anonimato para se transformarem em heroínas, sujeitos principais de um mundo onde aparentemente apenas se podem mover nos bastidores.

Laborinho, Ana Paula in Conceição, Deolinda. (1995). Cheong-Sam



* Deolinda da Conceição

Tendo vivido em Macau. Hong Kong e Xangai revela um profundo conhecimento dos usos e costumes chineses e portugueses, bem como, da teia de sentimentos que assola os que nasceram do cruzamento entre portugueses e chineses. Ao lermos o conto "A Esmola" ficamos atónitos ao perceber que a escritora, em apenas 3 páginas, nos transporta para uma Macau dos tempos antigos e, de forma simples mas densa, nos fala de um turbilhão de sentimentos vividos por personagens características da Macau da época.

O pai, sabia-o ele, tinha vindo de longe, da velha Europa, (...). A mãe era aquela pobre mulher chinesa, ignorante, de pé descalço, (...) que o pai levara para casa um dia e que ali se encontrava ainda numa situação indefinida (...) a mãe que ele amava no seu íntimo e de quem se envergonhava na sociedade.

Conceição, Deolinda. (1995). Cheong-Sam, 27-28

O amor tem lugar na sua obra mas, também, este é abalado pelas consequências da guerra, como por exemplo, no conto *Cheong-Sam*, A-Chung mata Chan Nui, a esposa que ele ama e admira, mas a autora vai dando ao leitor uma justificação para os actos

das personagens, mesmo para o crime, pondo na boca de A-Chung a justificação para aquele terrível acto: "Maldita guerra! Maldita guerra, que tudo lhe levara e que fizera dele um criminoso, um assassino, um pai sem coração, um homem sem raciocínio". O amor entre os homens portugueses, normalmente soldados, e as mulheres chinesas (O Calvário de Lin Fong) falam da felicidade do encontro, das dúvidas e incertezas, dos choque de costumes e da submissão da mulher chinesa que obedece à vontade do homem e que, quando este parte para a sua terra natal com promessas de regresso, fica à espera que ele regresse de Sai Iong (Portugal) para poderem viver a felicidade prometida.

Deolinda colaborou com os jornais Voz de Macau, Diário Popular e Notícias de Macau onde publicou vários artigos e, neste último, trabalhou de forma regular tendo integrado a redacção e orientado o suplemento feminino. É enquanto responsável pelo suplemento feminino que reflecte sobre a situação da mulher que (Conceição:19-12-1949)...

(...) vivera condenada durante muitos séculos (...), que só saía de casa aos domingos, acompanhada pela sua ama, para ir à Missa ou à procissão onde ia expor uma piedade muitas vezes forçada e que não tinha senão o brilho do verniz da capa do livro que ela folheava distraidamente a fim de esconder a sua abstracção de momento"

... e apela para que a mulher use a sua liberdade e dê o seu contributo em "quase todos os ramos da vida onde o homem imperava sem rival" sem que, no entanto, perca " (...) a sua sensibilidade feminina ou tornem o homem isento das suas responsabilidades que lhe eram impostas pelo código social até então".

Em 1949, num texto visado pela censura, a autora afirma que...

A liberdade, sobretudo quando é usada excessivamente, não liberta verdadeiramente a mulher. Prende-lhe aos pés uma grilheta, e toda a mulher de bom senso sabe que o seu uso discreto e limitado a colocará em situação não só de superioridade perante o homem, como fará dele o seu mais dedicado servidor.

"Deolinda da Conceição, mulher, escreve sobre mulheres, dando a conhecer essa ignorada metade do céu que na sombra ajuda a construir o infinito" (Laborinho:1995), uma mulher que enfrenta o preconceito, assume a sua liberdade e chama a si a responsabilidade de dar a conhecer a Macau de então atrayés do sentir no feminino.

A autora, quer através das personagens que vão desfilando nas suas crónicas, quer nos artigos publicados nos jornais, tece uma lúcida crítica à sociedade da época, revelando uma profunda reflexão sobre o contexto social e político de Macau e do mundo. Em 1952, num artigo intitulado *A época do Carnaval e o Carnaval da época!* escreve:

A Humanidade, vivendo constantemente escondida por detrás duma máscara imposta pelas convenções e pela praxe, descansa durante os dias do Entrudo (...) Mas a época do Carnaval passa célere. Porém o Carnaval da época, esse que preside a tantos actos sérios da vida, esse que domina até as nações e impera como déspota na Sociedade, esse jamais passará, descansa apenas durante três dias, porque o mundo teria de ser outro e bem outro para que ele desaparecesse completamente. O carnaval de todos os dias, o carnaval das relações de conveniência, o carnaval das mentiras ditas com serenidade, o carnaval da hipocrisia mascarada de virtude, do vício vestindo o hábito da santidade, da intriga e da inveja, o carnaval dos apertos de mão escondendo intenções reservadas, dos sorrisos a encobrir projectos maldosos, da honestidade a disfarçar ambições ilegais, enfim o carnaval que a época presente vive, esse é que é o verdadeiro carnaval. Olha-se em roda e o cortejo carnavalesco não tem fim. (...)

A época do carnaval não é senão uma pausa feita para tomar fôlego, para que o carnaval de todos os dias possa continuar sem interrupção forçada.

Conceição, Deolinda. (1995). Jornal "Notícias de Macau"

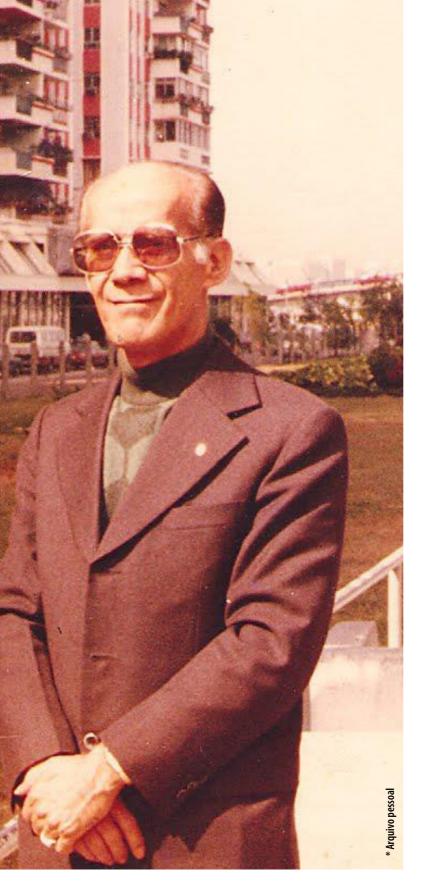
Deolinda da Conceição dedicou a sua vida à crítica literária e artística, escreveu crónicas, editoriais e alguns ensaios de ficção. Contos e crónicas da escritora foram reunidos em Cheong-sam. A cabaia, livro publicado em 1956, em Portugal, e reeditado, em Macau, em 1995, pelo Instituto Cultural de Macau². As suas crónicas, publicadas nas páginas do Notícias de Macau, são (Brookshaw) "(...) a popular genre widespread in the press of the Portuguese-speaking world given its focus on a moral theme or contemporary issue, illustrated by the narration of an incident drawn from everyday life". A simplicidade, intensidade e a riqueza das suas (Brookshaw) "(...) stories, and the role she played in the rebirth of the Portuguese-language press after the War, make her a unique figure in the literatures of Macau, China and the Portuguese-speaking world".

Deolinda da Conceição era uma Macaense de identidade portuguesa, transportando em si, como a maioria dos seus conterrâneos, a capacidade de, desde o berço, conviver e falar o cantonense, e bem assim o inglês. A condição de macaense permitia-lhe compreender o Outro, pois desde pequena se habituara à multiculturalidade desta cidade, aos odores e sons característicos que povoavam Macau do seu tempo.

Júnior, António C. (2008)

(²) O livro "*Cheong-Sam*" está traduzido em Chinês e vai na 5ª edição e alguns dos contos foram traduzidos para Inglês.





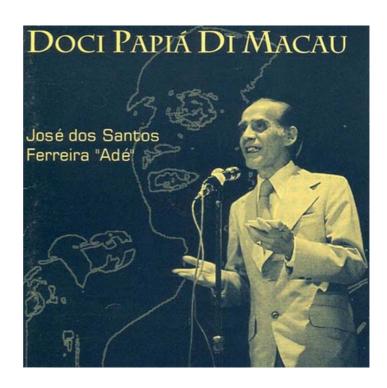
JOSÉ DOS SANTOS FERREIRA OU ADÉ

(Macau, 1919-1993)

Funcionário público e, mais tarde, secretário da STDM (Sociedade de Turismo e Diversões de Macau) foi, ainda, professor e, na sua faceta de escritor, colaborou em vários periódicos portugueses editados em Macau, foi co-fundador de alguns e Chefe de Redacção de O Clarim, Diário Popular, Diário do Norte e da revista Volante. A sua colaboração com a imprensa passa, também, pelo China Mail de Hong Kong e pela agência Associated Press.

O nome Adé transporta-nos, contudo, para uma Macau de tempos antigos que se teme venham a desaparecer e para memórias guardadas por quantos tiveram a felicidade de ouvir o doce embalar do dóci papiaçám di Macau (dialecto de Macau). De facto, a simbiose entre o dóci papiaçám e Adé é, por um lado, o resultado de uma vida em defesa do patuá e, por outro, o reconhecimento do valor e do esforço de um homem que se multiplica em desvelos e traz para as luzes da ribalta a voz que está a esvair-se e que é preciso revitalizar, dar uma nova vida e um carinhoso alento. Autor de peças teatrais, contos e poesia, é também ele que toma a seu cargo o ensaio e a direcção das peças em patuá. Embora tendo dedicado uma grande parte da sua vida a defender e divulgar o patuá, abraçou, também, outras causas, sociais, culturais e

desportivas, e colaborou em programas de rádio. Poeta e prosador, Adé escreveu, na língua maquista, Poéma di Macau (1983) e Macau, Jardim Abençoado (1988), tendo a Fundação Macau editado, em 1996, as obras completas do autor. Alguns dos poemas, escritos em patuá, foram musicados e reunidos em CD. Sobre a sua obra Macau: O Jardim Abencoado -Dialecto Macaense o autor, na dedicatória aos leitores, na Edição do Instituto Cultural de Macau – 1988, refere que se trata de...



(...) um livrinho simples e despretensioso, como o são, afinal, a terra de sonhos e o bom povo de quem fala. Tudo que há nele, página a página, de verso em verso, foi ditado pelo coração, escrito com o amor que Macau nos inspira em todos os momentos e actos da nossa vida". E acrescenta que a maior parte "(...) é apresentado na doce "língua maquista ", esse aliciante dialecto antigo criado pelos nossos maiores e que constitui, sem dúvida, uma das mais características tradições desta terra repassada de glórias e sentimentos cristãos, bem orgulhosa da Pátria que jurou amar para todo o sempre.

É ainda Adé que, na referida dedicatória, nos fala do objectivo que pretendia atingir ao escrever o "livrinho":

O mavioso dialecto entrou em vias de completa extinção. Dentro de escassos anos, dele nada mais restará senão uma pálida lembrança, como o tanger nostálgico duma suave melodia cheia de reminiscências. Será então talvez, que este livrinho e outros pequeninos trabalhos por nós trazidos a lume começarão a ser acolhidos como coisa útil deixada à posteridade. É com este pensamento que hoje nos damos por felizes com a oferta que fazemos a Macau. Jardim Abençoado, terra de encantos que nos foi berço, de mais um contributo nosso para a divulgação do seu fascinante dialecto antigo.

Ainda na dedicatória de Macau: Jardim Abençoado, Adé deixa transparecer a sua preocupação com a transferência de soberania: "Enlevo do nosso coração, Macau, pequenina e graciosa, gentil e acolhedora, está prestes a perder algo de muito importante que religiosamente guardou através da sua existência auatro vezes secular - a sua própria identidade como filha de Portugal". Dirigindo-se aos leitores dá conta da sua visão sobre a atitude dos homens que aqui nasceram ou passaram algum tempo:

A Cidade do Nome de Deus foi sempre olhada com carinho por muitos dos que tiveram o ensejo de compartilhar as suas alegrias, nas horas felizes, e sentir os embates das suas vicissitudes, nos transes difíceis. É certo, é triste ter ela sido também, e não poucas vezes, tratada com assomos de arrogância e insinceridade, levianamente lograda por espíritos interesseiros que dela se têm servido para alimentar ambições desmedidas. Os espíritos mesquinhos vêm movidos pela ganância, colhem avidamente os frutos cobiçados e regressam fartos, falando, ainda por cima, mal da terra e das suas gentes. Desses, porém, nos devemos esquecer, diligenciando por apagar da memória laivos de façanhas repugnantes.

Macau é o tema central da obra de Adé, uma *Macau* pequenina, Filha de uma Pátria grande! a que o autor chama "berço" e por quem nutre um "Amor ardente". (Poema: Macau Pequinino/ Macau Pequenina)

Macau cristám, Iou-sa único riquéza, Minha tudo ancuza na vida. Tera di Nómi Sánto Qui Mai di Deus, co ternura, Cubrí co Su quimám di séda.

Macau cristă, Minha única riqueza, Meu tudo na vida; Urbe de Nome Santo Que a Mãe de Deus, com ternura, Cobriu com o Seu manto de seda

O mesmo amor é dedicado a Portugal a quem reconhece a valentia e a coragem de cruzar os mares e vir a terras longínquas trazer a fé cristã.

Portugal, Di más grándi na Estória di Mundo, Di más cristám na Mundo Cristám...
Pátria di gente corajoso,
Qui cruzá mar medonho,
Já vai tera estranho,
Cavá, vêm estuhga vánda,
Assi lóngi,
Criá vôs,
Fazê vôs cristám,

Portugal,
Dos maiores na História do
Mundo,
Dos mais cristãos no Mundo
Cristão...
Pátria de gente destemida
Que, cruzando mares
temerosos,
Demandou terras estranhas,
Veio a estas paragens
longínquas,
E te criou e te fez cristã,

A lealdade de Macau a Portugal, mesmo nos momentos mais dificeis, é exaltada e louvada dando a Macau e às suas gentes, que amam Portugal, uma nobreza de carácter e uma amor inabalável pela Pátria distante.

Macau qui na mau tempo, Na ora di calmaria, Sempri têm na su coracám Acunga quirido di tudo nôs: PORTUGAL!

Macau, que na tempestade, No tempo de bonança, Jamais deixou de aconchegar no coração O querido de todos nós: PORTUGAL!

O sonho de que Macau conserve as suas características e continue a sua ligação a Portugal estão presentes nos versos que Adé dedica à Macau, "beleza dos meus olhos, Sol da minha vida..." quando a questiona...

Qualunga di nôs dôs Lôgo vai más aZinha, iou nom sabe: Si iou, Di estunga váli di lágri, Co tudo iou-sa pecado, Si vôs, Di grándi Família Lusitano, Co vôsso obra meo-ramatado.

De nós os dois, Qual abalará primeiro, não sei dizer: Se eu, Deste triste vale de lágrimas, Com todos os meus pecados, Se tu, Da grande Família Lusitana, Com a tua obra inacabada.

... e humildemente lhe faz um pedido ...

Intrestánto, Macau, Bérço abençoado, Farol alumiado di iou-sa fé; Dessá iou vêm pedí co vôs: Qui na chuva, qui na dia bonito, Na alegria, Ó na tristéza, Guardá sempri na vôsso coraçám, Quente, respetado, Nómi di nôsso quirido Portugal.

Entretanto, Macau, Berço abençoado, Farol luminoso da minha fé; Deixa que te implore: Quer chova, quer faça tarde linda, Na alegria ou na tristeza, Guardarás sempre no teu coração, Aquecido, respeitado, O nome do nosso querido Portugal.

HENRIQUE DE SENNA FERNANDES

(Macau, 1919-1993)

Advogado, bibliotecário, professor e escritor é, sobretudo, recordado como um exímio contador de histórias e um homem comprometido com os desafios do seu tempo, de Macau e dos "macaenses".



Ensinou-nos a estudar com prazer a disciplina que para muitos não passava de uma grande chatice ou mesmo um mero soporífero! Ele empolgava-nos com as suas discrições das guerras, das invasões francesas, até mesmo da pormenorizada escalpelização ou discrição anatómica da estatua da Deusa Venus de Milo que de facto nunca ouvi tão perfeita e tão rigorosa apresentação! (...) estas aulas que para nós eram melhores do que sessões de cinema nos Teatros Apolo, Nam Van, Vitória, Império ou Lido (...).

Luís Machado "Ao meu grande Mestre Henrique", Jornal Tribuna de Macau, 06-10-2010 É com grande naturalidade que Henrique de Senna Fernandes vai dando a conhecer a sua história de vida, os seus amores e desamores, os seus encantos e desencantos, como se tudo fosse surgindo ao acaso e ele fosse aproveitando o melhor de cada momento da vida. É esse acaso que o leva a escrever desde os 11 anos quando o comentário do professor à sua redacção, "tinha ideias, continua... e que era preciso ler mais", o motivam e lhe dão confiança para se aventurar no mundo da escrita.

A incursão pelo romance surge (*Tai Chung Pou*, 30-09-2007) de um desencontro daqueles que decidem a vida de uma pessoa:

Como todas as histórias que realmente merecem ser contadas, foi uma história de amor que esteve no início de tudo. Andava no liceu, adolescente, tinha começado então o primeiro ano da década de quarenta do século passado. Ela era "tão bonita, tão realmente bonita", uma das mulheres mais bonitas de Macau, e ele apaixonou-se. Ao contrário dos filmes, a história não teve um final feliz. "Foram desencontros e mais desencontros, más compreensões" e aquele "amor platónico" nem sequer vivia das palavras, que não se falavam. Mas há um dia no liceu em que desceu do primeiro andar para o rés-do-chão e cruzaram-se. "Deitou-me um olhar rápido, mas tão perturbador. Mas este parvo não fez mais nada, não soube actuar", recorda. "São esses pequenos desencontros que decidem a vida das pessoas". Este foi, talvez, o mais decisivo.

As aulas acabavam às 4h30, antes das seis já estava em casa. "Estava tão inspirado, já estava na minha mente fazer uma história. Fui para a sala de jantar, papel branco almaço e lápis, escrevi 'capítulo primeiro'. E fiz uma história, o meu primeiro volume".

(3) http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2010/10/25/entrevista-inedita-com-henrique-de-senna-fernandes 334732.asp (8-03-2011).

Os primeiros escritos não foram publicados, nem restam manuscritos ou cópias "O livro acabou por se perder, juntamente com outros", "Deu-se na vizinhanca um incêndio (...). O baú apanhou água. Ouando fui tirá-lo, bem como os livros que lá estavam, já não se aproveitava nada". "Cheguei a publicar nos anos 40 do século passado no semanário diocesano O Clarim três contos, infelizmente não fiquei com nenhuma cópia³". Desempenhando um importante papel no panorama cultural e na esfera social de Macau, era um defensor da cultura macaense e do patuá, tendo o seu recente desaparecimento desencadeado várias iniciativas, entre as quais a homenagem, organizada pela Universidade Nova de Lisboa e, no âmbito da qual realizámos um inquérito por questionário (11-10-11 e 10-11-11, total de 319 respostas) do qual iremos destacar alguns dos aspectos mais significativos sobre o autor e a sua obra.

H. de Senna Fernandes é uma figura amplamente conhecida e, simultaneamente, reconhecido como escritor, no entanto, no que concerne à questão relativa ao nível de conhecimento da sua obra, deparámo-nos com um cenário diferente, visto muito poucos terem lido todos os livros e cerca de metade dos inquiridos nunca ter lido nada que consiga identificar como sendo deste autor. Sem dúvida que as obras mais lidas são Amor e Dedinhos de Pé e



Trança Feiticeira sendo que este facto se deve, em nosso entender e em grande parte, à influência dos filmes baseados nestas obras, os quais foram filmados e, posteriormente, exibidos em Macau, o que despertou o interesse pela leitura destas duas obras. Os contos Nam Van - Contos de Macau e Mong-Há -Contos de Macau são pouco conhecidos e os artigos publicados pelos jornais raramente são referidos. Através dos vários relatos de entrevistas ao autor, transparece uma certa mágoa por não ter conseguido

publicar nenhuma das suas obras em Portugal e é devido a esse desencanto que passa a identificar-se como um escritor de Macau sem. no entanto, deixar de afirmar o seu amor a Portugal. Em Macau, foram editados e traduzidos, para chinês e inglês, Amor e Dedinhos de Pé, Trança Feiticeira, Nam Van – Contos de Macau e Mong-Há – Contos de Macau. A colectânea de fascículos sobre cinema. publicadas na década de 70 do século passado na revista Confluência, e reunidos no livro Cinema em Macau,

publicado em 2010 pelo Instituto Internacional de Macau, revelam-nos a sua paixão pelo cinema, uma das suas facetas menos conhecida. e dão-nos a conhecer o estilo de vida da época. No prelo um livro que reúne fascículos publicados no jornal Ponto Final, A Noite Caiu em Dezembro O Instituto Cultural de Macau "(...) editou e co-editou várias obras do escritor nas línguas chinesa, portuguesa e inglesa, a saber, Amor e Dedinhos de Pé (em chinês), A Trança Feiticeira (em chinês e inglês - The Bewitching Braid),



Nam Van (em português), Mong-Há (em português). Fora de Macau. (Rangel. 2009) o nome do escritor tomou algum destaque na sequência da rodagem dos dois filmes baseados nas suas obras "Amor e Dedinhos de Pé" e "Trança Feiticeira" e com o lancamento, no Brasil, em 2009, das obras "Amor e Dedinhos de Pé" e "Nam Van-Contos de Macau" sendo anunciada a publicação, ainda no decurso do mesmo ano, de "Trança Feiticeira4". Colaborou com os jornais A Voz de Macau. Notícias de Macau, O Clarim e Gazeta

Macaense, e com as revistas O Mosaico e a Revista de Cultura de Macau. A sua colaboração com a rádio é-nos referida por Luís Machado (JTM:06-10-2010) que nos dá conta da presença de H. Senna Fernandes na Rádio Macau onde gravou "(...) muitas horas com as suas crónicas (...) relatadas em encontros mensais de uma hora nos estúdios, e depois passadas em episódios de 10 minutos (...)". A sua obra revela-nos

A sua obra revela-nos um autor profundamente conhecedor da sua terra, que o inspira e lhe serve de cenário e de tema para os seus romances, indo buscar as personagens às memórias de pessoas reais com as quais se cruzou nos seus inúmeros passeios por Macau, que são a mistura de várias pessoas ou, apenas, fruto da sua imaginação. Os seus livros falam de histórias de amor, das diferenças sociais e dos preconceitos que transformavam os amores vividos entre diferentes etnias, macaenses e chineses. numa complicada trama de sentimentos. O amor e a mulher são sempre o foco da sua escrita revelando uma profunda admiração pela figura feminina e cantando o amor que afirma ter uma enorme influência na vida das pessoas, que leva a cometer imensos erros mas que, por vezes, é a salvação. Sobre o autor, Isabel Castro, no artigo As palavras que queremos não morrem, jornal Ponto Final, do dia 5 de Outubro de 2010, escreve:

Quero acreditar que Henrique é imortal, que não foi embora, que os livros dele vão mesmo ser reeditados, que as obras que deixou por publicar vão ser dadas à estampa e que o esquecimento que o marcou em vida vai dar lugar à maior homenagem que pode ser feita a um escritor: os seus livros estarem nas livrarias, nas mãos dos leitores, nas estantes das pessoas que gostam do passado que vai além do que está nos livros de História, de perceber como chegámos aqui. Senna Fernandes era uma casa, uma cidade, várias cidades, um mundo grande que merece ser lembrado na lusofonia.

(4) Informações retiradas da página online do ICM http:// www.icm.gov.mo/pt/News/ NewsDetail.aspx?id=9108 (24-10-2010) Este facto relembra-nos que, apesar de existirem já alguns estudos, embora raros, como é o caso dos artigos publicados por José Carlos Venâncio e David Broockshaw, bem como a obra de Yao Jingming e Lúcia Lemos, existem ainda muitos cantos da "casa", da "cidade", das "várias cidades" e do "mundo grande" à espera de serem descobertos e revelados.

(Manage 1024 2011)

(Macau, 1924-2011)

Escritor, pintor, desenhador, músico, escreve sobre as histórias de Macau, as lendas e as tradições que a sua curiosidade e memória foram descobrindo e arquivando e que, a partir de 1980, saltam para as páginas da Tribuna de Macau (mais tarde JTM, com quem manteve uma colaboração regular desde 1982 a 2011) e, posteriormente, são reunidas e publicadas em livros. Apaixonou-se pela escrita e afirma escrever, à mão, diariamente porque a escrita é um vício e uma paixão que partilha com outros dois grandes amores: o desenho e os animais. O seu interesse por animais levam-no a tirar um curso de veterinária, por correspondência, e a adquirir bons conhecimentos, tanto de botânica como de ciências médico-veterinárias, o que lhe permitiu ter um importante papel na instalação do Museu Marítimo, no Mini-Zoo do Jardim da Flora e na antiga Granja do Parque de Seac Vai. A fauna e a flora são retratados em vários desenhos e pinturas tendo-lhe dado, também, a oportunidade de, num livro⁵ sobre aves e cobras de Macau, aliar a escrita ao desenho sendo. simultaneamente, autor do texto e das ilustrações. Os usos, costumes e as lendas chinesas são contados para dar a conhecer aos portugueses a cultura e as tradições chinesas. Leonel de Barros vai desfiando as suas memórias e,

pouco a pouco, as peças vãose amontoando e alinhando. dando forma a uma parte da história vista a partir de Macau: Portugal declarava-se assim um país neutro. Macau, porém, não ficou indiferente. Logo após a ocupação japonesa das três províncias do Nordeste da China, os habitantes de Macau reuniram apoios materiais e espirituais. (...) Foram criadas associações de assistência que enviaram para o interior da China várias equipas para reforçar a resistência chinesa e dar apoio às vítimas da guerra.

Barros, Leonel, JTM 01-09-2011

Publicou, com o apoio da Direcção dos Serviços de Educação e Juventude (DSEJ), em 1999, Macau-Coisas da Terra e do Céu e, posteriormente, editados pela Associação Promotora da Instrução dos Macaenses (APIM) Templo, Lendas e Rituais –Macau e Memórias Náuticas, em 2003, Tradições Populares, 2004, Memórias do Oriente em Guerra-Macau 2006, Homens Ilustres e Benfeitores de Macau, 2007, Igrejas de Macau e Cerimónias Religiosas, 2010.

(5) Barros, Leonel. Guia ilustrado de cobras venenosas de Macau e das ilhas, da Taipa e Coloane com recomendações para os primeiros socorros sobre mordeduras / por L. Barros Macau: Centro de Informação e Turismo, 1978.

CONCLUSÃO

Em jeito de conclusão gostaria de deixar algumas das ideias que apresentei relativamente a H. de Senna Fernandes e que, em nosso entender, se estendem a todos os autores que acabamos de citar, bem como a todos os outros que escreveram em e sobre Macau.

A presença em Macau do português e do chinês, como línguas oficiais, e do inglês como língua de comércio e de comunicação no quotidiano social e de trabalho, obrigam a um esforço acrescido para que todos possam ter acesso a estas obras. Se bem que a tradução para chinês e, também, para inglês seja já uma realidade em alguns casos, pensamos que esta deve contemplar todos os escritores sendo esta uma tarefa que se nos afigura urgente e necessária para que Macau, onde a maioria da população não domina a Língua Portuguesa, possa "ler" sobre Macau e conhecer pedacos da sua história. Tudo o que vier a ser publicado deveria seguir a estratégia de pensar sempre nas duas línguas, em Português e em Chinês, porque, desta forma, fomenta-se a convivência cultural e "convidam-se" os leitores de Língua Chinesa a conhecer as "estórias" de Macau.

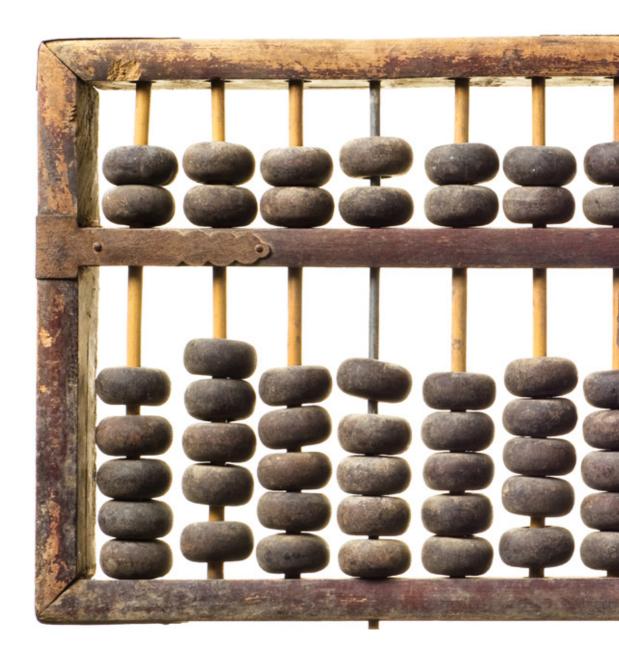
O Instituto Cultural de Macau tem um importante papel a desempenhar, cabendo-lhe, em nossa opinião, a tarefa de

reeditar tanto as obras que se encontram esgotadas como as restantes, bem como editar as que, eventualmente, possam sair do fundo das gavetas e conhecer a luz do dia. Às instituições governamentais e não governamentais de Macau e de Portugal cabe a missão de desenvolver e apoiar iniciativas de divulgação, dos autores e das suas obras, nos Países de Língua Portuguesa (PLP). Uma das iniciativas do governo de Macau poderia passar pela oferta às bibliotecas escolares dos livros destes autores, acompanhando esta iniciativa com a organização de seminários sobre a vida e a obra dos mesmos. A introdução da leitura dos escritores de Macau nas escolas é uma iniciativa que nos parece adequada por parte das instituições de ensino, públicas e privadas, onde se ensina o/em Português aconselhando-se o recurso, para além dos livros, a meios audiovisuais, à internet, documentários, filmes, etc. de forma a motivar os jovens As instituições competentes devem promover e apoiar o debate e estudos sobre a literatura de Macau mas, em nosso entender, os investigadores têm que chamar a si a tarefa de dar os primeiros passos e de se assumirem como "guardiões" e difusores de um importante legado para a história de Macau

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

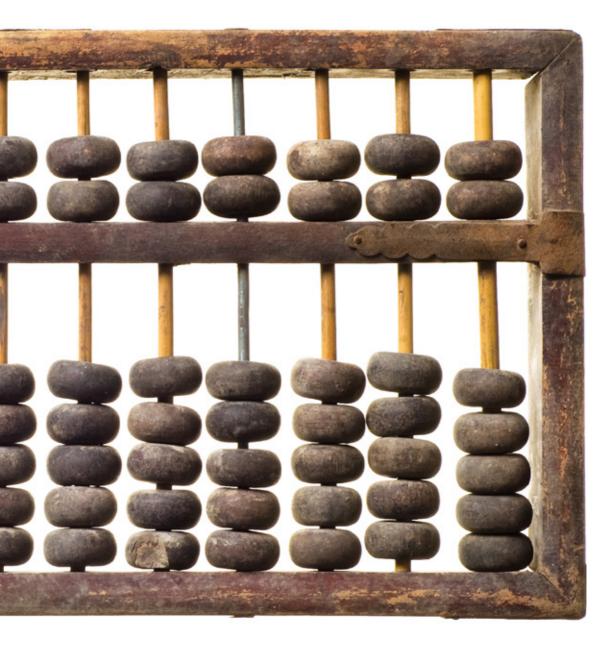
Barros, L. (2009). "Um conflito visto de Macau: Macau isolada do mundo". Jornal Tribuna de Macau, 01 de Setembro de 2009. Brookshaw, D. "Introduction to Deolinda da Conceição". Disponível em http://www. arscives.com/deolinda/ introduction.htm Caniato, Benilde J.(2005) Percursos pela África e por Macau, Cotia, S.P. Ateliê Editorial. Castro, Isabel (2010) "As palavras que queremos não morrem", Jornal Ponto Final, 5 de Outubro de 2010. Conceição, D. (1949) "A Mulher Moderna" in Jornal "Notícias de Macau", 19 de Novembro de 1949. Conceição, D. (1952) "A época de Carnaval e o Carnaval da época" in Jornal "Notícias de Macau". 23 de Fevereiro de 1952. Conceição, D. (1995) Cheong-Sam, Macau: Instituto Cultural de Macau e Instituto Português do Oriente. Escaleira, M. L. (2011) Henrique de Senna Fernandes: Um legado a não esquecer... Comunicação apresentada na Homenagem a HSF, Lisboa: Universidade Nova. Júnior, A. C. (s/d) Deolinda da Conceição. Disponível em: http://www.arscives. com/deolindaconceicao/ comunicacao.asp http://rpdluz.tripod.com/ projectomemoriamacaense/ henrique-s.fernandes.html entrevista inédita (O Globo) Sá Cunha, L. Luís Gonzaga Gomes:filho-rei-da-terra Disponível em http://www. revistamacau.info/index.php/ cultura/luis-gonzaga-gomesfilho-rei-da-terra.html

SUAN-PAN (ÁBACO)

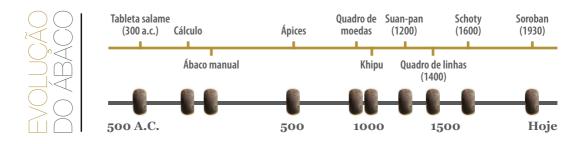


o antepassado da máquina de calcular. Alguns autores defendem que o suan-pan moderno, como é conhecido na China, foi criado na dinastia Yuan (1271-1368). É o ábaco que hoje conhecemos: com duas plataformas. Ganhou depois versões na Rússia, na América Latina e no Japão, mas é na China que ainda hoje faz as contas de muitas lojas, farmácias, algumas escolas e nas

muitas Chinatowns espalhadas pelo mundo. Este conhecido "prato de cálculo" chinês, que tem actualmente as características do irmão japonês, permite somar, subtrair, multiplicar, dividir e até extrair raízes quadradas. Se na plataforma superior cada conta vale cinco, na inferior apenas um. Essas estão contadas ao moverem-se as hastes e o resultado lê-se da esquerda para a direita.



ÍCONES CHINESES

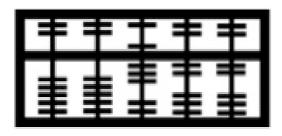


TESTE

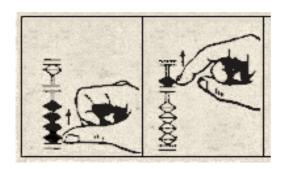
Exercício 1: Que número representa esta disposição das contas?

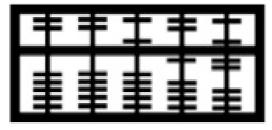
TÉCNICA

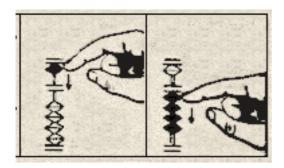
É geralmente o dedo indicador que comanda as contas da plataforma superior. O polegar controla o movimento das contas em baixo. Mas o médio também pode entrar nas contas da plataforma superior. O mais importante é ser rápido nestas operações sem errar o cálculo.



Exercício 2: Diminuímos 305 do exemplo anterior. Que número representa esta disposição das contas?







Soluções

Para subtrair 305 de 822, diminuímos 100 unidades em contas ao afastá-las do centro. Em seguida, tirámos uma conta de valor cinco, mas não havia contas desse valor disponíveis, por isso subtraímos temporariamente uma conta de dez e adicionámos duas contas de valor cinco para compensar esta situação. Assim conseguimos diminuir a tal conta de cinco para terminar o cálculo.



À BEIRA DO RIO OESTE

Zhaoqing, uma das cidades com maior importância histórica e cultural do Sul da China, tem também um sentido especial para a história dos portugueses em Macau. Foi de lá de onde chegou, em 1583, a aceitação oficial para os portugueses poderem ficar a viver em Macau e os jesuítas entrarem no País do Meio

Texto José Simões Morais





haoqing localiza-se no Trópico de Câncer e é um destino turístico por excelência, em que muito há para ver e descobrir tanto na cidade como na prefeitura. Situa-se no centro oeste da província de Guangdong e é banhada a Sul pelo rio Oeste (Xi), tendo na outra margem a cidade de Gaoyao.

Porque o Xijiang, como é conhecido este rio, tem um ramal do delta a passar pelo Porto Interior, em Macau, chegar a Zhaoqing fazia-se de barco rio acima. Inúmeras são as embarcações que percorrem o rio Oeste, mas nenhuma é de passageiros. De comboio, numa viagem de cerca de 100 quilómetros a partir de Cantão, atraves-

samos canais onde não faltam barcos contentores e de transporte de areia. Pelas margens, os campos verdejantes mostram uma zona muito fértil.

Acolhidos pela cidade em neblina cerrada, caem os

primeiros pingos ao entrarmos no hotel. Após uma longa e tropical chuvada, a escurecer o dia e que só amaina com o chegar da noite, saímos à descoberta da cidade. Uma curta espera e o espectáculo de fogo-de-artificio logo começa num espelhar-se pelas águas dos lagos, criando um atractivo efeito de reflexões. Ao terminar, os espectadores vão cativados e os habitantes rendidos a voltar a passear pela cidade.

Com os olhos já no quotidiano da rua, a zona onde se encontram as lojas das cadeias internacionais é usada pelos vendedores de comida e bebida para aí fazerem negócio. Aproveitam também os lojistas, de montra aberta, para espraiar nos passeios os seus produtos. Antiguidades, chás e artesanato misturam-se com entradas de hotéis e restaurantes. Numa rua perpendicular a Duanzhou Silu, entre o terminal central de autocarros e a praça do Portal, há um mercado nocturno de roupas e bugigangas. São 23 horas e num instante, com o material recolhido, é desfeito o feitiço da feira; desertas de pessoas ficam as ruas. É no dia seguinte ao acordar que damos conta de termos sido bafejados com uma vista privilegiada para os lagos e colinas. Seria este um dos objectivos a visitar?

ESCRITOS DE VIAGEM

Com uma história de aproximadamente

1500 anos, Zhaoging rapidamente se

tornou um centro político, económico,

cultural e militar do vale do rio Xi, ficando

por isso a ser conhecida como a prefeitura

perfeita do Sul da China

Dirigimo-nos para Qixing Yan, ou Penhascos das Sete Estrelas, assim denominados pelo posicionamento das colinas que espelham a Ursa Maior. O parque ocupa e limita a parte Norte da cidade e foi logo à subida da primeira colina que percebemos ser esta uma das que se podem ver do hotel.

A visita ocupa-nos um dia inteiro num passeio pelos trilhos, subindo e descendo montes e penhascos e saltando ribeiros, admirando fontes e uma flora luxuriante envolvida pelos lagos.

O que está à vista é um magnífico cenário construído em 1955, com lagos artificiais e

adornado por pontes, árvores, arbustos e flores, aproveitando as belezas das colinas, cuja formação geológica é do tipo chaminé de fada.

Com uma história de aproximada-

de aproximadamente 1500 anos, Zhaoqing rapidamente se tornou um centro político, económico, cultural e militar do vale do rio Xi, ficando por isso a ser conhecida como a prefeitura perfeita do Sul da

Situada em Lingnan (a Sul da cordilheira de Nanling), o território dos Yue do Sul foi em 214 a.C. conquistado pelos exércitos imperiais da dinastia Qin e integrado na prefeitura de Nanhai. Na mudança da dinastia Qin para a Han, em 208 a.C., o general Zhao Tuo aproveitou o período de desorganização e, em 204 a.C., fundou o reino de Nanyue, que durou 93 anos durante o qual reinaram cinco gerações.

Com os problemas resolvidos nas fronteiras do Norte, o imperador Wu da dinastia Han do Oeste quis reaver o reino de Nanyue, independente desde o final da dinastia Qin. Assim, em 111 a.C. terminou este reino e entre outros foi criado o departamento Gaoyao.

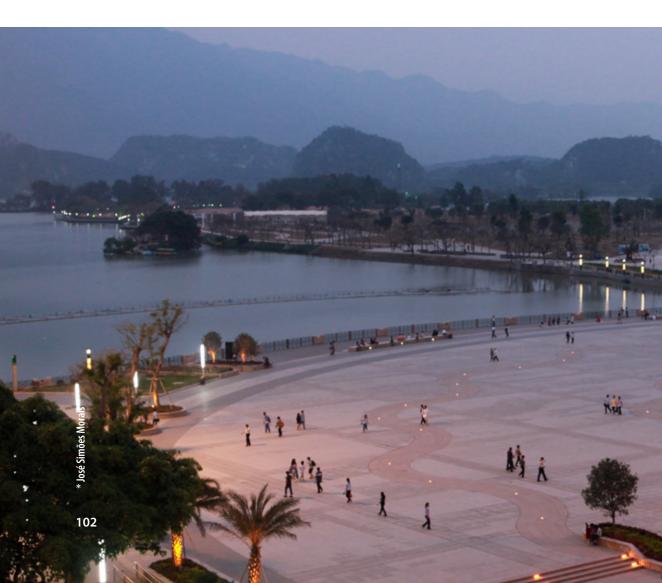
Em 507, o imperador Liang Wu atribui-lhe a jurisdição de prefeitura com sete departamentos e, em 589, o imperador Wen da dinastia Sui mudou o nome da prefeitura de Gaoyao para Duanzhou, adicionando dois novos departamentos.



ZHAOQING

Quando os portugueses chegaram à China durante a dinastia Ming, Zhaoqing era o local de residência do Governador da Província que, nessa altura, compreendia os territórios de Guangdong e Guangxi. Por isso, desde a sua origem Macau teve uma relação directa com Zhaoqing Na dinastia Tang, Duanzhou era já um famoso cenário e terra de grandes personagens. Li Yi escreveu no parque Qixing Yan um ensaio que tornou os Penhascos das Sete Estrelas ainda mais famosos, havendo desde a dinastia Jin já registos de turistas que aí deixaram as suas impressões. Mo Xuanqing, um oficial civil primeiro nos exames imperiais, nasceu em Fengkai, e o sexto patriarca do Budismo Chan, Liuzu, era de Xinxing, também na prefeitura de Zhaoqing. Aqui morreu o monge japonês Rong Rui, que trabalhou arduamente para fazer o intercâmbio entre o Japão e a China.

O actual nome da cidade aparece em 1118, tendo o imperador Song Huizong mudado de Duanzhou para Zhaoqing, tornando-a como imperial contraponto a Cantão.

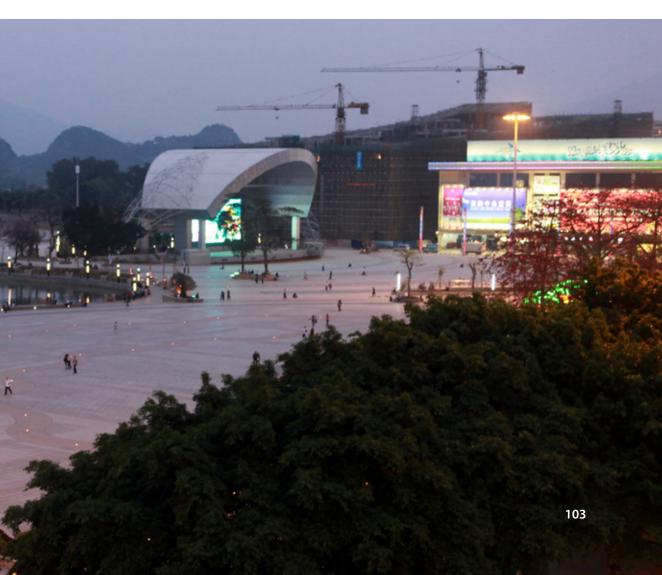


Quando os portugueses chegaram à China durante a dinastia Ming, Zhaoqing era o local de residência do Governador da Província que, nessa altura, compreendia os territórios de Guangdong e Guangxi. Por isso, desde a sua origem Macau teve uma relação directa com Zhaoqing, que em muitos documentos aparece com o nome de Shiuhing.

Por ser a capital de dois Huang, o mandarim Chen Rui, Vice-Rei de Cantão, mandou uma chapa a Macau em 1581, ordenando que as personalidades mais importantes, como o bispo D. Leonardo de Sá e o Capitão-mor D. João de Almeida, comparecessem perante o seu tribunal em Shiuhing (Zhaoqing). A cidade resolveu enviar em substituição como delegados o

Ouvidor Matias Panela, representando o Capitãomor, e o jesuíta Michele Ruggieri, que por estudar chinês foi como representante do bispo.

Ruggieri voltou a Shiuhing por duas vezes, levando ao Vice-Rei como presente um relógio mecânico. Depois acompanhando Matteo Ricci noutra embaixada, conseguiu permissão oficial para os portugueses poderem ter uma permanência em Macau e os padres, a possibilidade de viverem na China. Inaugurada no dia 14 de Setembro de 1583 em Shiuhing, foi criada a primeira missão Católica dos tempos modernos na China. Matteo Ricci viveu na cidade a divulgar conhecimentos da ciência e as novas tecnologias do Ocidente, preparando a viagem à capital para ser recebido na corte.



Foi só em 1664 que o imperador Kangxi (1662-1722) dividiu esta província em duas, tornandose Cantão a capital de Guangdong e levando Zhaoqing ao declínio.

A MURALHA

Deixando a zona dos lagos, embrenhamonos pelas vielas que parecem trazer alguma novidade. Sobre a muralha da cidade, só ao consultar um mapa aparece-nos, num desenho esquemático, um rectângulo com ameias. Fortificação? Seguimos na procura da muralha, pelo indicador a apontar o meio da cidade.

Entrando no escondido bazar, que o fora pelo tipo de lojas que ainda hoje aí se encontram, subimos por vielas e sem apercebermo-nos estamos dentro da muralha. Andando um pouco mais, chegamos à grande porta. A muralha ganha imponência ao ser observada do outro lado da avenida e, mesmo parcialmente desmantelada para permitir o trânsito de uma rua, é ampliada a sua grandeza quando numa das esquinas aparece a torre. Com os acessos fechados e guiados pela muralha para a descobrir no seu interior, somos presas fáceis do edifício do antigo palácio do Governo de Zhaoqing. Em exposição, o missionário jesuíta italiano Matteo Ricci é o protagonista, na sua envolvência pelo mundo chinês, já que em Zhaoqing passou seis anos a estudar a cultura chinesa, tentando fazer ligações entre as culturas do Ocidente e do Oriente.

A cidade já estava muralhada quando na dinastia Song do Norte Bao Zheng, famoso pela integridade e justiça com que exerceu o cargo de juiz, tornou-se governador. Nascido em 999, Bao Zheng morreu em 1062, perpetuandose pelas histórias como deus Bao Gong (Pau Gong em Macau). Chamando-se a si por Xi Ren, este excepcional oficial e homem de Estado nasceu numa família de intelectuais de Luzhou, em Hefei, actual província de Anhui. Com o título de Jinshi, aos 29 anos foi apontado como magistrado de uma comarca. No entanto resignou para ir tratar dos pais doentes durante dez anos. Em 1040, após a morte dos progenitores, foi apontado pelo imperador Renzong como governador de Duanzhou (Zhaoqing).



104 revista MACAU · Dezembro 2012



A cidade já estava muralhada quando na dinastia Song do Norte Bao Zheng, famoso pela integridade e justiça com que exerceu o cargo de juiz, tornou-se governador

São várias as histórias relacionadas com a sua maneira de fazer justiça. Certa vez, recebendo em audiência duas mulheres a reclamar a maternidade de uma criança, Bao Zheng, num paralelo da justica à Salomão, perguntou às pretensas mães sobre o pequeno-almoço que a criança tomava. Cada uma descreveu a refeição e então o juiz propôs que a criança fosse aberta para ser verificado nos intestinos qual tinha razão. Enquanto uma aplaudiu tal resolução, a outra, com lágrimas nos olhos prescindiu da maternidade para que a criança pudesse continuar a viver. Logo ali Bao Zheng entregou o filho à verdadeira mãe. Exerceu o cargo com tal eficiência que muitas histórias o levam a conseguir viajar ao reino dos mortos para ouvir testemunhas e resolver casos de outro modo, até então insolúveis. Após esses três anos, foi promovido para ir trabalhar em Bianliang (hoje Kaifeng), nessa altura capital da dinastia Song. A população de Duanzhou, grata a Bao Zheng pela sua honestidade e justiça, na despedida, em 1043, deu-lhe uma pedra de Duan, usada para dissolver o pau de tinta e famosa pela lenta secagem do líquido, o que fazia dela uma preciosidade da cidade. Como não queria levar nada mais do que tinha trazido, ao entrar para o barco atirou-a ao rio.

Após a morte de Bao Zheng, o imperador conferiu-lhe o título póstumo de Xiao Su (filial dedicação e integridade) e mais tarde o povo ergueu em sua honra o Templo Ancestral de Bao Gong, a Leste de Zhaoqing, junto às muralhas. Destruído com o passar dos anos, em 2000 o governo local construiu na parte Oeste da cidade um novo templo em honra de quem

nem um cêntimo tirou para si quando exerceu as funções de governador. Por isso, por detrás das portas do arco do templo encontra-se uma pedra que contém a seguinte inscrição "Zhengqi Changcun", que significa "A justiça vive para sempre".

Esse templo próximo do rio aparecenos agora um pouco abandonado, com alguns pavilhões fechados e sem grande informação acerca de tão grande estadista. Colocamos incenso e após "bater cabeça" por três vezes, em forma de respeito, deixamos o recinto com poucos visitantes.

SHIUHING DE MATTEO RICCI

A cidade já não presta atenção ao rio Xi, que na parte Sul a delimita, com a margem e as pessoas alheias à passagem de barcos contentores. Rio acima com o ruído dos motores a puxar, ou para jusante deslizando silenciosamente.

o autocarro segue pela margem do rio para Leste e deixa-nos no museu de Zhaoqing. Uma grande colecção de pedras de Duanzhou, de excelente trabalho escultórico não fossem elas um dos quatro tesouros da pintura chinesa, ocupa metade do museu. No outro lado dão-nos a conhecer o capitão Ye Ting, que começou em 26 de Maio de 1926 a Guerra Expedicionária do Norte com um grupo de 2000 pessoas escolhidas da companhia número quatro, estacionada em Zhaoqing desde Novembro de 1925.

Caminhando mais para Leste pela margem do Xijiang, um pagode capta-nos a atenção. Ao dirigirmonos para lá, um idoso vem ao nosso encontro e sem mais, nem porquê, aponta-nos para placa que à primeira vista parece desinteressante. Como está num caminho a um nível inferior da marginal, aí descemos, conseguindo ler entre duas colunas de mármore branco que ali ficava o antigo templo à imortalidade da flor, a primeira igreja erguida por Matteo Ricci na China.



Este padre jesuíta, que veio para Macau em 1582, partiu em Setembro do ano seguinte acompanhado pelo padre Michele Ruggieri para Shiuhing (Zhaoqing), tendo obtido licença do Vice-Rei para construírem uma casa. Esse templo é de 24 de Novembro de 1585 e são essas duas colunas o que dele resta. Após Matteo Ricci partir de Zhaoqing a 15 de Agosto de 1589, o edificio foi reconstruído e usado como templo de Liu Gong.

Qual a relação com o recinto do pagode, construído em 1582 e situado ao lado? Aí, com os edificios a serem reconstruídos, aproveitamos para subir os nove andares vistos do exterior

de Chongxi Ta, com 57,5 metros de altura. Só após 17 andares interiores chegamos ao alto do pagode. Há uma vista excelente das margens do rio que permite ver de cima o terreno concedido a Matteo Ricci para a missão primitiva dos jesuítas na China, que ficou sob jurisdição de Macau. Como despedida e próximo da estação ferroviária, provamos algo que nunca comêramos: tripas de peixe recheadas. De vez em quando, passa um comboio escondido por arbustos, à frente da esplanada. Assusta os comensais mas não retira o prazer de saborear tal petisco. A linha de ferro acompanha as águas dos lagos na parte Norte e com esse olhar deixamos Zhaoqing. ●





ARQUITECTURA DO DETALHE

O projecto da sala de leitura da Escola Portuguesa de Macau, da autoria de Rui Leão e Carlotta Bruni, foi distinguido pela UNESCO. O arquitecto guia-nos por grandes ideias num espaço pequeno

Texto Hélder Beja | Fotos Gonçalo Lobo Pinheiro

www.revistamacau.com 109

PRÉMIO

sol do começo de tarde reflecte na vegetação em volta da pequena sala de leitura da Escola Portuguesa de Macau (EPM) e o arquitecto Rui Leão explica que aqui nada acontece por acaso.

O projecto arquitectónico assinado por Leão e Carlotta Bruni, que adicionou uma sala de leitura ao edificio desenhado por Chorão Ramalho nos anos 1960, foi distinguido pela UNESCO, vencendo a categoria "Inovação" do Prémio de Conservação da Herança Cultural Ásia-Pacífico. Os detalhes, como a luz que entra por toda a parte, fizeram a diferença neste espaço que mantém a ideia de continuar a ser um pátio. "São coisas muito pequenas mas deliciosas, que têm que ver com a aprendizagem que fiz no atelier do Vítor Figueiredo, em Lisboa, onde estagiei. Havia sempre nele uma curiosidade em ancorar os grandes gestos com as pequenas coisas", conta Rui Leão. São coisas como os degraus que descemos e que fazem a sala ganhar mais pé alto, coisas como o branco e o preto que se conjugam e dão um toque japonês ao espaço. "No fundo é dessas pequenas coisas que são feitas as maravilhas de todos os sítios onde as pessoas vivem e que ocupam, e que são acumulações de camadas de tempo e de sabedoria", acrescenta.

É essa sobreposição de camadas que faz o arquitecto amar cidades como Veneza, dizer que podia ficar a contemplá-la para sempre. Macau não é Veneza mas também por cá se vai construindo uma e outra vez sobre o que já existe. Leão diz que "essa relação com o património, com uma pré-existência, tem muito que ver com o encantamento que é a gente ficar a olhar para as coisas e perceber que só as vai conseguir apreender se ficar a pensar nelas. Não é nada que a gente possa estar a perceber num atelier, à frente de um computador noutra cidade qualquer".

REDESCOBERTAS

Para construir a sala de leitura agora distinguida pela UNESCO foi preciso perceber tudo e, principalmente, o edificio de Chorão Ramalho. "Para nós era primordial que as coisas viessem todas da malha do edificio que já cá estava", assegura o arquitecto. A matriz nota-se em quase todos os elementos do novo espaço: as paredes de vidro, as vigas metálicas, as formas geométricas.





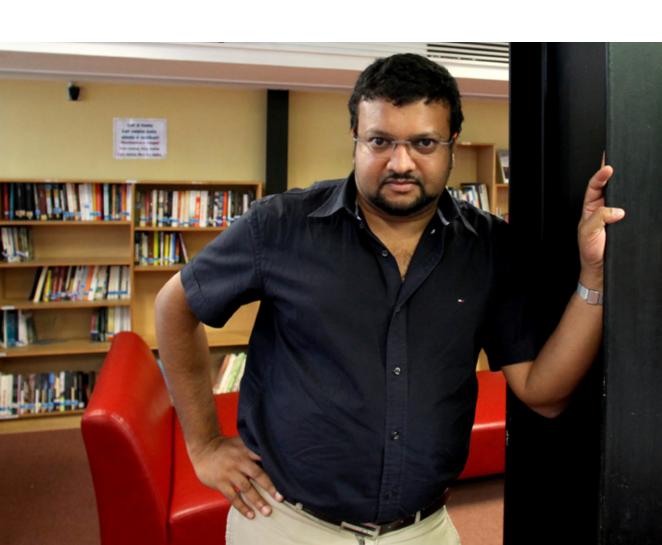
PRÉMIO

No atelier, Rui Leão entregou-se à construção da sala de leitura, pegou na planta de Chorão Ramalho e pôs-se a redesenhar tudo, a assimilar cada linha, cada detalhe. "Tive uma grande necessidade de perceber o que é que lhe passava pela cabeça quando fez isto. Lembro-me que a menina que estava a trabalhar comigo havia de pensar que eu estava maluco, porque eu falava com os desenhos, falava com o imaginário, com a redescoberta de uma série de coisas que estavam próximas mas não estavam descobertas", recorda o arquitecto. Isso foi "muito importante" para que se sentisse à vontade para actuar sobre o espaço e o edificio. "Quis saber o que é que estava aqui, mas do que saber o que é que eu queria. Acho que este exercício não é muito afirmativo e é isso que gosto neste projecto", acrescenta.

Trabalhar em equipa tem vantagens e há etapas que Rui Leão diz-se incapaz de cumprir sozinho.

Mas também dá muita discussão. "Neste caso, o que deu grande diálogo foi uma coisa um bocado mais afectiva. Tenho uma memória de infância deste edificio, de passar nele, de entrar cá dentro. Eu estudava do outro lado da rua [no Liceu de Macau] mas a gente vinha muito aqui. Tenho a convivência com o Vítor Figueiredo, com o Manuel Vicente, que não são desta geração mas vêm logo a seguir, e depois com aquela gente toda do Porto onde apesar de tudo havia uma certa continuidade. Tenho uma relação com isto, não só por estar em Macau mas também pelo percurso que fiz de escola. E havia uma série de coisas que, ao olhar para o desenho do edificio, para mim eram um exorcismo."

Rui Leão admite ter sido apanhado de surpresa pela distinção da UNESCO, apesar de gostar muito do projecto e de ter sido vontade sua levá-lo a apreciação. "Eu queria muito submeter



Rui Leão admite ter sido apanhado de surpresa pela distinção da UNESCO, apesar de gostar muito do projecto e de ter sido vontade sua levá-lo a apreciação



o projecto [à UNESCO], porque gosto imenso deste trabalho. Tem uma coisa que às vezes é difícil: a relação com o cliente. Mas com a direcção da escola correu lindamente, a gente conseguiu chegar a um ponto de entendimento quase no início do projecto. A construção foi simples, feita durante mês e meio, dois meses de férias de Verão – começou o ano lectivo e isto estava pronto. A gente depois começou a passar por cá e a olhar para a sala de leitura, e era um prazer ver os miúdos a usar isto. Os professores também reagiram muito bem", conta.

DISTINÇÕES

Não é a primeira vez que o atelier de Rui Leão soma prémios. Em 2006 recebeu uma medalha de ouro da ARCASIA pelo projecto da Praça Nam Van; e em 2010 foi distinguido com uma medalha de excelência pelo parque urbano junto ao acesso à ponte Sai Van. Só que o projecto da EPM foi "um exercício total". "O programa permitia-o, o lugar permitia-o, o cliente permitia-o. Havia condições para fazer aqui uma coisa que fosse plena."

O resultado foi agora reconhecido pela UNESCO e Leão aplaude a distinção de projectos privados e de pequena escala. "O facto de não ir aos projectos promovidos pelo Governo, tem mesmo essa intenção de reconhecer o esforço das comunidades em relação ao património. Esse é que é o exercício mais difícil." O arquitecto diz que "o Instituto Cultural tem mantido uma actividade exemplar a nível de património", mas adita que "a parte institucionalizada do património não chega, porque há uma quantidade enorme de património que está nas mãos de privados e, se não houver uma acção emancipatória de quem tem a gestão desses edifícios, realmente é grave".

Para o arquitecto, é "muito importante" que a UNESCO olhe "para estes projectos, onde se pode fazer alguma diferença". "Há operações mais institucionais em que se vai implementar uma coisa num edificio antigo mas, por muito bom projecto que haja, é dificil ter uma atitude sensível em relação ao contexto. Aqui houve todas as condições." Em casos como o da construção da sala de leitura da EPM, Leão considera que "se o processo não for bem instruído, é sempre um desastre". "O que acho − e acho que esta operação é um exemplo − é que nunca tem de ser um desastre, pode ser sempre ganho." ●

OJORNALISTA PATRIOTA

Dedicou toda a sua vida à escrita, pois sabia bem o poder que as palavras e os livros possuem. Chan Tai Pak é um jornalista veterano de Macau que combateu a invasão japonesa à China de caneta na mão. Ao longo de mais de 70 anos de carreira, este homem escreveu a história de Macau e não só

Texto Alexandra Lages | Fotos Arquivo Histórico de Macau e Gonçalo Lobo Pinheiro



PESSOAS



bilhete de identidade de Macau diz que Chan Tai Pak tem 97 anos, mas nem sempre os documentos de identificação estão certos. Chan entrou pela primeira vez em Macau com cinco anos de idade. Fazendo bem as contas, já ultrapassou os 100 anos, mas ainda tem uma lucidez de fazer inveja.

O corpo já está cansado, mas ainda consegue ler uma caligrafia chinesa a olho nu e contar as suas histórias de valor incontornável. Foi jornalista e Macau hoje presta-lhe homenagem pelo contributo que teve não só para a imprensa e cultura locais, mas para a resistência à invasão japonesa.

Chan Tai Pak foi um trabalhador incansável. Só se reformou em 2009. "Tinha quase 98 anos", conta Lau Fong, directora do Arquivo Histórico de Macau. Nasceu no seio de uma família humilde de Xinhui, na Província de Guangdong. Na escola, destacou-se como um aluno brilhante, mas também foi autodidacta. Aprendeu sozinho Filosofia, Retórica e Comunicação.

"É um jornalista veterano com mais de 70 anos de carreira. Começou a participar nos jornais diários *Chiu Iong* e *Tai Chung* em 1935", continua Lau Fong. Conhecer a história de Chan Tai Pak é recuar no tempo. Um tempo em que

eram os jornais o único meio de informação. Era através deles que as pessoas iam sabendo as notícias locais e do mundo, principalmente aquelas que vinham do outro lado da fronteira. Como era muito pobre, o jovem Chan só conseguiu estudar até à escola primária. A vontade de continuar era tanta que não se conformou e mudou-se para Cantão, onde reiniciou os estudos enquanto trabalhava numa fábrica para cobrir as despesas. Apesar de todas as dificuldades, conseguiu concluir a escola secundária. Queria muito ser jornalista e começou a ler livros sobre a profissão, bem como obras de filósofos europeus e chineses. Em 1935, começou então a trabalhar no jornal diário Chiu Iong em Macau e arranjou um segundo trabalho no Tai Chung Pou, onde

REPÓRTER DE GUERRA

Dois anos depois de Chan se iniciar na profissão de jornalista, rebenta a segunda guerra sino-japonesa, no dia 7 de Julho de 1937. "Ainda que a guerra não tenha entrado em Macau, viveram aqui muitas pessoas ligadas a esse conflito, e os jovens tinham muita vontade de apoiar a China. Então, estes dois jornais diários juntaram-se e

escreveu durante mais de sete décadas.



criaram uma associação. Esta associação tinha quatro círculos: académico, música, desportiva e de teatro ou ópera", conta a directora do Arquivo Histórico.

O jornalista veterano filiou-se na Associação Quatro Círculos de Macau para a Assistência nas Calamidades desde a primeira hora. "Esta associação recolhia doações de materiais e dinheiro para apoiar a China. Além de participar neste tipo de movimento, Chan Tai Pak publicitava através do jornal as notícias do movimento da China e de Macau. "Foi importante, porque na altura não havia rádio nem televisão", diz Lau Fong.

A Associação dos Quatro Círculos foi o maior movimento associativo anti-japonês em Macau. Chan foi membro do conselho e director de assuntos gerais da organização, bem como membro do Regimento de Apoio dos Expatriados à Pátria. Dedicou-se de corpo e alma ao movimento de resistência à agressão japonesa e de salvação nacional. "Ele conhece muito bem aquela época. É o único sobrevivente da Associação dos Quatro Círculos", destaca Lau Fong.

Ao mesmo tempo que era o responsável pelos assuntos gerais da organização, organizava equipas que eram enviadas para a Província de

Guangdong e ainda tinha tempo para escrever relatos sobre aqueles tempos.

O jornalista é também uma testemunha viva da Segunda Guerra Mundial. "Trabalhei todos os dias durante a Segunda Guerra Mundial", disse. "Era comum haver cortes de electricidade e tínhamos que usar velas. A impressão do jornal era muito cara, então tínhamos que usar papel de pouca qualidade e apenas imprimir quatro ou oito páginas", recorda Chan.

"Tínhamos que terminar os artigos cedo para que os censores pudessem lê-los primeiro. Eles apagavam palavras como 'patriota' e deixavam apenas um espaço em branco. Então tínhamos que ser muito subtis e arranjar maneiras de dizer as coisas de forma indirecta", relembra.

Em tempos de guerra, o trabalho dos jornalistas era essencial. "Em 1942, as coisas ficaram piores com a queda de Hong Kong e das zonas vizinhas, o que tornou Macau uma 'ilha isolada'," relata Chan. A escrita era cada vez mais uma forma de resistência. E o jornal era a trincheira de Chan. "O poder do inimigo estava a crescer muito rapidamente em Macau, com os seus lacaios a actuarem sem controlo. Na linha da frente das notícias de guerra, nós tínhamos que prosseguir com o nosso trabalho,

www.revistamacau.com 117

PESSOAS

manter a opinião da nação e garantir que não era manchada pela propaganda inimiga de forma alguma. O Governo colonial não conseguia resistir a toda esta pressão e foi forçado a banir todos os tipos de actividades patrióticas em Macau. A polícia secreta japonesa assassinava pessoas de quem o inimigo não gostava", conta.

PRIMAVERA NEGRA

O bloqueio japonês era cada vez mais forte. O principal abastecedor de alimentos a Macau era a China. Havia fome e morte nas ruas da cidade. "Neste período de escassez de cereais e outros bens essenciais, havia um pequeno número de pessoas que aproveitou a oportunidade para comprar e acumular alimentos, tornando a situação ainda pior. Isso causou um cenário sem precedentes em Macau. Havia muita fome e um número incontável de pessoas a chorar copiosamente por comida. E acrescente a isso tudo um Inverno especialmente frio e, com a

chegada de ventos ferozes, isso trouxe uma Primavera negra [em 1942]. Pessoas morreram de frio e fome", diz.

A resistência tinha que ser feita a todos os níveis. "Naquele tempo, uma pessoa patriota enfrentava todos os tipos de pressões e dificuldades, para manter a atitude até ao dia da vitória."

A VITÓRIA

O conflito chega ao fim oito anos depois, em 1945, no mesmo ano em que termina a Segunda Guerra Mundial. Depois de anos a viver à custa de senhas de distribuição de arroz, uma época que consta nos períodos mais negros de Macau, o jornalista volta a garantir a sua presença nas páginas da história do território.

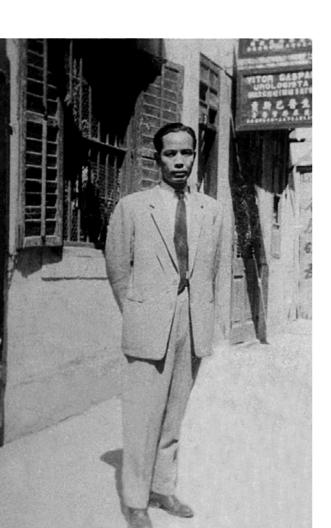
Na década de 1960, participou na preparação dos trabalhos para a criação da primeira associação dos trabalhadores da imprensa de Macau, estabelecida após a fundação da República Popular da China.



Ao longo dos anos, Chan desenvolveu a sua vertente literária e escreveu numerosos artigos para jornais, abordando assuntos tão diversos como filosofia, linguística, actualidades, bemestar e saúde. Publicou vários livros ao longo da sua carreira, que se tornaram referências obrigatórias para o estudo da história de Macau. É o caso de Filhos e Filhas de Macau no Tempo e Colecção de Tianming Zhai.

As suas *Crónicas de um Homem Honesto* são um exemplo do seu trabalho jornalístico. Na sua obra literária, também consta a publicação *Princípios Básicos da Gramática Chinesa*, compilada e editada pelo jornalista.

Chan foi um homem activo tanto na escrita como no coleccionismo. Ao longo dos anos, o jornalista guardou documentos e objectos que incluem revistas de guerra e armas do exército japonês. O seu contributo fica guardado no espólio do Museu de Macau e no Arquivo Histórico.



CRONOLOGIA Terá nascido na Província de Guangdong É a data de nascimento no bilhete de identificação de Macau, mas, na verdade, foi guando a família emigrou para Macau Inicia a carreira de jornalista no diário Chiu long Filia-se na Associação Quatro Círculos de Macau para Assistência de Calamidades Participa na preparação para a fundação da primeira associação de trabalhadores da comunicação social de Macau Torna-se membro da direcção da Associação dos Trabalhadores de Imprensa de Macau que foi criada no mesmo ano Lanca a obra Filhos e Filhas de Macau no Tempo Publica a Colecção de Tianming Zhai, textos onde faz o relato dos acontecimentos durante a guerra sino-japonesa É premiado com a medalha de Mérito Cultural pelo Governo da RAEM

Doa uma grande colecção de fotografias pessoais e outros materiais que reuniu durante toda a sua vida à Associação de Jornalistas de Macau



Prémio Jabuti para o melhor romance, prémio da Associação Paulista dos Críticos de Arte para o melhor livro de ficção, primeiro prémio Portugal-Telecom de Literatura em Língua Portuguesa, e a lista continua. *O Filho Eterno* de Cristovão Tezza foi um dos mais recentes fenómenos de popularidade no Brasil e fora. Desde 2007, ano de edição, a obra foi publicada em Itália, França, Espanha, Holanda, Austrália e Nova Zelândia. Para o ano é a vez da China.

"O livro teve um impacto muito forte e muito rápido, começou a ganhar uns prémios atrás dos outros e as propostas de traduções foram surgindo", conta o escritor. Conversamos à sombra das deliciosas cânforas do Albergue SCM, ao segundo dia dele na cidade. "Para a versão em mandarim foi uma chinesa que esteve no Brasil, leu o livro, gostou e, são aquelas coisas acidentais, ela sugeriu a tradução a uma editora amiga da People's Literature Publishing House. Eles entraram em contacto com a minha agente e a edição estará pronta em Junho do próximo ano", continua.

Vai ser o primeiro livro de Tezza traduzido para o chinês. Um privilégio de poucos escritores brasileiros, confirma o escritor. "O trânsito da literatura brasileira com a chinesa é muito ralo, quase nada. Por exemplo, o Brasil não tem nenhum livro traduzido do novo Nobel [da Literatura, Mo Yan]. Tem uma muralha da China que a gente precisa furar para fazer circular a literatura dos dois países."

ÊXITO INESPERADO

Considerada uma das dez melhores obras de ficção da década no Brasil pelo jornal *O Globo* em 2009, *O Filho Eterno* demorou 20 anos a sair da gaveta. Vinte anos de maturação da escrita e preparação psicológica para derramar em livro a experiência mais impactante da vida de Cristovão Tezza — o nascimento do filho Felipe com síndrome de Down. Mas o escritor recusa que se tenha tratado de qualquer espécie de catarse. "A catarse não é uma boa conselheira literária. Escrever para desabafar, deitar para fora. A boa literatura é como a vingança, tem de ser escrita a frio, com a devida distância", diz.

A vontade de enfrentar o tema surgiu depois de terminar *O Fotógrafo* (2004). "Estava a sentirme covarde e dizia para mim mesmo 'não posso fugir disso aí, tem que enfrentar isso aí', então passei um ano a tentar descobrir qual a linguagem a usar para abordar o tema, até que peguei na embocadura romanesca de ficção e transformei aquele pai num outro, usei factos da minha biografía e escrevi um romance."

No livro, Tezza expõe as inúmeras dificuldades e pequenas vitórias de criar um filho com síndrome de Down, do anúncio do problema à separação da mulher e à reflexão pessoal. Traçado dentro do estilo que o autor chama de "realismo reflexivo", Tezza diz que com O Filho Eterno, distinguido com o prémio Charles Brisset da Associação Francesa de Psiquiatria, retomou não só aquilo que o formou enquanto homem e pai, mas também enquanto escritor - a sua geração. "Ali tinha uma questão central que eu queria desenvolver e que era: por que é que aquele pai utopista, que vivia todos os sonhos igualitários e a favor de todas as diferenças, fracassou tão completamente quando o primeiro diferente atravessou na vida dele? O livro trabalha isso, essa relação.



IMMOBILIS SAPIENTIA

Natural de Santa Catarina, Cristovão Tezza, 60 anos, foi um jovem rebelde. E foi essa rebeldia que construiu a sua literatura. No final dos anos 1960 juntaram-se as circunstâncias sociais e políticas do país, governado por um regime autoritário de 1964 a 1985, com o desejo de escrever e ser artista. A mentalidade da época favorecia essa vontade. Escreveu os primeiros rascunhos na adolescência. "Eram textos muito ruins, muito fracos, era só a vontade de escrever, mas eram denúncias sociais, sonhos de utopia, projectos existenciais. Isso marcou muito o meu começo de carreira de escritor", recorda.

A universidade não estava nos planos. Não queria

que uma instituição o "sufocasse" como escritor, uma ideia comum na época. Para se sustentar trabalhou como relojoeiro, passou pela Escola de Formação de Oficiais da Marinha Mercante e também foi actor e escreveu peças no Centro Capela de Artes Populares de Curitiba. Em 1970 concluiu o

"O trânsito da literatura brasileira com a chinesa é muito ralo, quase nada. Por exemplo, o Brasil não tem nenhum livro traduzido do novo Nobel [da Literatura, Mo Yan]. Tem uma muralha da China que a gente precisa furar para fazer circular a literatura dos dois países"

ensino médio no Colégio Estadual do Paraná e quatro anos depois partiu para Portugal para ver de perto "a festa" de que Chico Buarque falava na canção. "Consegui uma passagem de ida - os tempos eram tão inocentes que a gente ia para a Europa só com a passagem de ida e deixavam entrar (risos) -, consegui uma matrícula na Universidade de Coimbra pelo Convénio Luso-Brasileiro, mas a universidade estava fechada por causa da Revolução dos Cravos. O que até foi bom porque fui para a Alemanha. Fui para a Alemanha lavar pratos! (risos)."

O primeiro livro "mais ou menos maduro" que escreveu, *A Cidade Inventada* (1980), nasceu das andanças pela Europa. Viagens que lhe permitiram não só a experiência de viver o momento da queda dos regimes e o renascer da democracia, como ter acesso a livros e filmes que a censura não deixava entrar no Brasil em ditadura. "Para mim ver o meu país de longe foi uma coisa muito boa. Eu lia todos os livros

liberados, sobretudo literatura universal como as peças de Beckett e os romances de Faulkner. E via os filmes de Costa Gavras e Pasolini numa época que era de formação para mim. Ao mesmo tempo ia acompanhando a turbulência política de Portugal que num ano teve cinco governos provisórios. Isso para mim foi um aprendizado político importante", explica.

Uma das recordações que guarda com carinho são as horas de leitura na Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra. "Um dos contos de *A Cidade Inventada* tem o nome em latim que é *Immobilis Sapientia* (Sabedoria Imóvel). Foi inspirado naquela biblioteca enorme, meio sinistra!"

BRASIL LIVREIRO

Quando regressou ao Brasil "o sonho acabou". "Comecei uma vida mais tranquila, fiz o curso de Letras na universidade e transformeime em professor", conta Tezza. Trabalhou como professor de Língua Portuguesa primeiro na Universidade Federal de

Santa Catarina, em Florianópolis, e depois na Universidade Federal do Paraná. Nessa altura publicou várias obras.

Trapo (1988) tornou-o conhecido nacionalmente, seguiram-se Breve Espaço entre Cor e Sombra (1998), contemplado com o Prémio Machado de Assis da Biblioteca Nacional, e O Fotógrafo (2004) que recebeu, no ano seguinte, o Prémio da Academia Brasileira de Letras e o Prémio Bravo!. Vinte anos depois, com o sucesso de O Filho Eterno, Tezza deixou o ensino para se dedicar exclusivamente à literatura.

"No Brasil há uma nova geração para quem isso já não é tão impossível, melhorou bastante o panorama de quem começa a escrever", diz o escritor que tem como principais referências na literatura brasileira Machado de Assis, Graciliano Ramos e Carlos Drummond de Andrade. E faz questão de acompanhar a par e passo as novas gerações. "Na literatura contemporânea o Brasil está a viver uma renovação muito grande. Acho

que houve um momento de silêncio entre os anos 1970 e 1990, um pouco pela ditadura e as circunstâncias da época, mas agora está a surgir uma nova geração de autores muito boa. Acho que a literatura brasileira vai crescer muito nos próximos anos."

O escritor atira nomes como Daniel Galera (Cordilheira, 2008), Michel Laub (Diário da Queda, 2011), Bernando Carvalho (Nove Noites, 2002) e Paulo Scott (Habitante Irreal, 2010). "Está a haver uma recuperação do realismo, o realismo no sentido mais genérico, não específico de escola literária porque isso já não faz sentido. Mas no sentido de um olhar mais realista para a história e menos poético no sentido dos anos 1970, que poetizou tudo e a prosa esfarelou-se, perdeu-se. Está a haver um renascimento da prosa narrativa muito forte", refere acrescentando à lista de referências o autor seu contemporâneo Milton Hatoum (Dois Irmãos, 2000).

Já Paulo Coelho "é um fenómeno global" que não está inserido numa tradição histórica literária do Brasil, na perspectiva do escritor. "Ele trabalha com signos de um mundo já

globalizado, de fórmulas mágicas, auto-ajuda, narrativas moralizantes com toques de sabedoria do Oriente. E claro que teve o talento de fazer isso e encontrar o seu leitor", diz.

De Portugal, Tezza confessa-se um admirador de Gonçalo M. Tavares, aproveita para elogiar a "generosidade" das editoras brasileiras no que toca à edição de literatura lusófona. "O mercado deu um salto de qualidade nos últimos anos, bem significativo."

Com um livro acabado de publicar, O Espírito da Prosa, ensaio não académico sobre o romance com toques autobiográficos, Cristovão Tezza admite que já tem um novo romance na calha e "mais ambicioso". "Quero fazer uma reflexão dos últimos 20 anos do Brasil. Pensei chamálo A Homenagem mas mudei para O Professor, só que ainda nem sei qual vai ser a linguagem do livro", diz. A curto prazo quer aproveitar as viagens e o descanso para amadurecer a história. E da primeira visita a Macau leva um livro de Henrique de Senna Fernandes debaixo do braço e uma crónica a publicar na coluna semanal que assina no iornal de Curitiba Gazeta do Povo.



ORQUESTRA REAL NACIONAL ESCOCESA



Tem 120 anos de história e sede em Glasgow. Vem a Macau encerrar uma digressão pela China. Dirigida pelo maestro britânico-canadiano Peter Oundjian, a orquestra vencedora do Diapasão de Ouro para música sinfónica e nomeada oito vezes para os Grammy vai interpretar três peças: a Sinfonia n.º 3 Escocesa de Mendelssohn. O Pássaro de Fogo (1919) de Stravinsky e *O Casamento* de Orkney, com Alvorada de Maxwell Davies ao som de gaitas de foles escocesas tradicionais

Centro Cultural de Macau 5 de Janeiro

OYSTER Inbal Pinto & Avshalom Pollack Dance Company (Israel)

Tem a marca do realizador Tim Burton e histórias como A morte melancólica do Rapaz Ostra, e também do imaginário de Federico Fellini e da coreógrafa Pina Bausch. É um espectáculo de humor negro que mistura vários géneros performativos envoltos num universo circense, em que os actores se fazem acompanhar por uma banda sonora em tons de ópera, tango e canto gutural. Concebida no final dos anos 1990 já passou por 400 palcos de Nova Iorque a Xangai.

Centro Cultural de Macau 5 Dezembro



CONCERTC DE NATAL -NOTAS DE DANÇA

Do Quebra-Nozes de Tchaikovsky a vários cânticos de Natal dirigidos pelo maestro Francis Kan, a Praça do Tap Seac vai encher-se de personagens encantadas na celebração do feriado natalício. A Orquestra de Macau fica encarregue das notas musicais

Praça do Tap Seac, Macau 22 Dezembro

HÉLÈNE GRIMAUD

Inclui clássicos de Mozart a Liszt, passando pela contemporaneidade de Berg e as Danças Populares Romenas de Bartók. Hélène Grimaud passou por inúmeros festivais internacionais e colaborou recentemente com orquestras como as Filarmónicas Checa. de Viena, de Berlim ou a Sinfónica de São Francisco. Agora, a vencedora do Musikfest Bremen em 2009 e o Preis der Dresdner Musikfestspiele em 2012, toca pela primeira vez em Macau, no Grande Auditório do CCM

Centro Cultural de Macau 26 de Janeiro

Exposição Retrospectiva Fotográfica de Clive Barda

Jacqueline du Pré, Riccardo Muti e Luciano Pavarotti são alguns dos músicos clássicos captados pela lente do fotógrafo britânico entre 1968 e 2011. A mostra organizada conjuntamente pelo Instituto Cultural e o British Council inclui 102 exemplares que cobrem uma série de temas e épocas, sempre em cenários como a ópera, danca, concertos vários e ensaios. inclusive duas imagens captadas em Macau nos anos 1990. A mostra está integrada no festival "UK Now", o maior festival de cultura e artes britânicas da China.

Galeria Tap Seac, Macau Até 9 de Dezembro

CORPOS HUMANOS

A exposição organizada pela Imagine Entertainment em parceria com a empresa Dalian Hoffen Biotechnique, exibe corpos conservados através da técnica de preservação de matéria biológica chamada plastinação, criado por Gunther von Hagens em 1977. São centenas de partes do corpo humano com legendas explicativas numa autêntica uma aula de anatomia aberta ao público.

Galeria Tap Seac, Macau Até 9 de Dezembro

VIDEO ART FOR ALL - IN-TERNATIONAL VIDEO ART FESTIVAL 2012

Desafía todos os criadores locais e não locais de videoarte, inclui uma série de sessões e culmina numa exposição dos dez trabalhos favoritos e um prémio. O VAFA, organizado pela associação artística local Art For All Society e a Fundação Oriente, vai na terceira edição conduzida pelo sucesso das edições anteriores. No ano passado recolheu 160 obras de quase uma centena de artistas de todo o mundo, incluindo de países e regiões como o interior da China, Taiwan, Hong Kong, Alemanha, Suécia, Inglaterra, Itália, Turquia, Índia, Singapura e Chile.

Fundação Oriente e Sky 21, Macau Até 6 de Janeiro





FACES DA CIDADE — EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE CARTAZES

Uma centena de imagens, dezenas de cidades de todo o mundo representadas em cartazes de estilos e formas diversas. A exposição é organizada por ideia e com o apoio da Associação dos Criativos de Kaohsiung, e apresenta o desenvolvimento socioeconómico, cultural e factores ambientais das urbes através dos olhos de designers conceituados como Andrew Lewis, Armando Milani, Kari Piippo, Fons Hickmann, Asaba Katsumi, Katsui Mitsuo, Kenya Hara e Kumnam Baik, entre muitos

Museu de Arte de Macau Até 31 de Janeiro

www.revistamacau.com 125

CARTAZ | DISCOS



RUA DOS AMORES Diavan

Depois de um disco composto por músicas de outros autores, este é o novo registo de originais de um dos grandes compositores e vozes da música popular brasileira. O amor e a multiplicidade e justaposição de temas e opiniões características do trabalho de Djavan volta a ser acompanhado neste álbum pela banda que o acompanhou durante anos e com quem não colaborava há 15. O disco sucessor de Ária (2010) é bossa nova, free jazz, MPB e samba. Djavan assina não só a composição como os arranjos e produção dos 13 temas que o compõem.

Emarcy | 2012



Kleber Cavalcante Gomes tem 37 anos e começou a cantar há 23. Fundou a Rinha dos MC's, que organiza batalhas de *freestyle*, espectáculos semanais, exposições de *graffiti* e fotografia em

O MISTÉRIO

Teresa Salgueiro

A mítica voz dos Madredeus está de volta e a solo. Depois de *Obrigado* (2006), e trabalhos em parceria com Septeto João Cristal e os Lusitania Ensemble, este disco é o resultado de 25 anos de carreira composto de melodias com composição e letras assinadas pela própria artista. São 17 reflexões sobre a dimensão humana ao som da percussão, acordeão, guitarra e piano. António Pinheiro da Silva co-produziu este primeiro álbum de originais da cantora gravado num estúdio montado de raiz no Convento da Arrábida. É um disco pensado para ser reproduzido ao vivo em espectáculos como o que passou recentemente pela Fortaleza do Monte, integrado no Festival Internacional de Música de Macau 2012.

Cidadela das Artes | 2012



São Paulo (Brasil). Este é o segundo disco do artista conhecido como Criolo, que já coleccionou uma série de prémios e foi considerado o melhor álbum do ano, e *Não Existe Amor em SP* o melhor tema, pela revista *Rolling Stone* brasileira. O repertório já viajou do Brasil a Buenos Aires e Nova Iorque, e inclui temas como *Bogotá*, que celebra a influência da

música africana, e o samba Freguês da Meia-Noite. São dez canções com letras que deslizam através de géneros tão diversos como o samba, afrobeat, bolero, reggae, rap, soul e romântico, editados com apoio do centro cultural independente sem fins lucrativos Matilha Cultural em vinil e CD.

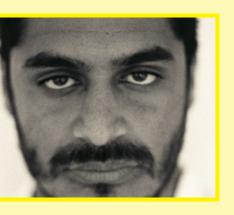
Independente | 2011

ENTRE AMIGOS

António Chainho

Era um sonho antigo a pensar na ponte musical construída entre Portugal e o Brasil com a guitarra portuguesa. A colectânea reúne gravações que o guitarrista alentejano fez com músicos e amigos com quem partilhou as últimas duas décadas da vida e carreira musical que começou em Lisboa. O disco inclui temas como Voando sobre o Alenteio com Rao Kyao, e lembranças dos tempos em que ajudou a lançar novos talentos do fado como Camané, para quem compôs o original Pietá. Também canções do disco A Guitarra e Outras Mulheres, acompanhado por vozes femininas como as de Teresa Salgueiro, Filipa Pais, Elba Ramalho e Adriana Calcanhoto, e outros nomes do outro lado do Atlântico como Ney Matogrosso e Paulinho Moska. Ainda Goa, através de Beijo de Sal, com letra e interpretação da Isabel Noronha.

Art'orfeu media | 2012





ARIADNE

Adriana Queiroz

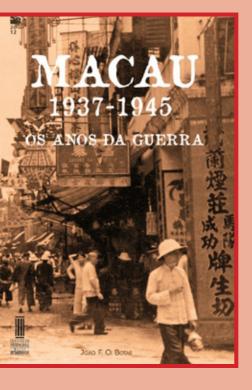
Com percurso artístico na dança, teatro, cinema, a antiga bailarina clássica da Companhia Nacional de Bailado e Ballet Gulbenkian aventurou-se na música. Este álbum de estreia inclui temas escritos por Sérgio Godinho, Fausto, Pedro Jóia, Amélia Muge, Teresa Tinoco e Tiago Torres da Silva. Ariadne tem direcção musical de Pedro Jóia e interpretação de, além de Jóia, músicos como Filipe Raposo, Yuri Daniel, Mário Delgado e Vicky Marques, onde se nota a influência das

referências francófonas como Serge Gainsbourg e Jacques Brel que a cantora recolheu à passagem por Paris, onde completou os estudos de Dança na Académie Internationale de la Danse.

Editorial Graó | 2012



www.revistamacau.com



MACAU 1937 – 1945: OS ANOS DA GUERRA

João Botas Instituto Internacional de Macau, 2012

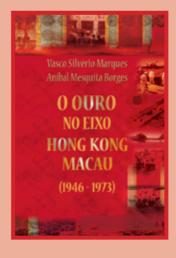
Organizado cronologicamente, inclui testemunhos e imagens inéditas de um dos períodos mais conturbados da história do século XX recolhidos por João Botas. Apaixonado pela história de Macau e autor do blogue Macau Antigo, o jornalista e investigador a residir em Portugal tem ligações com o território que remontam à década de 1980. O livro tem por base textos publicados em inúmeras publicações, como *A Voz de Macau*, *O Século* ou o *Notícias de Macau*, e relata episódios da chamada Guerra do Pacífico durante a administração portuguesa. O quotidiano da "cidade abrigo" sobre a qual pouco se escreveu, através dos testemunhos de personalidades locais do passado e presente como Artur Tamagnini Barbosa, padre Manuel Teixeira, Stanley Ho e Henrique de Senna Fernandes.

O OURO NO EXO DE HONG KONG-MACAU

Vasco Silvério Marques e Abílio Mesquita Borges Instituto Português do Oriente, 2012

Nasceu da vontade de colmatar uma lacuna no registo da História de Macau. É o 25.º título da colecção "Memória do Oriente" e

aborda a questão da secular existência do território como colónia portuguesa inserida no contexto chinês, e o exercício de política externa e administração colonial que envolveu. Conta a história do monopólio que dominou a economia de Macau antes da explosão do jogo e que, nas palavras dos autores, é "um negócio importante no território durante cerca de 30 anos que pouca gente conhece".



CHINESES E CHÁ NO BRASII

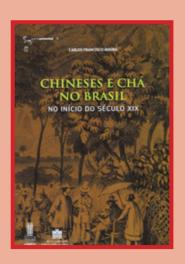
Carlos Francisco Moura Instituto Internacional de Macau, 2012

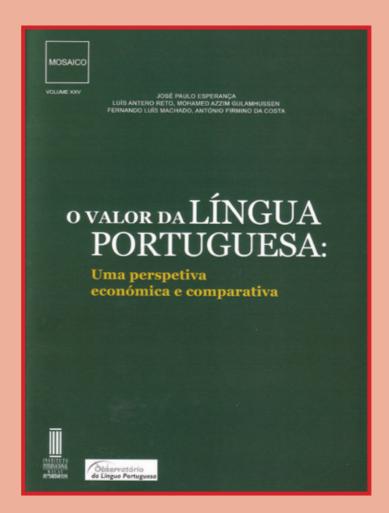
É o quinto volume da colecção Suma Oriental, mais um trabalho de investigação sobre temas relacionados com as ligações Portugal, China e Macau. Investigador e colaborador da Revista de Cultura do Instituto Cultural de Macau, o autor de Liou She Shun aborda agora a relevância da ligação estabelecida entre Macau e o Rio de Janeiro a partir da instalação de D. João VI e da corte portuguesa no Brasil. A obra identifica os factos mais significativos dessa relação e inclui documentação e um glossário sobre a temática.

OS DORES

Henrique de Senna Fernandes Instituto Cultural, 2012

Acompanhado pela aguardada reedição do grande clássico do autor falecido em 2010, Amor e Dedinhos de Pé, o romance Os Dores é o inédito deixado inacabado, tal como agora é publicado, mas que segue a linha de toda a obra deixada pelo escritor macaense. Conta a história da personagem Leontina das Dores, uma jovem mestiça encontrada na Coloane do século XX por uma família macaense, cujo destino é acompanhado pelas descrições das mais variadas ambiências da cidade da época a que Henrique de Senna Fernandes habituou os seus leitores. Das casas senhoriais aos botequins e primeiras salas de cinema, passando pelo encontro de culturas, separações hierárquicas e religião.

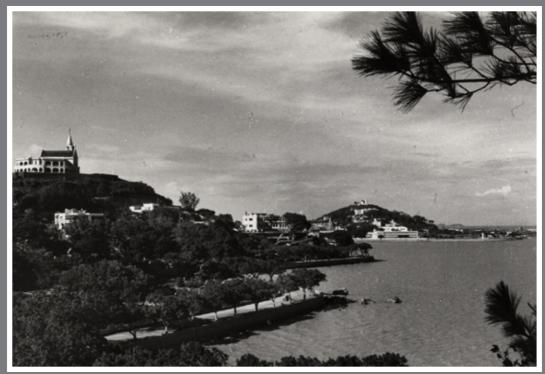




O VALOR DA LÍNGUA PORTUGUESA

José Paulo Esperança, Luís Antero Reto, Mohamed Azzim Gulumhussein, Fernando Luís Machado e António Firmino da Costa Instituto Internacional de Macau, 2012

É um estudo que começou em 2008 e resultou de uma iniciativa do Instituto Camões, que inclui os resultados de inquéritos feitos a estudantes espalhados pelo mundo. É uma versão abreviada e adaptada da obra *Potencial Económico da Língua Portuguesa* e foi feito pela equipa de investigação do Centro de Estudos de Sociologia ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa. Como o nome indica, é uma reflexão sobre o valor do idioma luso, que passa pela posição da língua no contexto das principais línguas mundiais, o valor económico e a sua influência no investimento interno e externo.



Arquivo Histórico de Macau

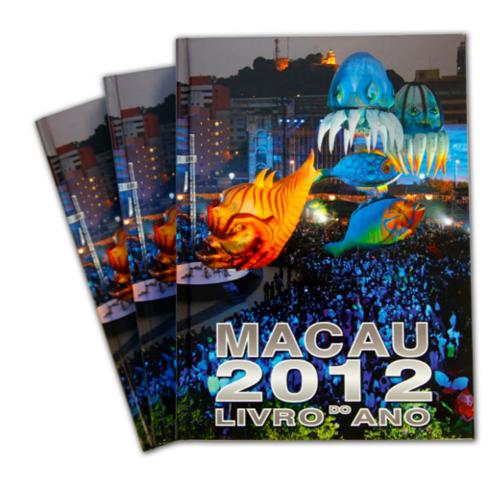
PRAIA DO BOM PARTO, 1925

Esta área estendia-se da orla marítima da Praia Grande até à Praia do Bom Parto, incluindo o que é hoje a Av. Doutor Mário Soares, a Av. da Praia Grande e a Av. da República. A partir do séc. XIX, os portugueses foram construindo várias mansões ao longo desta marginal, fazendo desta costa uma das mais bonitas do Sudeste Asiático e uma das principais atracções turísticas da região. Vários foram os filmes já rodados neste magnífico cenário. Mais tarde, novos aterros originaram os actuais lagos artificiais de Nam Van e Sai Van.

MACAU 2012

As edições em língua chinesa, portuguesa e inglesa do **MACAU 2012** – Livro do Ano, uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), já estão à venda.

O MACAU 2012 – Livro do Ano é uma publicação que regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da região administrativa especial, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos quantos desejam estudar e compreender melhor Macau. O MACAU 2012 – Livro do Ano, edições chinesa, portuguesa e inglesa, pode ser adquirido ao preço de capa de 120 patacas por exemplar, acompanhados da oferta de um CD-ROM com a versão PDF do livro, nas maiores livrarias de Macau e no Centro de Informações ao Público, na Loja de Filatelia (Estação Central dos Correios) ou nas estações dos Serviços de Correios da Rua do Campo, do Terminal Marítimo do Porto Exterior, do Aeroporto e dos Jardins da Nova Taipa, bem como nas livrarias da The Commercial Press Ltd, em Hong Kong.



O seu melhor companheiro de viagem para visitar Macau Faça o download gratuito da app "Sentir Macau

Your best travel companion while traveling in Macau

Download your "Experience Macau" app for FREE







